



Expediente: Publicação do Sindicato dos Comerciários de São Paulo

Rua Formosa, 409 - CEP 01049-000 São Paulo/SP - Tel.: 2121-5900 www.comerciarios.org.br

RICARDO PATAH

Subsede Pinheiros Rua Deputado Lacerda Franco, 125 - CEP 05418-000 São Paulo/SP - Tel.: 2142-3300 - Fax 2142-3307 pinheiros@comerciarios.org.br

Subsede Tatuapé Rua Dr. Raul da Rocha Medeiros, 72 - CEP 03071-100 São Paulo/SP - Tel.: 2296-8557 - Fax 2296-8191 tatuape@comerciarios.org.br

Subsede Higlenópolis Av. Higienópolis, 618 - CEP 01238-000 (Piso Higienópolis) São Paulo/SP - Tel.: 3668-7193/7495

Subsede Lapa Rua 12 de Outubro, 385

4º andar - cjs. 41/42 e 6º andar cj. 62 CEP 05073-001 - São Paulo/SP - Tel.: 2131-9900/9901

Subsede Santo Amaro

Rua Coronel Luis Barroso, 102/106 - CEP 04750-030 São Paulo/SP - Tel.: 2162-1700/1701/1702 santoamaro@comerciarios.org.br

Subsede Santana

Rua Voluntários da Pátria, 1.961 - 4º andar cjs. 401/402 CEP 02010-600 - São Paulo/SP - Tel : 2121-9250/9254 santana@comerciarios.org.br

Subsede São Migue

Rua Arlindo Colaço, 162 CEP 08010-010 - São Paulo/SP - Tel.: 3466-9600

Ambulatório Médico/Odontológico Rua Dr. Diogo de Faria, 967 - CEP 04037-003 São Paulo/SP - Tel.; 2142-3350 - Fax 2142-3363 ambulatorio@comerciarios.org.br

Clube de Campo Estrada do Morro Grande, 3.000 - CEP 06719-500 Cotia/SP - Tel.: 4616-2876 - Fax 4616-2878 clubedecampo@comerciarios.org.br

Colônia de Férias

Av. Guilhermina, 240 - CEP 11700-500 Praia Grande/SP - Tel.: (0XX13) 3474-2310 Fax (0XX13) 3491-2430 ias@comerciarios.org.br

Diretoria:

Ricardo Patah: presidente José Gonzaga da Cruz: vice-presidente

Edson Ramos: secretário-geral

Antonio Carlos Duarte: tesoureiro Cleonice Caetano Souza: diretora do jurídico Antonio Evanildo R. Cabral: diretor de educação,

formação profissional e esportes Josimar Andrade de Assis: diretor do patrimônio Aarcos Afonso de Oliveira: diretor de relações sindicais Nelldo Francisco de Assis: diretor de assistência

social e previdência Conselho Fiscal Efetivos:

Avelino Garcia Filho - Domingos Serralvo Moreno Adriana Machado

Delegados Federativos

Nildo Nogueira - Wilson Moura da Silva

ditora e Jornalista responsável: Elaine Gazonni MTb 17.654/SP Programação Visual, Artes e Diagramação: Laudate Fotos: Jaélcio Santana e Arquivo Sindicato

pem: 70 mil exemplares





PALAVRA DO PRESIDENTE

CONQUISTAS SEMPRE



s trabalhadores comerciários de São Paulo estão celebrando importantes conquistas para a categoria. Em primeiro lugar, o aumento que conquistamos este ano foi muito significativo, pois pelo quarto ano consecutivo conseguimos fechar um importante acordo salarial, resultando em aumento real para os 430 mil comerciários paulistanos. A vitória é significativa, pois para um INPC de 4,28%, nosso reajuste em setembro foi de 6%, o que representa um ganho real de 1,13%. A conquista do aumento real é importante, pois é um indicativo da força de nossa categoria, da nossa união e de nossa articulação.

Apesar de ser motivo para se comemorar, temos a certeza de que ainda não é o ideal, mas estamos próximos de recuperar as perdas que os trabalhadores acumularam nos últimos anos.

Outra importante conquista foi a regulamentação do trabalho aos domingos e feriados. Apesar de ser uma vitória parcial, ela foi importante, pois com a regulamentação da Medida Provisória (MP) 388/07 em novembro, os comerciários terão uma folga a cada dois domingos trabalhados. Não foi o ideal, poderia ser melhor, mas foi uma importante conquista, pois asseguramos nossas folgas aos domingos.

Uma importante bandeira empunhada pelos comerciários este ano foi o pedido de mudança da Lei do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço - FGTS - para impedir as continuadas perdas do patrimônio do trabalhador. Para isso, nosso Sindicato está colhendo assinaturas dos trabalhadores para exigir do Congresso que a Lei 8.036/90 seja alterada.

A Marcha a Brasília também teve a presença dos comerciários de São Paulo. Ao lado da central União Geral dos Trabalhadores (UGT) e de outras centrais, fomos exigir a diminuição da jornada de trabalho, o fim da informalidade e das demissões sem justa causa, além da terceirização ilegal no mercado de trabalho, que afeta diretamente o trabalhador comerciário. O primeiro resultado prático já conseguimos, que foi o Presidente Lula anunciar estudo de proposta para dificultar as demissões sem justa causa.

Apesar das conquistas, sabemos que ainda temos muito a fazer para assegurar um trabalho decente e melhorar a qualidade de vida do comerciário e sua família, porém temos a certeza de que com o apoio dos companheiros de nossa diretoria e, principalmente, dos trabalhadores no comércio vamos enfrentar novas batalhas em busca de novas conquistas para a categoria.

> RICARDO PATAH. presidente do Sindicato

ÍNDICE

- 4/8 ATOS E ATIVIDADES DO SINDICATO
- NOVA DIRETORIA **ASSUME SINDICATO** E INDICA PLANO DE **LUTAS POR MAIS** CONQUISTAS
- SINDICATO/DIEESE 14
- 21 **ARTIGO** Laurinda Grion
- 22 **UGT - MOVIMENTO** SINDICAL **BRASILEIRO DÁ UM NOVO PASSO**
- 28 FAZ PARTE DO COMÉRCIO Liberdade é uma calca azul e desbotada
- 32 HISTÓRIA DO **COMÉRCIO** Bom Retiro
- **ENTREVISTA** Marcel Solimeo
- PARCERIAS DO 44 **SINDICATO**
- 46 JURÍDICO
- **EQUIPARAÇÃO** 50 SALARIAL, ACÚMULO DE FUNÇÃO E SALÁRIO **SUBSTITUIÇÃO**
- **CENTRAIS SINDICAIS** 52
- **MEDALHA ANCHIETA** PARA RICARDO PATAH
- 57 **ARTIGO** Deputado Roberto Santiago
- **ARTIGO** 63 Prem Rawat
- **BICICLETA GANHA ESPACO NAS RUAS** DE SÃO PAULO
- **FIBRAS**
- **MOVIMENTE A SUA** SAÚDE
- **CARE BRASIL** 70
- 76 GRAACC





GARANTIAS AO TRABALHAR NOS DOMINGOS E FERIADOS......16



COMERCIÁRIOS RECEBEM HOMENAGEM NA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO.....12



SURDOS LUTAM POR COMUNICAÇÃO MAIS EFETIVA.....58

Manifestação na

C&A no BRASIL e na ARGENTINA

os dias 18 e 19 de outubro o Sindicato dos Comerciários de São Paulo e o Sindicato dos Comerciários de Buenos Aires (somente no dia 19) realizaram um ato em frente à C&A Modas Ltda. das suas respectivas cidades para que a empresa cumpra com suas obrigações e respeite os direitos trabalhistas da categoria.

Em São Paulo, houve até mesmo 'sardinhada' em protesto contra a exigência de metas muito elevadas, dificilmente alcançáveis; pressão para vendas de produtos financeiros (cartões C&A); sobrecarga de trabalho e exercício de múltiplas funções; assédio moral por parte da chefia; falta de motivação e ausência de promoções. E, em conjunto com o Sindicato de Buenos Aires, com organização da UNI-Américas (Sindicato Global), tanto os comerciários paulistanos quanto os portenhos são contra a C&A não disponibilizar assentos para operadores de caixa, descumprindo a NR17, além da imposição da chefia em escolher o dia de folga do banco de horas, sem levar em consideração as necessidades dos empregados.

Após dois dias de manifestação, a empresa compareceu ao Sindicato tomando ciência das denúncias e se comprometeu a se posicionar, no dia 23 de outubro, principalmente em relação à contribuição assistencial, além de verificar a possibilidade de um representante da entidade sindical entregar revistas, jornais e materiais informativos nas dependências da empresa. Em relação aos demais itens será agendada uma data posterior para tratar sobre as referidas denúncias.



O SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE SÃO PAULO (acima) E O SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE **BUENOS AIRES (ao lado)** EM PROTESTO CONTRA A C&A



C&C PROCURA SINDICATO PARA NEGOCIAR

em frente à unidade da C&C Casa e Construção, na avenida Dr. Chucri Zaidan, no dia 5 de outubro. O ato foi contra as violações aos pela empresa do ramo de material de construção.

Irregularidades: Entre as denúngado a passar o cartão de ponto no limite das duas horas excedentes e exige que o mesmo continue trabalhando. sideração as necessidades dos trabalhadores. Além disso, pressiona o comerciário a cumprir metas e vendas inatingíveis e também o obriga a vender produtos financeiros (cartões C&C Visa). Caso contrário, o trabalhador leva advertência da empresa. Há sobrecarga de trabalho devido ao exercício de múltiplas funções.

tegoria deram resultado. No dia 9 de a seus empregados

hega de exploração! Essa foi outubro, os diretores da empresa Luiz a palavra de ordem do pro- Carlos Griebel e Carlos Augusto, além testo que o Sindicato realizou do advogado Jair Tavares, estiveram na sede do Sindicato para mesa-redonda. Os representantes admitiram que é necessário abrir um canal de comunicação com o Sindicato. Também prometedireitos dos trabalhadores cometidas ram reunir toda a documentação exigida para averiguar as denúncias e entregá-las ao Sindicato.

No dia 7 de novembro a emprecias, consta que a C&C obriga o empre- sa retornou à sede da entidade e no tocante às horas extras, banco de horas e descontos indevidos, a empresa apresentou documentos e foi constatado No banco de horas, a chefia escolhe e que está tudo em ordem. Quanto aos impõe o dia de folga, sem levar em con-repositores, ficou acordado que os referidos empregados não efetuarão mais vendas. Além disso, no que se refere à pressão por vendas por parte dos gerentes de loja, a empresa realizará reuniões periódicas, no sentido de orientar os referidos a não praticarem tal conduta. Foi marcada nova reunião para o dia 11 de dezembro, quando a empresa estará se manifestando sobre A pressão e a mobilização da ca- o aumento do vale-refeição fornecido



IGUALDADE RACIAL

Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, é um dia de reflexão de que a igualdade é a estrutura fundamental de uma sociedade mais justa. No mesmo dia comemora-se a imortalidade de Zumbi dos Palmares, um dos maiores líderes negros do País e presente em nossa memória como exemplo de luta e dignidade. Liderou com garra a luta do povo negro contra a escravidão. Reviver Zumbi é ter a mesma força para continuar a luta. E é com essa determinação que aos poucos a população negra está cada vez mais inserida nas universidades, mercado de trabalho, mídia, esporte, cultura etc. Mostrando que a cor da pele não faz diferença, pois são tão competentes como qualquer outra pessoa. O Sindicato foi o primeiro no Brasil a firmar acordo para inclusão dos negros no comércio e a cada dia persiste nesse caminho para que todos tenham igualdade e oportunidade.

No dia 21 de novembro o Sindicato saiu às ruas com o lema **DÊ UM CHUTE NA DISCRIMINAÇÃO**, uma passeata pacífica de conscientização.

O presidente do Sindicato Ricardo Patah participou do Seminário Nacional de Ações Afirmativas para Igualdade Racial realizado na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, onde expôs as ações do Sindicato para inclusão dos negros no mercado de trabalho. Ações que também serviram de exemplo na sessão solene sobre o Estatuto de Igualdade Racial, realizada em 26 de novembro na Câmara dos Deputados em Brasília.



Ata afrimativo no Centro de São Paudo e Camisana Colombo Clausiala de Cotas de Negros na Conversupermercados. DÉ UM CHUTE NA DISCRIMINAÇÃO UST

Ações do Sindicato dos Comercianos para a Promoção da Igualdade Racial

PRÊMIO PERSONALIDADE SINTESP 2007

diretora Cleonice Caetano Souza do Sindicato dos Comerciários de São Paulo recebeu o Prêmio Personalidade SINTESP 2007, no dia 27 de novembro, pelos serviços prestados em prol da Segurança e Saúde do Trabalhador e contribuição para valorização da categoria dos Técnicos de Segurança do Trabalho. Hoje Cleonice atua na entidade como diretora do Jurídico, mas a homenagem foi dedicada aos seus quatro anos como diretora do departamento da Mulher, Esporte, Cultura e Benefícios.

2° ENCONTRO DE SEGURANÇA E SAÚDE NO TRABALHO

2º Encontro de Segurança e Saúde no Trabalho no Setor Comerciário no Estado de São Paulo trouxe temas relevantes para a categoria como novos anexos da NR-17 sobre Check-Out e Teleatendimento; Sistemas de Gestão de SST e sua interface com as modificações inseridas pela Previdência através do Nexo Técnico Epidemiológico (NTEP) e a Inserção da Pessoa com Deficiência no Comércio. "Se não entrarmos numa discussão tripartite não vamos caminhar na área de SST. Não basta apenas fornecer o EPI ao trabalhador e dizer que ele tem que usá-lo, e sim explicar por que é importante que ele utilize e isso só se consegue trabalhando em conjunto. É uma responsabilidade do sindicato patronal, dos trabalhadores e do Governo". afirma a diretora do Sindicato e secretária de SST da UGT Cleonice Caetano Souza.

DIGA NÃO À VIOLÊNCIA

passeata comandada pela Secretaria da Mulher do Sindicato dos Comerciários de São Paulo, realizada no dia 24 de novembro, percorreu as ruas do centro da cidade até o Teatro Municipal com a faixa DIGA NÃO À VIOLÊNCIA. A diretora do Sindicato Cleonice Caetano Souza faz questão de realizar esta marcha porque o dia 25 de novembro foi notificado como Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra a Mulher e a Exploração Infantil, com o objetivo de que mulheres e crianças sejam sempre respeitadas e nunca violentadas.





III Copa Seme Interempresas

Os comerciários participaram da Copa Seme Interempresas - Campeonato de Futebol Society para Trabalhadores - organizada e dirigida pelo Departamento de Promoções Esportivas, Lazer e Recreação da Secretaria de Esportes, Lazer e Recreação da Cidade de São Paulo com apoio do Sindicato dos Comerciários de São Paulo. Os jogos foram realizados no período noturno nos meses de maio a novembro, na quadra instalada sob o Viaduto do Chá, no Vale do Anhangabaú. Participaram 221 equipes de diversas categorias. Confira os primeiros colocados:

Campeão: JC Abreu Matos Jóias-ME Vice-Campeão: Fla Sampa Futebol Society 3º lugar: Hipermercado Andorinha II



Os comerciários do Hipermercado Andorinha II ficaram com o 3º lugar

Festival Society dos Comerciários

O Sindicato dos Comerciários de São Paulo realizou, no dia 28 de outubro, o Festival Society dos Comerciários, na quadra cedida pela Prefeitura, no Vale do Anhangabaú, onde foram disputados cinco jogos entre os comerciários, entre eles duas equipes femininas. Houve entrega de troféus e medalhas aos vencedores. Confira os resultados:

- 1º Jogo (feminino): Sindicato (equipe I) 4 X 3 Sindicato (equipe II)
- 2º Jogo (masculino): Sindicato 4 X 5 Makro (Lapa)
- 3º Jogo (masculino): Auto Service 4 X 7 Telha Norte (Marginal Tietê)
- 4º Jogo (masculino): Sup. Pastorinho (Santana) 6 X 7 Sup. Miquelina
- 5º Jogo (masculino): Ingra Micro 0 X 2 Farias Veículos



Baile do Havaí para a Terceira Idade

O dia 30 de outubro, Dia do Comerciário, ficou marcado com a tarde dançante dedicada especialmente à terceira idade. Estavam presentes cerca de 200 pessoas que se divertiram no térreo da sede do Sindicato, que foi decorada sobre o tema. Dançaram e cantaram com o Conjunto Charles Mello músicas desde os anos 60 e típicas havaianas.





Ginástica para os Comerciários

O mezanino do Sindicato, no dia 1º de novembro, foi transformado em uma sala de ginástica para os comerciários. Durante a manhã foram ministradas aulas de ginástica localizada, incentivando e mostrando a importância dos exercícios físicos.



VOZ COMERCIÁRIA/DEZEMBRO DE 2007

Nova diretoria assume Sindicato e indica

DRIVAIS GONOUISTAS

Esse é o compromisso da nova gestão que vai dirigir o Sindicato nos próximos quatro anos

dicais, parlamentares e autoridades governamentais lotaram a sede do Sindicato para a posse da nova diretoria, dia 11 de julho.

sente na luta da categoria e do movimento social organizado, com uma gestão democrática e transparente", enfatiza o presidente reeleito, Ricardo Patah.

Para ele, o comércio é um dos setores estratégicos do desenvolvimento e precisa ocupar seu espaço: "Essa gestão tem como compromisso ampliar as conquistas e garantir a valorização da categoria comerciária".

O presidente da Federação dos Empregados no Comércio do Estado de São Paulo (Fecesp), Luiz Carlos Motta, conduziu a cerimônia de posse. "Me sinto muito orgulhoso de empossar a diretoria do maior Sindicato do setor privado do País. A categoria elegeu e o Sindicato está em boas mãos, pois essa diretoria tem sido exemplo de luta, garantindo conquistas aos trabalhadores e ampliando o patrimônio dos comerciários", enfatiza Motta.

A diretoria empossada foi eleita com a maior votação já registrada numa eleição, em que 15.348 comerciários compareceram às urnas para votar.

Vamos aumentar o número de subsedes

O secretário-geral Edson Ramos destacou as principais metas da diretoria para os próximos quatro anos: "Atualmente temos sete subsedes. Nos-

rabalhadores, dirigentes sin- so compromisso é aumentar este número e atender ainda mais trabalhadores".

Edson destaca que a diretoria está empenhada em ampliar os acordos de Participação nos Lucros e Resultados "Vamos manter o Sindicato pre- e avançar nas parcerias, com as universidades garantindo descontos nas mensalidades. "Fazer do Sindicato um exemplo pelas suas ações sindicais e sociais", declarou ele.

Carteira assinada e redução da jornada são as prioridades

O vice-presidente do Sindicato, José Gonzaga da Cruz, destacou a importância da unidade da categoria e apontou as prioridades da nova gestão. "Somos um Sindicato dedicado às lutas sindicais e sociais e representamos mais de 400 mil comerciários, sendo

duzir a carga tributária para que o micro e pequeno empresários possam contratar mais", defende. O Sindicato reivindica o fim do banco de horas e a redução da jornada

de trabalho. Pesquisa feita pelo Sindicato, em parceria com o Dieese, constatou que a jornada média do comerciário é de 57 horas semanais, quando a lei diz que não pode ultrapassar 44 horas.

Patah defende a desoneração

da folha de pagamento, "É preciso re-

"Banco de horas lesa a saúde e escraviza o comerciário, que não recebe pelas horas trabalhadas e perde dias de folga e lazer", enfatiza a diretora do Departamento Jurídico, Cleonice Caetano Souza.

Hoje, 60% dos brasileiros, ou seja, mais da metade dos trabalhadores, estão no setor de comércio e servicos. Apesar de parecer um local saudável, esses companheiros vivem sob a pressão de vender, o que pode provocar hipertensão, infarto, úlcera, entre outras doencas.

Ampliar ação social e política

O Sindicato luta para garantir melhores condições de trabalho, mas diante de questões que afetam o tra-cais. balhador, como violência, exclusão e combate à corrupção. "Somos a parcela mais organizada da sociedade e devemos atuar em defesa da cidadania ple-

na do trabalhador", afirma Rubens Romano, do Conselho Fiscal do Sindicato.

Participação em convenção

Uma das principais bandeiras de luta do Sindicato é garantir Participação nos Lucros e/ou Resultados (PLR) em Convenção Coletiva.

"A PLR deve se tornar uma questão obrigatória nas empresas e fator que incentiva produtividade e não como uma despesa", destaca Marcos Afonnão pode deixar de atuar politicamente so de Oliveira, diretor de Relações Sindi-

> Enquanto prosseguem as negociações junto ao patronato, o Sindicato negocia acordos de PLR empresa por empresa.



outros 100 mil na informalidade. Que-

Aparecido Tadeu Plaça - Cremilda Bastos Cravo - Isabel Kausz dos Reis - Luiz Hamilton de Sousa - Rosilania Correia Lim Djalma Alves Domingues - Isaias Roberto da Silva - Manuel Correia - Marinaldo Antonio de Medeiros

> CONSELHO FISCAL: Avelino Garcia Filho - Domingos Serralvo Moreno - Adriana Machado SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL: Gino Vaccaro - Julio Nicolau - Rubens Romano DELEGADO FEDERATIVO: Nildo Nogueira - Wilson Moura da Silva SUPLENTES DE DELEGADO FEDERATIVO: Eduardo Karam - Erasmo Jacinto da Silva

COMERCIÁRIOS RECEBEM HOMENAGEM NA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

oi com Sessão Solene que os comerciários foram homenageados pelo Vereador Goulart e pelo Sindicato dos Comerciários de São Paulo, em 29 de outubro, na Câmara Municipal de São Paulo, dia que antecede o Dia do Comerciário. Data que consta no Calendário Oficial de Eventos do Município de São Paulo de acordo com a Lei 14.213, de iniciativa do Vereador Goulart, atendendo ao pedido de Ricardo Patah, presidente do Sindicato.

As conquistas da categoria foram detalhadas por José Gonzaga da Cruz, vice-presidente do Sindicato, que representou a entidade na cerimônia. "Parabenizo a categoria pelo Dia do Comerciário e digo que trabalhamos com muito afinco em defesa dos benefícios e direitos da categoria, além da nova sede e subsedes estruturadas para oferecer sempre o melhor atendimento", afirmou Gonzaga.

Durante o evento, seis comerciários receberam as homenagens representando os 430 mil da base da entidade.



À esquerda José Gonzaga da Cruz, vice-presidente do Sindicato, parabeniza a categoria pelo Dia do Comerciário e ao lado recebe do vereador Antonio Goulart a aquarela do artista plástico Edson de Souza, que registrou na tela o edifício da nova sede do Sindicato no Vale do Anhangabaú. Abaixo sindicalistas, a área patronal e o vereador se unem aos homenageados na plenária da Câmara.







Benedito Peres

94 anos, sócio desde 23/03/1938

Trabalhou nas Casas Pernambucanas durante 34 anos

"Tenho uma vida simples dedicada à família e ao trabalho. Sempre gostei de ouvir rádio e ler sobre esportes".



José Augusto de Carvalho 91 anos, sócio desde 01/03/1967

Trabalhou em várias empresas do comércio, entre elas Decorações Nicolas Timar, onde se aposentou.

"Sempre tive orgulho de ser comerciário, pois quem gosta do que faz sempre faz o melhor, e essa foi a minha trajetória no comércio".



Arnaldo Pereira Neto
60 anos, sócio desde 22/07/1980

Trabalha na empresa Tecidos Cássia Nahas há 31 anos.

"Para mim trabalhar no comércio é trilhar um caminho de conquistas que me traz muito prazer".



Neide Pieretti

67 anos, sócia desde 21/02/1989

Trabalhou na empresa Comércio de Tecidos Tex Rome, onde se aposentou.

"Trabalhar no comércio é o mesmo que formar uma família. Minhas amigas de trabalho são minhas amigas até hoje. Nos encontramos e lembramos dos tempos passados com muitas recordações"



Orlando Canichio Filho

42 anos, sócio desde 23/01/1990

Trabalha na empresa Hidrau Torque Ind. Com. Imp. e Exp. Ltda. há 13 anos.

"Ser comerciário é participar de uma das categorias mais dinâmicas de nosso País. É gostar de se relacionar, atender e servir sempre".



Lourdes Martins

70 anos, sócia desde 22/03/1972

Trabalhou nas Casas Pernambucanas durante 25 anos.

"Fiquei muito sensibilizada de participar dessa homenagem em reconhecimento de nosso trabalho no comércio e agradeço os benefícios que recebo sendo sócia do Sindicato".

O trabalhador e o

DIEESE

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

agronegócio sucroalcooleiro fatura, direta e indiretamente, cerca de R\$ 40 bilhões por ano, o que corresponde a aproximadamente 2,35% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. É, também, um dos setores que mais emprega no país, com mais de 3,6 milhões de empregos diretos e indiretos, e reúne mais de 72 mil agricultores.

O Brasil é o maior produtor mundial de cana-de-açúcar e o principal país do mundo a implantar, em larga escala, um combustível renovável alternativo ao petróleo. A expansão do mercado mundial de açúcar e álcool tem estimulado o aumento do investimento no setor em todo o país. Atualmente, o Brasil é também o maior exportador mundial de cana-de-açúcar, açúcar e álcool, exercendo forte influência na determinação dos preços internacionais do açúcar. O setor possui grande importância econômica, social e ambiental, sendo grande gerador de ocupação no meio rural, com geração de divisas e produção de energia renovável e limpa. Mundialmente, o álcool é reconhecido pelas suas vantagens ambientais, sociais e econômicas, e vem despertando o interesse de países desenvolvidos na tecnologia deste combustível.

No Brasil, as primeiras experiências de uso de álcool como combustível ocorreram em 1925, em projetos do antigo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. A partir daí o país desenvolveu uma extensa experiência na produção e uso deste combustível,

em particular com a criação do Programa Nacional do Álcool (Proálcool), em 1975.

Outra vantagem da utilização da cana-de-açúcar é como fonte de energia, que dá origem, além do álcool consumido pelos veículos, ao bagaço que é utilizado nas usinas. O bagaço é o resíduo sólido da produção de açúcar e álcool, destinado basicamente à geração de energia, nas formas térmica, mecânica e elétrica. Essa energia é capaz de suprir toda a demanda das unidades produtoras e ainda gerar excedentes exportáveis à rede elétrica.

O potencial de geração de energia canavieira é estimado em 12 mil megawats, sendo que a potência instalada no Brasil é de 70 mil megawats. O setor já produz 4% da energia elétrica produzida no Brasil.

Na safra 2005/2006, a moagem de cana foi de 431,4 milhões de toneladas, que resultou na produção de 26,7 milhões de toneladas de açúcar e 17 bilhões de litros de álcool. Em 2006, o parque sucroalcooleiro nacional possuía 320 indústrias em atividade, sendo 227 na região Centro-Sul¹e 94 na região Norte/Nordeste, que impulsionavam a atividade econômica de mais de mil municípios brasileiros. Havia, ainda, no país, perto de 30 projetos em fase de implantação.

O potencial deste mercado é grande, uma vez que 50 mil empresas brasileiras sofrem o impacto do elevado volume de capital destinado a investimentos, compra de equipamentos/insumos e contratação de serviços por parte das usinas de açúcar e álcool, o que ultrapassa R\$ 4 bilhões/ ano. Outro indicador da importância social do agronegócio sucroalcooleiro é a geração de tributos, que a cada ano recolhe mais de R\$ 12 bilhões aos cofres públicos.

Estima-se, ainda, um avanço mais expressivo do mercado dos carros bicombustíveis. Acredita-se que as vendas de carros com motor flexível podem vir a corresponder a 80% do total, o que exigirá um acréscimo na produção, até 2010, de 7 bilhões de litros de álcool. No mercado externo, há perspectivas de que as exportações de álcool dobrem para 5 bilhões de litros em cinco anos.

No entanto, as condições de trabalho, remuneração e de qualidade de vida dos trabalhadores da cana são ainda muito precárias em comparação com as demais categorias de assalariados do país. O cenário que ora se apresenta e as perspectivas futuras indicam que este é um momento oportuno para se pactuar uma reversão no quadro das relações de trabalho no setor no país.

Ressalvas a uma atividade em expansão

Os impactos da produção em larga escala da cana-de-açúcar são grandes, não só no mundo do trabalho, como nos diversos setores de nossa sociedade. Por conta disso, não só os efeitos positivos devem ser levados em consideração, mas o desafio da superação dos nocivos também.

A alta lucratividade do setor sucroalcooleiro deve demandar um aumento das grandes áreas de monocultura. Este modelo produtivo extensivo tem também efeitos nocivos à biodiversidade e ao meio ambiente. Sem falar que o cultivo da cana-de-açúcar consome alta quantidade de água, é intensiva no uso de fertilizantes à base de petróleo e requer altas quantidades de agrotóxicos.

Uma regulação sobre as novas áreas plantadas faz-se necessária, uma vez que o avanço da cana empurraria outras atividades, inclusive pastagens,



sobre o serrado e a Amazônia. Sem levar em consideração os muitos e diversos estudos que apontam para o aumento da pobreza em regiões de monocultura.

Outro fator a se levar em consideração é o crescimento na participação de grandes empresas, sobretudo multinacionais, na produção de canade-açúcar para o etanol, uma vez que estas têm adquirido diversas usinas produtoras. Se o etanol de fato ganhar força frente aos combustíveis fósseis, como ficará a regulação não só da produção, mas de preços do primeiro frente à força de um número pequeno de ofertantes e o risco de cartelização?

O professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e pesquisador do Observatório de Políticas Públicas para a Agricultura, Georges Flexor, em artigo publicado ressalta que "a presença crescente de firmas multinacionais na cadeia sucroalcooleira acarreta não somente uma redefinição da relação Estado-economia no que se refere à soberania e à segurança energética do Brasil, mas também modifica os arranjos institucionais e organizacionais que sustentam a cadeia produtiva".

No curtíssimo prazo há o impacto direto sobre o emprego em todas as regiões produtoras, principalmente no nordeste, onde se concentra o maior número de trabalhadores do setor da cana. Não pela mecanização do setor nestes estados, já que o relevo acidentado dos mesmos não é favorável ao uso de máquinas, mas como a produtividade intensiva em tecnologia é maior na região sudeste e centro-oeste. os próprios produtores do nordeste têm migrado seus investimentos para aquelas regiões. As áreas que antes eram usadas para a cana em Pernambuco e Alagoas, estados que possuem grande número de mão-de-obra braçal, seriam utilizadas para outras atividades mais rentáveis que utilizassem número pequeno da mão-de-obra outrora exigida, o que levaria a um aumento da marginalização de trabalhadores e trabalhadoras agora fora do processo de produção.

(1) A região Centro-Sul compreende as regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

Comerciários de todo o Brasil ganham garantias ao trabalhar nos

MP estabelece um domingo de folga após dois domingos trabalhados e dá às negociações coletivas poder para dispor sobre abertura do comércio em feriados

projeto do Senado para mudanças na Medida Provisória 388/2007, que condicionava a abertura do comércio aos domingos à Convenção Coletiva e a inclusão dos super e hipermercados foi rejeitado no dia 20/11 pela Câmara dos Deputados, em Brasília, com a seguinte votação: 234 votos contra, 197 a favor e 5 abstenções. Sendo assim, fica mantido o texto da MP 388/2007. Para Ricardo Patah seria melhor a aprovação do projeto do Senado mas, mesmo assim, para ele a vitória foi 'parcial', pois a Medida Provisória aprovada é melhor do que a Lei Federal 10.101/2000. Com a MP, a folga dos comerciários será a cada três domingos trabalhados, mais do que previa a Lei 10.101 a qual nem sequer mencionava o domingo como folga tendo o comerciário que, na maioria das vezes, folgar durante a semana.

DOMINGOS E FERILLOS









O projeto da MP foi apresentado ao presidente Lula pelo ministro do Trabalho Carlos Lupi (direita). "A MP 388/07 foi saudada com entusiasmo pelos comerciários" afirmou Ricardo Patah (esquerda).

O comércio de todo Brasil deve respeitar as normas da MP 388/07 que passou a ter força de Lei quando publicada no Diário Oficial da União, no dia 6 de setembro. Assim, o comerciário tem garantida uma folga no domingo após dois domingos seguidos trabalhados, o que dá 17 folgas em um total de 52 domingos no ano.

A MP 388 estipula que os municípios têm competência para legislar sobre a permissão do funcionamento do comércio aos domingos e, neste caso, o repouso semanal remunerado dos comerciários deverá coincidir com o domingo pelo menos uma vez no período máximo de três semanas. As demais regras para o trabalho neste dia ficam a cargo das negociações coletivas, que também vão dispor sobre a abertura do comércio em feriados. Desta forma, devem constar nas convenções coletivas locais as garantias e direitos trabalhistas em feriados, como o pagamento de hora extra, de vale-refeição e de transporte e a jornada de trabalho, entre outros itens. Isso acontece na cidade de São Paulo que está condicionada ao Decreto Lei 45.750/05.

A nova legislação é fruto de um acordo firmado no dia 23 de maio entre o Governo, representantes dos trabalhadores e empresários, bem como o protocolo de intenções assinado no dia 4 de junho na Delegacia Regional do Trabalho do Rio de Janeiro. O projeto da MP foi apresentado ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva pelo ministro do Trabalho, Carlos Lupi, em 10

O Sindicato dos Comerciários realizou atos, carreatas, passeatas e mobilizações além de contatos com autoridades para a regulamentação do trabalho no comércio aos domingos

exposição de motivos do projeto, que a proposta de domingos e feriados "está em consonância com o texto da Constituição Federal que consagra a proteção da família (CF, art. 206, caput), bem como insere o lazer como direito fundamental social (CF, art. 6°)". Ele acrescentou que "a Constituição Federal reconhece a legitimidade das convenções e acordos coletivos de trabalho (CF, art. 7°, inciso XXVI)" e,

assim, "ao estipular mecanismos de negociação coletiva como pressuposto para que se permita o trabalho nos feriados, se coaduna com o dispositivo constitucional em apreço".

"A MP 388 foi saudada com entusiasmo pelos comerciários" afirmou Ricardo Patah, presidente do Sindicato dos Comerciários de São Paulo e da central sindical União Geral dos Trabalhadores (UGT). Já o presidente da Federação dos Comerciários do Estado de São Paulo (Fecesp), Luiz Carlos Motta, afirma que, embora a MP seja um avanço, está aquém dos an-

de julho. Lupi lembrou, na ideal seria permitir o trabalho apenas assinou o Decreto 45.676/04, que reguem domingos intercalados – ou seja, para cada domingo trabalhado folga- mento do comércio aos domingos ao regulamentar o trabalho aos se no seguinte – e a definição de regras exigir a concordância do empregado, para o trabalho em feriados.

Novela longa

A luta para impor restrições ao trabalho dos comerciários no domingo é antiga e seus lances lembram o enredo de uma novela muito longa... Começou em novembro de 1997, quando o Governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso publicou a MP 1539, que trata da Participação nos Lucros e Resultados (PLR) das empresas. Mas, no artigo 6º deste projeto, estava embutida a autorização para a abertura do comércio aos domingos, desde que permitida pelo respectivo governo municipal. A partir daí, o domingo foi considerado um dia normal de trabalho e muitos comerciários foram obrigados a trabalhar neste dia sem qualquer compensação.

Mas ainda restava a questão da permanecia pendente. Por isso, os direfalar com a então prefeita, Marta Suplicy. Foi somente às vésperas de entregar o cargo, em 28 de dezembro, que Marta

lamentou a autorização do funcionaexpressa por escrito, em trabalhar nesses dias. Em março de 2005, o novo prefeito, José Serra, assinou o Decreto 45.750 com o objetivo de simplificar os procedimentos para pedir autorização para abrir lojas nos domingos. Enquanto o decreto de Marta obrigava o próprio lojista a protocolar nas subprefeituras o pedido de abertura, o decreto de Serra permite que o lojista envie o requerimento ao Sindicato dos Lojistas que, então, realizará os demais procedimentos. Com a posse da autorização para abertura aos domingos, o lojista comprovará que sua empresa pertence à respectiva categoria econômica e que cumpre a Convenção Coletiva de Trabalho correspondente.

Apesar de o problema ter sido resolvido na cidade de São Paulo, o trabalho aos domingos continuava sendo regulamentação da Lei 13.473, que um terror para os comerciários de todo o Brasil até a edição da MP 388/07. tores do Sindicato foram várias vezes No município de São Paulo o comércio emprega cerca de 430 mil trabalhadores. Em todo o Brasil, esse número sobe para 10 milhões.

19



Desta forma, a regulamentação do trabalho dos comerciários aos domingos tornou-se uma das principais bandeiras da luta do movimento sindical. Reivindicou-se que era preciso ter, pelo menos, o pagamento de refeição e transporte no domingo, folga para compensar o trabalho neste dia, além de garantir que o trabalhador pudesse ter um domingo livre a cada 15 dias para ir à missa, reunir a família, ver os amigos, estudar para uma prova ou simplesmente descansar.

Como uma MP tem prazo para ser votada ou perde a validade, a medida provisória sobre PLR foi reeditada diversas vezes, com o mesmo texto, mas com números diferentes. Foi somente em dezembro de 2000 que a MP que trata da PLR foi votada pelo Congresso e transformada na Lei nº 10.101. O artigo 6°. desta Lei continuou sendo uma pedra no sapato dos de patronal. "O trabalho dos comercomerciários, pois diz: "Fica autorizado(...) o trabalho aos domingos no comércio varejista em geral". O parágrafo único deste artigo diz que: "o repouso semanal remunerado deve coincidir, pelo menos uma vez no período máximo de quatro semanas, com o domingo, respeitadas as demais normas de proteção ao trabalho e outras previstas em acordo ou convenção coletiva".

Por isso, os sindicatos de comerciários de todo o país se engajaram em um movimento para tentar mudar a Lei. Foram realizadas várias manifestações locais contra o trabalho aos domingos em regime que poderia ser comparado ao da escravidão. Patah foi várias vezes a Brasília, em companhia de outros sindicalistas, para pedir às autoridades que fosse revogada a legislação que permitia às lojas tomar a decisão unilateral de abrir as portas aos domingos.

São Paulo

Na cidade de São Paulo, o então prefeito Celso Pitta foi conivente com a MP 1539, que colocou o domingo como dia útil para o comércio, e, em 30 de dezembro de 1997, assinou o Decreto no. 37.271, que permitia o funcionamento do comércio aos domingos. Com isso, os comerciários da cidade foram submetidos a um regime de tra- tinguir a ação e revogou a liminar.

balho absurdo, em que eram obrigados a dar expediente todos os domingos e a trabalhar 50 horas por semana sem receber ao menos vale-transporte e de alimentação nestes dias.

O Sindicato dos Comerciários de São Paulo imediatamente encampou a luta para humanizar o trabalho nos domingos e feriados. "Queremos apenas humanizar as relações entre patrões e empregados", afirmava Ricardo Patah em várias manifestações pelas garantias dos comerciários que trabalhavam aos domingos. Uma das formas de luta adotadas foi a de recorrer a parlamentares. Assim, logo após tomar posse como vereador no início de 2001, o sindicalista Toninho Campanha apresentou o Projeto de Lei nº 86/2001, que condicionava o funcionamento das lojas aos domingos a um acordo entre o Sindicato dos Comerciários e a entidaciários aos domingos era um regime de escravidão e era preciso acabar com isso", explicou Campanha.

Repetidas manifestações dos comerciários em frente à Câmara Municipal de São Paulo convenceram os vereadores a aprovar o projeto de Toninho Campanha, que foi transformado na Lei 13.473, de 26 de dezembro de 2002. Nos domingos de janeiro de 2003, enquanto as lojas continuavam a funcionar, diretores do Sindicato dos Comerciários percorriam shopping centers e centros comerciais na tentativa de conscientizar os trabalhado-

Mas, logo em março de 2003, o Sindicato dos Lojistas entrou com ação direta de inconstitucionalidade contra a Lei 13.473. No dia seguinte, uma liminar suspendeu os efeitos da nova lei e, desta forma, o comércio continuou funcionando aos domingos. Foi o próprio presidente do Sindicato dos Comerciários, Ricardo Patah, que é advogado formado, que vestiu uma toga e foi fazer a defesa dos interesses dos comerciários em juízo. Patah conseguiu desmontar a argumentação de Yves Gandra Martins, advogado dos lojistas e, em março de 2004, o Tribunal de Justiça decidiu, sem exame de mérito, ex-

MEDIDA PROVISÓRIA Nº 388, **DE 5 DE SETEMBRO DE 2007**

Altera e acresce dispositivos à Lei n° 10.101, de 19 de dezembro de 2000

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 62 da Constituição, adota a seguinte Medida Provisória, com força de Lei:

Art. 1° - O art. 6° da Lei n° 10.101, de 19 de dezembro de 2000, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 6° - Fica autorizado o trabalho aos domingos nas atividades do comércio em geral, observada a legislação municipal, nos termos do art. 30, inciso I, da Constituição.

Parágrafo único - O repouso semanal remunerado deverá coincidir, pelo menos uma vez no período máximo de três semanas, com o domingo, respeitadas as demais normas de proteção ao trabalho e outras a serem estipuladas em negociação coletiva." (NR)

Art. 2° - A Lei n° 10.101, de 2000, passa a vigorar acrescida dos seguintes dispositivos:

"Art. 6° A - É permitido o trabalho em feriados nas atividades do comércio em geral, desde que autorizado em convenção coletiva de trabalho e observada a legislação municipal, nos termos do art. 30, inciso I, da Constituição." (NR)

"Art. 6° B - As infrações ao disposto nos arts. 6° e 6° A desta Lei serão punidas com a multa prevista no art. 75 da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.

Parágrafo único - O processo de fiscalização, de autuação e de imposição de multas reger-se-á pelo disposto no Título VII da Consolidação das Leis do Trabalho." (NR)

Art. 3º - Esta Medida Provisória entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 5 de setembro de 2007; 186° da Independência e 119º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Carlos Lupi

ATENDIMENTO E APRESENTAÇÃO

ivemos em uma sociedade globalizada onde a competição e a igualdade de condições de disputa de mercado entre as empresas atingiram níveis nunca antes vistos. Um mau atendimento ou apresentação é o bastante para que um cliente migre para a concorrência.

Assim, uma função que ganhou tanta importância não pode ser desempenhada de modo mecânico e burocrático. O atendimento não foge à necessidade de especialização que afeta cada vez mais todos os níveis de trabalho nas empresas. Portanto, é imprescindível que se invista na preparação dos funcionários, capacitando-os constantemente para tomar decisões que podem fazer a diferença em momentos mais delicados da relação empresa/cliente.

Sabemos que não devemos nos prender a aparências nem avaliar as pessoas unicamente pela forma como se vestem. De fato, julgar o caráter de uma pessoa pelas suas roupas ou jeito de ser pode ser um preconceito. Mas a psicologia nos ensina que nos pautamos muito mais por estímulos visuais do que imaginamos.

No atendimento direto, a aparência representa o primeiro impacto visual do cliente em relação a um atendente. A aparência engloba roupas, calçados, penteados, adornos e higiene. O som e o tom de voz e a forma de falar são também importantes, às vezes mais até do que as palavras que se empregam. São instrumentos fundamentais na transmissão de atitudes e comportamentos positivos, tanto no atendimento direto como no telefônico.



Existem outros cuidados, no entanto, que podem nem sempre ser observados da mesma forma. Trata-se de hábitos de nossa vida privada que, de tão corriqueiros, fogem à nossa avaliação crítica e acabam transpostos atenção especial deve ser dada à impropriamente para a vida profissional. Gostos e preferências pessoais ta. Na maior parte dos ambientes devem ser respeitados. Mas é inevitável que eles sejam submetidos a opiniões externas e causem rejeição de estranheza. acordo com o público.

to por fragrâncias é algo absolutamente pessoal, o que significa que ninguém é sa aberto. Cabelos curtos são obrigado a sentir prazer em aspirar um determinado perfume que outra pessoa considera o máximo. O que é bom para uns, nesse caso, pode ser enjoativo para outros. Por isso, convém evitar o uso de perfumes ou colônias de cheiro muito acentuado e, preferencialmente, usar com certa parcimônia.

Os odores naturais da transpiração devem ser evitados, é claro. Ter sempre à mão um frasco de desodorante para aplicações no decorrer do expediente é aconselhável, especial-

mente para o caso de pessoas que transpirem excessivamente. Para quem não tem pele sensível, desodorantes anti-transpirantes são os mais recomendáveis.

Para os fumantes, é importante não levar o cigarro ao local de trabalho. A fumaça de cigarro e seu odor deixado em quem fuma causam frequentemente rejeição a quem não fuma. Para quem não tem como deixar o hábito de fumar, o melhor a fazer é procurar lugares arejados ou próprios como, por exemplo, os fumódromos.

Quanto à moda, os modelos mais sóbrios e neutros são os mais adequados. A ousadia que de tempos em tempos marca o jeito de se vestir, sejam no comprimento das saias, nos decotes ou nas transparências devem ser evitados.

Para as mulheres, uma maguiagem, que deve ser discrede trabalho, o uso de colorações mais ousadas nos cabelos causa

Para o homem que não usa A começar pelo perfume. O gos- gravatas, nunca se deve manter além do primeiro botão da camirecomendáveis, assim como a barba feita. No caso de quem preferir usar bigode ou barba, os fios devem ser bem aparados, evitandose a imagem de desleixo.

> Laurinda Grion Consultora empresarial e professora universitária www.cursosgrion.com.br Telefones:

(11) 6865-4564 e 3464-1411

20 VOZ COMERCIÁRIA/DEZEMBRO DE 2007 21



Movimento Sindical Brasileiro



Nova entidade - UGT- vai lutar pelos direitos dos trabalhadores informais e por questões ligadas à cidadania

Sílvia Kochen

movimento sindical brasileiro deu um novo passo em 19, 20 e 21 de julho de 2007, com a fundação da União Geral dos Trabalhadores (UGT). A nova entidade nasce sob o signo da solidarieprincipais desafios do movimento dos diminuir, assim como sua força. trabalhadores no século XXI. Entre suas principais bandeiras estão a defesa dos excluídos e uma pauta de questões de cidadania, que ultrapassam os limites do ambiente de trabalho - como educação, saúde, moradia, transporte público, distribuição de renda etc.

A UGT foi formada pela fusão de três centrais sindicais importantes - a Central Autônoma dos Trabalhadores (CAT), a Central Geral dos Trabalhadores (CGT) e a Social Democracia Sindical (SDS) – que resolveram unir suas forças em prol dos interesses dos trabalhadores, algo inédito na história sindical brasileira. Ao final do Congresso de Fundação da UGT, em 21 de julho, a nova entidade já reunia 600 sindicatos que representam conjuntamente cinco milhões de trabalhadores brasi-

leiros. A meta é chegar a um mil sindicatos, com representação conjunta de oito milhões de trabalhadores, até o final do ano.

Os debates entre os três mil delegados presentes ao Congresso de Fundação da UGT, realizado em São Paulo, deixaram claro que o sindicalismo tradicional, que se centra apenas em questões corporativas como salários e condições de trabalho, está esgotado. Isto porque, hoje, da mesma forma que acontece em outros países, a maioria dos trabalhadores brasileiros está excluída do mercado de trabalho formal e não tem como se filiar aos sindicatos tradicionais. Por isso, estes sindicadade com a proposta de enfrentar os tos vêem o número de seus associados

Construindo um novo Brasil

O Congresso de Fundação da UGT foi aberto com a presença de cerca de três mil delegados brasileiros, 25 importantes nomes do sindicalismo mundial e dezenas de convidados, que foram dar seu apoio à nova entidade. Também compareceram muitos políticos, sendo que alguns deles começaram na vida pública como dirigentes sindicais.

O ex-sindicalista Luis Dulci, que hoje é o ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República, declarou que "para o movimento sindical, a fusão das três centrais sindicais, SDS, CAT e CGT, resulta em uma entidade muito mais forte e poderosa para negociar com o governo e o patronato". O ministro da Previdência Social e

também ex-sindicalista, Luiz Marinho, afirmou que "a UGT cria uma situação de equilíbrio entre as centrais sindicais e, pela primeira vez, os trabalhadores informais estão representados. Dulci e Marinho foram à abertura do evento de fundação da UGT representando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que não compareceu em razão dos problemas causados pelo desastre do avião da TAM, que havia caído em Congonhas dois dias antes.

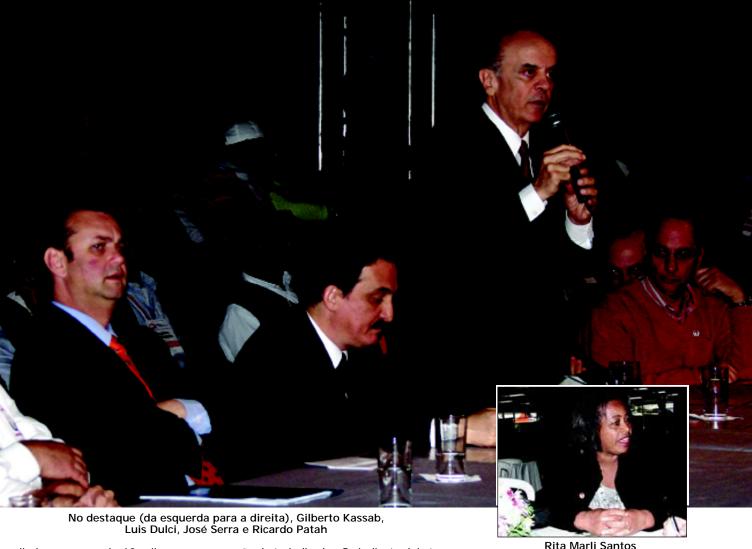
Também estava presente o deputado Luiz Antônio de Medeiros, outro político que ganhou fama como dirigente sindical. Ele comentou que a UGT "nasce forte e muito prestigiada, e resgata o passado do movimento sindical". Medeiros lembrou que a maioria dos sindicatos brasileiros não é filiada a uma central sindical porque não se sente representada por nenhuma das opções existentes e, segundo ele, a UGT poderá ser uma opção atraente para uma parcela destes sindicatos.

Também prestigiaram a criação da UGT o governador paulista. José Serra, e o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab. Serra lembrou que foi líder estudantil em sua juventude e disse que para o desenvolvimento social é preciso uma união forte e de combate. "Isto é muito importante para o povo brasileiro", disse o governador. Já o prefeito Kassab desejou boa sorte à nova entidade. "Que consigam atingir seus objetivos, que são os nossos, de construir um grande Brasil", afirmou Kassab.

Anseios dos trabalhadores

Os delegados presentes ao Congresso de Fundação da UGT demonstravam contentamento com a possibilidade de incluir os anseios dos trabalhadores na pauta do movimento sindical. Rita Marli Santos, por exemplo, diretora do Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes e Vendedores de Ilhéus, na Bahia, observava que um sindicato de trabalhadores autônomos, como o dela, não podia se filiar às centrais sindicais estabelecidas, como a CUT e a Força Sindical. "Mas como a UGT tem uma proposta de inclusão sindical, nos filiamos a esta central." Ela declarou que: "Até que enfim, os pequenos sindicatos mereceram atenção".

Há 52 anos, o sindicato de Rita reúne feirantes e artesãos que vendem seus produtos nas ruas. A entidade tem cerca de 850 associados em uma base



avaliada em cerca de 10 mil pessoas. Rita avalia que na longa lista de pauta de reivindicações da UGT, as mais importantes são a inclusão da mulher no mercado de trabalho: a promoção da cultura da feira, que movimenta um volume significativo de negócios pelo Brasil afora: e o apoio a pequenas e micro empresas. A sindicalista avalia que a carência maior para sua categoria é uma proteção econômica e acha que a UGT deve lutar por programas de apoio a empreendedores no setor.

José Álvaro Franca Rios, diretor do Sindicato dos trabalhadores de Rádio e TV de Feira de Santana, também na Bahia, diz que acha que a fusão das três centrais que criou a UGT é um avanco. "Achamos importante um sindicalismo cidadão e a formalização do trabalho." Entre as bandeiras mais importantes, para José Álvaro, estão o combate à corrupção, a defesa da unicidade sindical e a melhoria de qualificação do trabalhador. O sindicato dele tem cerca de 700 filiados em uma base de cerca de 1.5 mil trabalhadores.

Márcio Fattel, presidente da Federação dos Comerciários da Bahia, explica que sua entidade não era filiada a nenhuma das centrais sindicais estabelecidas porque estas não defendiam pontos que ele e seus companheiros consideram prioritários, como a unicidade sindical, políticas efetivas de emprego e salário, organização sindical no local de trabalho etc. A Federação dos Comerciários da Bahia reúne 40 sindicatos em uma base de 200 mil trabalhadores com cerca de 15 mil sindicalizados.

Fattell conta que resolveu se unir à UGT por causa de seu compromisso de formular políticas voltadas à inclusão no mercado de trabalho, de combate à informalidade e por levantar o debate das questões das mulheres e dos jovens. "É uma central que já nasce forte por conta da fusão das três centrais e pela adesão de dissidentes da Forca Sindical."

diretor do Sindicato dos Empregados no Comércio do Estado do Pará, a decisão de se filiar à UGT foi natural, já que seu sindicato já era filiado à CGT.

Ele acrescenta que vê como pontos prioritários que a UGT deve abraçar a questão do trabalho aos domingos e feriados, o respeito às negociações e acordos coletivos (que nem sempre são respeitados) e a questão do lazer do comerciário, que ainda não tem sua profissão regulamentada. conhecer sua realidade", diz.

Empregados em Imobiliárias do Rio Grande do Sul, Cícero Pereira da Silva, observa que a UGT é uma experiência única de fusão no movimento sindical trabalhista e esta oferece uma ex- xista, como é conhecido em sua cidade. pectativa favorável à inserção de questões sociais no movimento sindical. "O Patah, em São Paulo, já negociou cota para negros nas contratações", lembra o sindicalista.

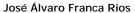
Cícero argumenta que os anseios dos trabalhadores ultrapassam as questões corporativas, já que "os trabachentes, têm crianças que vão à escola pública e usam hospitais públicos quando precisam; por isso, as questões sociais também são prioritárias para os

Para José Maria Oliveira Garcia, "a UGT vai tomar um lugar no movimento sindical que ninguém ocupa".

Raimundo Nonato Fernandes. presidente do Sindicato dos Taxistas do Município de Ananindeua, no Pará, afirma que a UGT nasce forte. Ananindeua, a segunda maior cidade do Pará, que fica na região metropolitana de Belém, tem cerca de mil taxistas sindicalizados. Entre as suas reivindicacões estão a desburocratização da Previdência Social no Brasil, para facilitar a vida dos trabalhadores, e o acesso "A UGT tem de ir a cada categoria para ao gás natural veicular (GNV) no Pará, já que hoje mais da metade do ganho O presidente do Sindicato dos do taxista vai para os gastos com combustível. "O ganho com o uso de GNV poderia ser usado na renovação da frota, pois hoje a idade média dos táxis do Pará é de dez anos", diz Nonato Ta-

A presença de um grupo de 42 lhadores vivem em locais sujeitos a en- índios Karajás como delegados no Congresso de Fundação da UGT mostra uma pluralidade de reivindicações nunca vista antes no movimento sindical brasileiro. Lykana Karajá, cuja tribo vive trabalhadores". Isto o faz afirmar que em São Félix do Araguaia, conta que







Márcio Fattel



José Maria Oliveira Garcia



Raimundo Nonato Fernandes





Valdelice Amaral de Jesus

chegou ao Congresso através da Associação Iñy Bededyynana (AIB), que significa associação das pessoas de idioma Karajá na língua nativa desta etnia. Lykana, que vive em uma aldeia de 900 pessoas, conta que está cada vez mais difícil preservar a cultura indígena, que já entrou em contato com as drogas da civilização, como álcool, cigarro, cola etc. Por isso, ele vê na UGT um caminho para viver um futuro melhor.

Outra liderança indígena presente ao congresso foi a cacique Tupinambá Maria Valdelice Amaral de Jesus, a primeira mulher a liderar uma tribo no Brasil. Valdelice, que vive em Ilhéus, explica que atualmente há 1.054 famílias Tupinambás, o que soma cerca 3.400 índios distribuídos em 23 comunidades que vivem em três municípios.

A cacique querreira luta pela demarcação de suas terras, pois isto diminuiria os conflitos entre índios e fazendeiros. "Só no último mês morreram sete índios", diz Valdelice. Ela constata que os velhos estão desaparecendo, os jovens emigram e as crianças andam desnutridas e, assim, os índios Tupinambás estão ameaçados de extinção. Entre as tradições da tribo está a Caminhada em Memória dos Mártires, todo último domingo de setembro, de Olivença a Cururupe, para lembrar a maior carnificina sofrida por seu povo. Contase que a margem do rio ficou coberta de corpos nos nove quilômetros do percurso. Por isso, "a questão indígena é de todos os brasileiros", diz.

Os Tupinambás hoje vivem de pesca e de artesanato. Há cinco anos, conseguiram o apoio de outros sindicatos do Sul da Bahia, onde vivem, para a causa indígena e desde então militam no movimento sindical. "Sozinho, ninguém vai a lugar algum", diz a cacique.

Apoio internacional

O evento de fundação da UGT

mereceu a atenção de importantes lideranças sindicais internacionais e contou com a presença de 25 delegados de mais de uma dezena de países. Entre eles estava o inglês Guy Ryder, secretário geral da Confederação Sindical Internacional (CSI) que, falando em espanhol na abertura do evento, destacou que "o processo de unificação representado pela nova entidade sindical brasileira será um passo importante para a modernização do movimento sindical brasileiro".



Guy Ryder

Ryder deu como exemplo a própria CSI, que é resultado da fusão em nível mundial entre a Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres (CiosI) e a Confederação Mundial do Trabalho (CMT). O sindicalista afirmou que esse processo está ocorrendo em todo o mundo e é "uma exigência, em função das transformações que ocorreram com a globalização da economia". Ele acrescentou que "é preciso mudar, modernizar nossas estruturas". Ryder destacou que "daqui para frente, CSI e UGT lutarão juntas".

Outra importante liderança presente foi Eduardo Garcia, presidente da Confederação Latino Americana dos Trabalhadores (CLAT), braço regional da CMT que está em processo de fusão. "Estamos em uma fase de crise do movimento sindical tradicional, é preciso um novo movimento sindical para resolver o problema da cidadania", disse Garcia. Ele observa que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) só fala de emprego decente, bem remunerado, com seguridade social e com todos os direitos trabalhistas, mas, na América Latina, 52% dos trabalhadores estão na informalidade, "Por isso, é preciso lutar para garantir o direito fundamental que é o direito ao trabalho, salário justo, seguridade e a eliminação do trabalho infantil e informal", disse Garcia.

PATAH É O 1° COMERCIÁRIO A PRESIDIR UMA CENTRAL SINDICAL NO BRASIL

O presidente do Sindicato dos Comerciários de São Paulo, Ricardo Patah, foi eleito presidente da União Geral dos Trabalhadores (UGT) no Congresso que fundou a entidade. Ele falou sobre os projetos da nova central na entrevista que segue:

Voz Comerciária - O que levou à fundação da UGT?

Patah - Os comerciários de São Paulo são fundadores da Força Sindical. Durante 16 anos, ajudamos a construir este projeto de âmbito nacional. Mas, nos últimos tempos, com a perspectiva de uma reforma sindical se aproximando, três centrais sindicais – CAT, CGT e SDS — resolveram se antecipar a este processo e iniciar um processo de união, seguindo a unificação de duas grandes centrais sindicais internacionais, a CMT e a Ciosl, que resultou na Confederação Sindical Internacional (CSI).

Este é um processo novo e os comerciários de São Paulo resolveram participar desta proposta por dois motivos. Primeiro entra a questão da solidariedade, da unificação, a participação conjunta. O movimento sindical está muito dividido, muitos sindicatos acabam sendo criados por questões pessoais, e esta é uma proposta totalmente inversa, a de construir algo que agregue, que solidifique. O segundo motivo é que o sindicato no Brasil tem cem anos e nunca antes um comerciário, que hoje é uma das maiores categorias do País, ocupou a presidência de uma central sindical. Isto nos deu a possibilidade de participar de uma central que prestigia os trabalhadores do comércio e dos serviços em geral, sem menosprezar outras categorias. E há todo um projeto que está sendo criado que tem como alma a quebra de paradigmas. Por isso, a UGT estará em toda e qualquer situação que tenha consequência para o trabalhador na educação, no saneamento básico, no meio ambiente, na violência, em tudo. Precisamos quebrar esta barreira e transformar a central sindical em uma atividade muito próxima do cidadão. Por isso, estamos dizendo, de forma

bastante carinhosa, que a UGT é uma central cidadã.

VC - Em relação à questão da reforma sindical que está em discussão no Brasil, quais as propostas da UGT?

Patah - Achamos importante que se façam mudanças na área sindical, mas não abrimos mão de algumas questões, como a unicidade sindical e o custeio compulsório. Também acreditamos que algumas questões são muito importantes, como o representante sindical nas empresas. As empresas que permitem representação do trabalhador no local de trabalho são as que menos têm processo na Justiça do Trabalho, pois resolvem os problemas dentro de casa. Consideramos fundamental a questão da legitimidade, com a exigência de uma quantidade mínima de sócios. Não podemos permitir mais aquele sindicato de carimbo, que não representa efetivamente a sua categoria. É preciso que o sindicato tenha transparência nas suas contas, portas abertas para a categoria, eleições e estatuto democráticos.

VC - E em relação à reforma traba-Ihista que está em processo de gestação no governo?

Patah - É preciso adequar a CLT aos novos tempos, mas não se pode abrir mão de direitos pétreos dos trabalhadores, como férias, FGTS etc. Vamos acompanhar o trabalho de todos os ministérios que estão ligados à reforma trabalhista e ter uma atuação para influir em todas as políticas públicas rela-



Ricardo Patah

cionadas a esta questão. Por exemplo, hoje vamos visitar o Ministério do Trabalho ou da Previdência para acompanhar as propostas e influir nelas. Isto vai acontecer também em relação ao orçamento público, inclusive para garantir mais verbas para a educação pública, que hoje é de péssima qualidade. É muito difícil alguém que passou pela escola pública, onde estudam os filhos de trabalhadores, conseguir entrar na universidade pública, onde estuda a classe média e pessoas de posses. Alguma coisa está errada aí. Vamos também apresentar nossos projetos para transformar o Brasil.

VC - Um dos problemas vividos atualmente pelos sindicatos no mundo inteiro é a questão da precarização do trabalho. Os sindicatos tradicionais só aceitam trabalhadores formais como sócios, mas a UGT está abrindo as portas para os trabalhadores informais e suas associações. Qual o plano de trabalho da UGT em relação aos informais?

muito acima das 44 horas constitucionais. Nossas preocupações são outras. E se tivermos a capacidade de instrumentalizar uma realidade mais próxima, poderemos concentrar esta grande massa de trabalhadores. Outro diferencial é que não somos políticamente ligados a ninguém, somos plurais. Há vários partidos abrigados na UGT, mas nenhum deles domina. A UGT não tem partido. Isto não quer dizer

Patah - Hoje há muito mais gente trabalhando como informal do que com carteira assinada. Por isso, uma das principais bandeiras da UGT é a inclusão dos excluídos da CLT. Isto acontece devido a vários motivos e vamos buscar alternativas para estas questões. Uma questão é a desoneração da folha de pagamento com um projeto de tributação especial ou outros meios. Nós já estamos desenvolvendo estes projetos. Já sabemos o que queremos e temos técnicos com a missão de tornar factível a nossa proposta de inclusão social. Temos uma equipe de economistas e sociólogos nos auxiliando. Estamos em meio a um processo de conscientização da classe trabalhadora em relação a vários problemas. Não podemos ficar alheios ao custo da corrupção no Brasil, que é de cerca de R\$ 40 bilhões ao ano; ao ônus excessivo do enfraquecimento das instituições; ao problema da concentração de renda no País, onde 130 mil pessoas detêm 50% do PIB.

VC - Muita gente se pergunta por que se cria mais uma central sindical no País. O que a UGT tem de diferente das demais?

Patah - Para começar, não é mais uma

central porque esta é a união de três centrais, isto é algo inédito e dá uma qualidade diferente para a UGT. Em segundo lugar, as bandeiras da UGT são muito distintas das bandeiras das demais centrais sindicais, que priorizam redução da jornada de trabalho e melhores salários, por exemplo. São bandeiras importantes, mas como a maioria dos trabalhadores não tem nem emprego, não adianta sair com bandeiras irrealistas. Temos de sair com bandeiras que podem se tornar factíveis. A redução da jornada de trabalho, por exemplo; hoje os comerciários traba-Iham em média 50 horas por semana, muito acima das 44 horas constitucio-E se tivermos a capacidade de instrumentalizar uma realidade mais próxima, poderemos concentrar esta grande massa de trabalhadores. Outro diferencial é que não somos politicamente ligados a ninguém, somos plurais. Há vários partidos abrigados na UGT, mas nenhum deles domina. A UGT não tem partido. Isto não quer dizer que vamos colocar obstáculos se alguém quiser se candidatar.

VC - E quanto à relação da UGT com a política e os políticos?

Patah - O movimento sindical tem de participar da política, mas uma central não deve ser de partido nenhum. Acredito até que se um sindicalista for eleito para um cargo político, deve abrir mão de sua atividade sindical, pois acho incompatível casar a atividade parlamentar com a sindical, duas tarefas grandiosas. A imparcialidade é importante nas relações, que devem ser de respeito, tanto com empresários quanto com o governo, e vamos nos submeter apenas ao trabalhador, sempre. Muitos dos participantes deste Congresso que fundou a UGT se disseram impressionados com a quantidade de autoridades que estiveram aqui presentes - o prefeito, o governador, dois ministros etc. O próprio Lula só não veio por questões pontuais (o acidente com o avião da TAM, ocorrido dois dias antes do início do Congresso). Também estavam presentes representantes das demais centrais sindicais brasileiras, o que reforça a nossa proposta de solidariedade no movimento sindical. Quanto mais solidário ele for, mais força terá.

"Liberdade é ruma calça april e dechotada..."

FAZ PARTE DO COMÉRCIO

Este era o jingle de um comercial de jeans nos anos 70 que procurava retratar o sentimento da juventude quando vestia sua calça jeans è saía por aí. Usado em todos os cantos do planeta, espécie de uniforme que diminui as diferenças sociais sem restringir as interpretações pessoais, o jeans representa, além de moda eterna, um negócio bilionário em todo o mundo. Da versão mais popular à que traz a assinatura do estilista mais famoso, o que muda é a qualidade, jamais seus múltiplos significados.

Glória Alves

le está em toda parte. De algumas décadas para cá, tornouse uma verdadeira febre, uma epidemia. Altamente contagioso, não faz distinção de raça, classe, gênero, ideologia, nem idade. E, apesar de não ter qualquer contraindicação, vicia. Estamos falando do jeans, esse velho conhecido de 135 anos e que, a cada aniversário, se torna mais moderno e atual. Quem não tem um no armário? Serve para todas as ocasiões e combina com qualquer aces-

formatos e preços, ele é a indumentária mais conhecida do planeta. Usada por qualquer mortal, artistas e caretas, políticos e ecologistas, bandidos e mocinhos, ele compõe o figurino da humanidade desde que apareceu ainda no século XIX, de uma maneira democrática e universal.

Imortal a partir da década de 50, graças à preferência de ícones da música e do cinema como Marlon Brando, James Dean e Elvis Presley, o jeans demonstrou sua versatilidade incorporando o espírito de inúmeras personalidades e tendências. sório. Encontrado em todas as cores, A peça surgiu da cabeça de um judeu ale-

NA DECADA DE 50 ARTISTAS COMO ELVIS PRESLEY, MARLON BRANDO, JAMES DEAN ENTRE OUTROS. **IMORTALIZARAM** O JEANS

mão, Claude Levi-Strauss, um gênio da época. Mas veio assim meio por acaso, a partir de - como diriam os marketeiros do nosso tempo - uma nova utilização para um produto já bastante banalizado, no caso a lona, e com pouco mercado. A moda é realmente o espelho da vida. O surgimento do jeans é fruto da necessidade de diversificar os negócios. Mas vamos saber um pouco de história.

No auge da corrida do ouro e conquista do oeste americano, por volta de 1850, muitos comerciantes aproveitavam para vender os produtos usados na mineração e exploração, como ferramentas, mantimentos, roupas e lonas. A lona era o produto mais lucrativo e logo todos passaram a comercializá-la. Foi aí que Levi-Strauss, um comerciante com um grande estoque de lonas, que, sem conseguir vendê-las, procurou outra aplicação para o produto. Ele observou que devido a grande exigência física no trabalho das minas, os mineradores tinham que substituir frequentemente as roupas utilizadas, e isso lhes custava caro. Havia a necessidade de uma roupa resistente, então, Strauss inventou algumas calcas de lona que tinham três bolsos que se prendiam com tiras, deuas aos mineradores e o sucesso foi imediato. Utilizava-se o tecido, vindo de Maryland, e geralmente na cor marrom, para cobrir carrocas. Quando a venda de tecido para essa finalidade caju, ele passou a ser utilizado na fabricação de calcas, em uma modelagem resistente e própria para o trabalho das minas. Foi patenteado em 1873. O invento foi aceito imediatamente, não só pelos mineiros, como também pelos agricultores, ferroviários e os vaqueiros. Depois, ao ser vendido em larga escala, o jeans se tornaria o elemento principal de uma verdadeira revolução no modo de vestir.

Tudo azul, tudo índigo blue "Índigo blues... Índigo blue jeans." A canção de Gil está no nosso inconsciente e faz referência à cor mais famosa da peça criada por Strauss. Mas, como já se sabe, não foi sempre assim. As calças eram feitas até então com lona de barraca e não havia muita variedade de modelos. Apesar de resistentes, não havia preocupação com o estilo. Assim, os modelos ficavam eram duros demais. Sempre preocupado com a opinião da encontrou um tecido melhor. Esse jeans mais macio era

Califórnia, que, mais tarde, se associou à Levi-Strauss. Produzido com algodão, o que parecia uma espécie de sarja ou estopa bem trançada, era na verdade brim, mais resistente e, ainda assim, mais flexível. O local de origem desse tecido acabou por nomeá-lo: Nîmes, cidade francesa, Daí, Denim, uma corruptela do francês De Nîmes. Já tingido de azul - na verdade um tom verde, que com o tempo e a luz, ainda na tecelagem, vai se transformando no índigo blue.

Mas como aconteceu essa idéia de Strauss? Esperto, ele resolveu tingir o brim de Nîmes com uma plantinha chamada "Indigus", que continha na sua raiz um forte corante capaz de dar ao tecido, originalmente branco, aquela cor que ficou universalmente conhecida. Índigo, o corante azul, é conhecido e tem sido utilizado há milhares de anos em várias civilizações, influenciando seus aspectos sócio-culturais. De todos os corantes naturais, além de ser um dos mais antigos, é também o mais importante. A palayra "Índigo" é derivada do grego "Indikon" ou do latim "Indicum" e significa "substância da Índia". em referência direta à região de onde o pigmento era proveniente no período do Império Greco-Romano. O corante índigo é produzido a partir de plantas das quais se extrai o pigmento em tom azul, sendo a principal delas a Indigofera, encontrada nos trópicos e sub-

A partir do século XIX, foi criado o corante sintético produzido através de substâncias químicas. Um dos indícios mais antigos da utilização deste corante foi encontrado na China, onde as cores sempre foram carregadas de grande simbologia, representando status social. O azul representava o alto escalão da sociedade chinesa, vestindo seus príncipes e a nobreza. A utilização do índigo estendeu-se no decorrer da história, no tingimento das vestimentas de vários povos, como os camponeses medievais e até mesmo os trabalhadores de tribos africanas. O azul sempre entre algo marrom e bege. E esteve associado ao poder, ao infinito, à magia e à transformação e por isso merece tanta atenção. Depois da Revoclientela, Strauss pesquisou e lução Industrial, o índigo se popularizou pela fabricação do jeans que atualmente atinge as mais variadas culturas, produzido por um alfaiate da faixas etárias e classes sociais. O índigo

é uma cor universal que representa a liberdade, a uniformidade e a união. "O índigo tem sido a cor de faraós, deuses e princesas - dos poucos e seletos mas ultrapassou seus limites na história, transformando-se na cor dos muitos, vestindo os camponeses chineses e trabalhadores africanos.O índigo é uma cor carregada de qualidades e por isso merece o título de "O Rei das Cores".

Já o nome, Jeans, vem de outro canto, mais precisamente de Gênova, cidade portuária da Itália. Desde o século XVI que os marinheiros genoveses se referiam às calças que usavam para exercer seu ofício pelo apelido carinhoso de Genes. Experimente agora falar essa palavra com o sotaque italiano. Percebeu de onde veio a palavra mais famosa da moda? Entretanto, o jeans só passou a ser utilizado no diaa-dia já no século XX. Quando morreu, em 1902, Levi-Strauss deixou uma fortuna de 1.600.000 dólares.

Paixão entre os famosos

O tempo passou e a indústria da moda foi adotando o Jeans em suas linhas de produção. Mas ainda não havia virado revolução. Aconteceu prá valer mesmo a partir da década de 50, quando os queridinhos do cinema, do rádio e TV começaram a adotar a peça como uma segunda pele. Ao vê-lo colado nas pernas de Elvis Presley, Marlon Brando, James Dean, Marilyn Monroe, a turma da saia rodada, do sapatinho de verniz e da calça social pirou. O que era aquilo? No requebrado do rei do rock, parece que a criação de Strauss tomava um novo sentido. Na dança dos quadris de Elvis havia algo místico-mágico-religioso, que levaria adolescentes de todas as idades à beira de catarse pessoal.

Os beatniks adotaram, assim como os rockers e mais tarde todo mundo. E olha que eles nem imaginavam o que estavam fazendo. Que a própria calça que usavam se tornaria uma espécie de símbolo daquilo tudo, levando a humanidade a repensar uma série de conceitos e comportamentos. Com o surgimento no cinema, encabeçado por James Dean e Marlon Brando, a roupa começou a associar-se ao conceito de juventude rebelde, conquistando este público.

30

Depois disso, o mundo jamais seria o mesmo. Vieram os Beatles, Bob Dylan, Jimi Hendrix, Janis Joplin. Veio Woodstock e os outros festivais de paz e amor. Vieram existencialistas, hippies, progressivos, punks, yuppies, darks, new wave, pós-modernos e cowboys do asfalto que, com suas Harley-Davidsons, aterrorizavam a Califórnia. E todos embarcaram na mesma onda - vestidos de jeans, claro. Mas a peça só chegou a conquistar o restante da população após a proliferação social do seu conceito como roupa despojada e do cotidiano, sem perder seu charme e elegância. Consagravam-se os gigantes do Jeans, como Levi's, Lee e Mustana.

O primeiro estilista a colocar o jeans na passarela foi Calvin Klein, na década de 70. Isso provocou os mais conservadores. Mesmo assim, ele foi seguido pelos demais estilistas da época e o jeans definitivamente conquistou seu espaço na sociedade. A propaganda de Klein, na época, tornou-

se famosa. Ele colocou Brooke Shields, então a ninfeta do momento, num imenso outdoor em plena Times Square, em Nova York, declarando: "Entre mim e o jeans não existe mais nada". Nomes da alta costura, como Jacques Fath, Pierre Cardin, Givenchy, Pierre Balmain e até o muito esnobe Van Cleef Arpels acabaram por ligar suas etiquetas à trajetória do jeans como moda. Ele tornou-se um fenômeno bastante singular. Usado em todos os continentes por trabalhadores do campo e da cidade, foi adotado tanto pelos ricos quanto pelos pobres, curiosamente sempre conservando as características originais das primeiras calças feitas por Levi-Strauss.

Os muitos tipos de jeans

Liberdade. Quando se pensa em jeans, se associa o produto a esse conceito. Mas, graças ao trabalho criativo dos estilistas, a coisa não fica apenas no abstrato. É refletido em inúmeras formas. estilos e cores. Aproveitando o embalo, apresentamos alguns dos tipos mais conhecidos:



Tradicional: o certinho, com os cinco bolsos tradicionais, criado por Strauss e eternizado no seu modelo 501. Neste jeans, a cintura está no lugar certo e a barra vai afunilando num corte reto até terminar numa boca discreta. Veste bem qualquer tipo de corpo.

Antifit: parece com o 501, mas é mais despojado e, por isso, com liberdade para ter aqui e ali mais sobras. Podem ter botões em vez de zíperes e outras ousadias mais. Apesar do conforto, cuidado: o caimento está longe de ser ideal.

Slim Fit: É o jeans apertadão, de cintura baixa, tipo Saint-tropez, que deixa marcados os quadris e valoriza o bumbum. Seu corte afunilado marca a silhueta e ajuda a esconder as gordurinhas sobressalentes.

Semibaggy: é um jeans mais feminino, para quem tem cinturinha fina e quadril de Carla Perez. É bem verdade que já teve seus dias de glória, ao menos no Brasil, lá atrás, no passado.

Cigarrete: em algumas versões de mais um jeans apertadinho, podem entrar tecidos como a Lycra que confere uma textura diferente e uma aderência ainda maior, sem ser muito longa. Mas as gordinhas devem fugir dele!

Oversized: é o jeans do "largadão". Folgado, tem formas "tamanhogigante", mas podem ser apertados na cintura e na boca. Algumas versões abusam dos bolsos. É o preferido dos skatistas.

Uma moda eterna e bilionária

Pode ter sido quase um escândalo, mas era inevitável. Afinal, não se tem notícia de outro tipo de roupa, tecido e estilo, que tenha alterado tão profundamente hábitos de vestir e conceitos de elegância em qualquer época, e em todo o mundo. Nestes 135 anos - os jeans completaram oficialmente seu centenário de sucesso em 1972 - nenhuma outra peça do vestuário se multiplicou tanto, em modelos, modelagens e lavagens, rompendo as barreiras que dividiam a moda feminina e masculina, permitindo todas as parcerias e combinações como se tivesse nascido para cada uma delas em particular. Até mudou radicalmente de cor, tempos atrás, explodindo num verdadeiro arco-íris, para enfrentar um dos momentos de crise, pois jamais faltaram profecias de que, na próxima estação, canção. Porque, afinal, negócios os jeans estariam finalmente vencidos. E não perdeu a personalidade ao ganhar novas texturas e tramas.

A comodidade e praticidade que o jeans proporciona, aliadas a sua fácil manutenção, foram definitivas para sua fixação como vestuário básico. Numa época em que estamos cada vez mais sem tempo livre esses fatores são fundamentais. Percebe-se também a introdução e continuidade do jeans nos ambientes de trabalho mais formais, em escritórios, grandes empresas e instituições financeiras, principalmente após a instituição da sexta-feira como o "Casual Day" e muitas vezes a abolição total da obrigatoriedade do uso de terno e gravata.

Hoje em dia, os jeans representam, além de moda eterna, um negócio bilionário em todo o mundo. Literalmente, são usados em todos os cantos do planeta, espécie de uniforme que diminui as diferenças sociais sem restringir as interpretações pessoais. Da versão mais popular à que traz a assinatura do estilista mais famoso, o que muda é a qualidade, jamais seus múltiplos significados. São justamente esses significados que compõem a base da longevidade e da fama dos jeans. Não importa o que sejam, mas o que querem dizer. Vestido por James Dean, já foi sinônimo de rebeldia. No corpo de Catherine Deneuve transforma-se em puro charme. Em Madonna, é sensualidade. Com jeans, os hippies dos anos 60 e 70 do século 20 pediram paz e amor. Uma década mais tarde, vestindo jeans, os yuppies fizeram fortuna em Wall Street.

No Brasil, acontece a mesma coisa. Somos o segundo mercado de jeans no mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos. Nosso consumo ultrapassa a casa dos 100 milhões de peças vendidas anualmente. E nossa produção trilha os mesmos caminhos de prosperidade. Os fabricantes poderiam dizer que, no quesito exportação, tudo anda azul, azulzinho. Liberdade é uma calça azul e desbotada, definiu um jingle, para horror de muita gente, que sentiu a liberdade assim ultrajada. Aquela calca desbotada, ou coisa assim, vai fazer você lembrar de mim, diz uma outra

bilionários, moda que não sai de moda e versatilidade à parte, a paixão também veste jeans.

Os números do sucesso no Brasil

Apesar da pressão dos produtos importados, particularmente dos chineses, o mercado brasileiro de ieans encerrou 2006 com superávit, considerando apenas os resultados dos segmentos de denim (tecido índigo) e ieans (tecido confeccionado) – as duas principais áreas em comércio exterior do setor. O país exportou US\$ 139,63 milhões em denim e US\$ 41,37 milhões de jeans, segundo dados consolidados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e do IEMI - Instituto de Estudos e Marketing

Segundo o economista Luiz Atollini, do IEMI, no mesmo período, foram importados US\$ 33,46 milhões de jeans e US\$ 6,53 milhões em denim. O saldo da balança é favorável para o Brasil em US\$ 133,09 milhões para denim e em US\$ 7,91 milhões para jeans. Mas o avanço das importações combinado com a queda das vendas externas fez o superávit do segmento de jeans despencar a partir de 2004. Já em 2005, o país importou 6,1 milhões de jeans avaliados em US\$ 17,63 milhões. Em compensação, embarcou 8,04 milhões de peças em operações que renderam US\$ 69,95 milhões, aponta a balança comercial.

Atollini diz que em 2006, o país importou 9,22 milhões de jeans e exportou 4,12 milhões de unidades, pouco mais da metade das vendas externas no ano passado. A indústria têxtil registrou redução do volume das vendas externas, enquanto o mercado comprou mais tecido de fora. Apesar disso, a participação do fornecedor interno continua grande. As tecelagens despacharam para o exterior em 2006 o equivalente a 34.5 mil toneladas, que está abaixo das 37,8 mil toneladas de 2005, que, por sua vez, já foi menor que o registrado no ano anterior. As importações mantêm tendência de alta. Em 2005, foram importadas 997,8 toneladas. "Em 2006, esse volume praticamente dobrou, alcançando 1,9 mil toneladas", explica o economista.

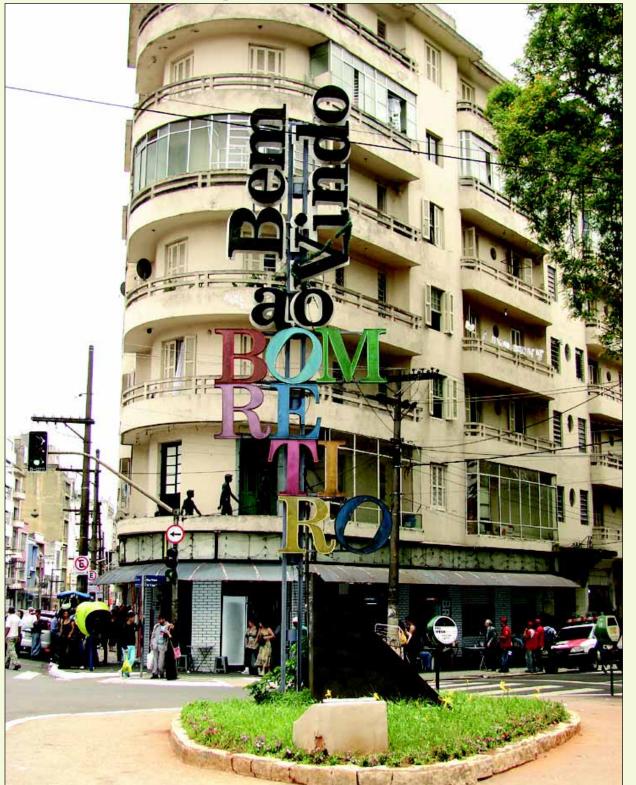
BOM RETIRO: o bairro das ruas que são o CENTRO DA MODA

Pólo qualificado da indústria de Glória Alves moda, lugar de monumentos e construções de valor histórico e exemplo de convivência multicultural. Um grande centro de negócios de roupas e tecidos. Além dos italianos, judeus e coreanos, o bairro foi abrigo escolhido por armênios, árabes, poloneses, japoneses, búlgaros e gregos, o que tornou o bairro o mais cosmopolita de São Paulo. Depois dos italianos e dos judeus, hoje são as famílias coreanas que possuem a maioria dos negócios no ramo da confecção. O volume do faturamento em suas mais de 1.200 unidades produtivas que respondem por 25% do vestuário fabricado no País supera os R\$ 6 bilhões por ano, gerando cerca de 50 mil empregos, demonstrando a força econômica do bairro. A imensa maioria das vendas é feita para atacadistas, alguns representando grandes redes varejistas, que vêm de várias regiões do país, da América Latina e de países da África. O grupo de exportação local vende para quase toda a Europa e já começa relações comerciais com a Rússia. Recebe, em média, 70 mil compradores e consumidores que circulam diariamente por suas efervescentes e coloridas ruas

uem passa pelo Bom Retiro, um dos locais mais tradicionais da região central de São Paulo, localizado entre os rios Tietê e Tamanduateí, não imagina que aquelas ruas comerciais já foram, durante todo o período colonial, lugar de conventos e de chácaras de "retiro". Ali, as pessoas costumavam passear nos finais de semana entre seus pomares e jardins. Porém, a história do bairro, que ganhou o apelido carinhoso de "Bonrá", começou em 1532, quando o Cacique Tibiriçá estabeleceu o primeiro contato com Martim Afonso de Souza na Aldeia de Nhapuambuçu, local onde, hoje, a Avenida Tiradentes separa a Pinacoteca do Estado da Igreja São Cristóvão. Mais tarde, o bairro ganha em 1798 o primeiro Jardim Botânico do país que, aberto ao público, passou a ser o Jardim da Luz.

Quase um século depois, já em 1867, foi inaugurada a ferrovia da São Paulo Railway, ligando Santos a Jundiaí. Com o surgimento dessa estrada, o bairro tornou-se a primeira parada dos imigrantes que chegavam a São Paulo, o que marcou, de fato, o desenvolvimento do Bom Retiro. Pelos trens chegaram os italianos, os portugueses e os espanhóis fugindo da fome e da miséria de seus países. Trabalhando como operários nas fábricas que se instalavam ao longo da ferrovia, fixaram-se em vilas e casas de aluguel do bairro. No período entre guerras chegaram mais imigrantes fugindo das perseguições e das tristes condições de vida do velho mundo. Os judeus, os gregos, os armênios e os árabes trouxeram uma longa tradição comercial e seguiram trajetórias diferentes das demais comunidades

Com a facilidade de locomoção e as chances de emprego, além dos precos baixos dos terrenos recémdisponibilizados, o bairro passou por um processo de loteamento e urbanização nas últimas décadas do século



XIX, intensificado pela presença dos imigrantes. Nesse período houve uma expansão em todos os sentidos, fazendo com que a cidade fosse redesenhada de acordo com o comércio do café, e proporcionando, assim, um grande crescimento populacional. Todos estes imigrantes trouxeram suas culturas, fundaram inúmeros templos e igrejas, bem como diversas organizações mutualistas e associações culturais. Não se pode esquecer que, além da estação de trem, a região abrigava o Terminal Rodoviário, por onde comecavam a chegar também os nordestinos.

Na virada para o século XX, foram construídos os grandes monumentos republicanos como a nova Estação da Luz Sorocabana, a Pinacoteca do Estado e a Escola Politécnica. O Jardim da Luz foi totalmente remodelado à feição inglesa, com fontes, grutas, lagos e pontes rústicas. Por essa época aconteceram na chácara do norte-americano Charles Dulley, engenheiro da ferrovia, os primeiros jogos de "foot-ball", com as bolas trazidas por seu primo Charles Miller. O esporte se popularizou e deu origem a inúmeros times de várzea e ao próprio Corinthians, fundado pela comunidade espanhola em 1910, só para citar algumas peculiaridades.

Hoje, pólo qualificado da indústria de moda, lugar de monumentos e construções de valor histórico e exemplo de convivência multicultural, o Bom Retiro, além de boas lojas, tem uma trajetória interessante que retrata a pluralidade de São Paulo. Como demonstração de seu vigor urbano, abriga uma impressionante atividade econômica produtiva consolidada, com características e valores essencialmente contemporâneos: a indústria da moda. O principal diferencial do Bom Retiro é ser um bairro 80% atacadista que recebe clientes do Brasil todo. 20% das vendas acontecem no varejo com preços até 50% a menos que os praticados em Shoppings. Reúne, ainda, dezenas de restaurantes e empórios com as mais variadas expressões gastronômicas.

33

Linha do Tempo

Bastava pegar o trem e descer na primeira estação. Essa porta de entrada de São Paulo foi um dos motivos que influenciaram a vinda de muitos imigrantes para o Bom Retiro. A oportunidade de empregos e moradias baratas; esse era o cenário ideal para que os estrangeiros viessem e se espalhassem pela região. Os italianos, que foram os primeiros a chegar, se instalaram no bairro para trabalhar como operários nas indústrias que começavam a se formar. Muitos vinham direto da Itália ou das fazendas do interior de São Paulo, onde havia as plantações de café. A grande massa não permaneceu muito tempo – apesar de, ainda hoje, esbarrarmos com italianos pelas ruas locais. Eles deixaram suas marcas na religião, nas tradições, nos costumes e, até mesmo, na rua que resgata a saga deste povo: a Rua dos Italianos, uma justa homenagem a essa colônia. Mesmo com a instalação da outra hospedaria no Brás (onde hoje funciona o Memorial do Imigrante) o Bom Retiro continuou atraindo estrangeiros em função da proximidade com a linha do trem.

Depois dos italianos, foi a vez dos judeus e dos gregos. Mas o registro mais marcante da história da presenca de imigrantes foi, sem dúvida, o dos judeus. Por volta dos anos 30, devido à Segunda Guerra Mundial e à persequição nazista, um grande número deles se instalou para valer no bairro. Essa presença se tornou mais forte em uma esquina: o ponto que liga as Ruas da Graça, Correia de Melo e Ribeiro de Lima. Era ali que, nessa época da guerra, os judeus recém-chegados se reuniam para ouvir as notícias no rádio e torcer pela derrota do nazismo. Assim, a praça foi instituída como o palco de discussão de qualquer assunto importante. Os judeus saíram basicamente da Polônia, da Rússia, da Lituânia, da Romênia e da Hungria para exercer, a partir dos anos 20, o comércio no Brasil. Na verdade, fugiam das más condições e do clima aterrorizante do Leste Europeu, sem saber ao certo o que encontrariam na América.

Em dez anos, a maioria dos moradores era dessa origem. Mas isso só aconteceu porque, quando os judeus começaram a chegar, os italianos estavam deixando o bairro, o que facilitou gerações mais novas se tornaram



Estação da Luz (acima) e Pinacoteca do Estado (abaixo)

a adaptação dos que vieram depois. Com o tempo, o bairro foi ficando com a cara deles, revelando sinagogas e escolas judaicas, além de restaurantes e pensões bem típicos. E como esses judeus não eram agricultores – como os italianos -, acabaram optando pelo comércio, começando inicialmente a trabalhar vendendo tecidos de porta em porta, e só depois se estabilizando com lojas de tecidos. Nos anos 50 investiram em lojas de roupas prontas, reflexo das necessidades de praticidade criadas pela escassez da guerra, tocando os negócios em família por um bom tempo.

No final da década de 60, teve início o esvaziamento da região central da cidade e a deterioração do transporte ferroviário. Já a partir desse momento e do começo dos anos 70, foi a vez dos coreanos - vindos na sua maioria de Seul - chegarem aos poucos ao bairro que passou por uma fase de decadência ao longo dos anos 80. Mesmo assim, eles começaram a comprar as principais lojas do bairro e a imigração se acentuou, fazendo com que o limitado comércio familiar se transformasse numa estrutura empresarial. Até mesmo porque os judeus começaram a migrar para outros pontos da cidade – as

profissionais liberais e não queriam assumir os negócios da família. Mas, ainda hoje, apesar da presença maciça dos coreanos, algumas confecções, sinagogas e os ótimos restaurantes de comida típica registram a importância do povo judeu no bairro.

Os gregos também ainda habitam por lá. A especialidade desse povo são as camisas que até hoje marcam presença em lojas tradicionais na rua dos Italianos. Já nos anos 90, com a abertura para as importações de tecidos, os coreanos foram cada vez mais conquistando o seu lugar. A força desse povo, literalmente, dominou a paisagem das ruas, e hoje é uma grande colônia, respondendo por 80% de concentração na região. Voltados para a confecção de vestuário, eles emprestaram sua estética oriental moderna às lojas. Essa predominância de coreanos, responsáveis pela florescente indústria de confecções, gera milhares de empregos para brasileiros, bolivianos e povos de outras nacionalidades. Atualmente, 70% do comércio pertence aos coreanos, incentivando o crescimento do bairro por terem preços mais populares. O sucesso significou muita dedicação e trabalho, incluindo viagens de pesquisa e muita informação sobre moda.



Precos: o grande chamariz do bairro

Como vimos, depois de séculos inabitada e de passar a sediar chácaras de retiro, a região tornou-se passagem obrigatória de ciclos migratórios intide 1882, foi construída uma hospedaria para imigrantes no bairro. Curioso saber que o lugar foi a primeira morada de Martorelli, em torno de mil empresas muitos estrangeiros. Parece que, de alguma forma, essa vocação para abrigar gente de países distantes permaneceu. Na década de 50 a vocação comercial da região se revelou. Multiplicavam-se as pequenas oficinas de roupas finas, as mecânicas e os estabelecimentos comerciais de atacado e vareio. Nessa época surgiram as primeiras galerias e centros comerciais, com centenas de loias cada uma, principalmente de artigos de vestuário. Muitas delas tinham nos fundos suas próprias oficinas de costura ou fábricas de ma-

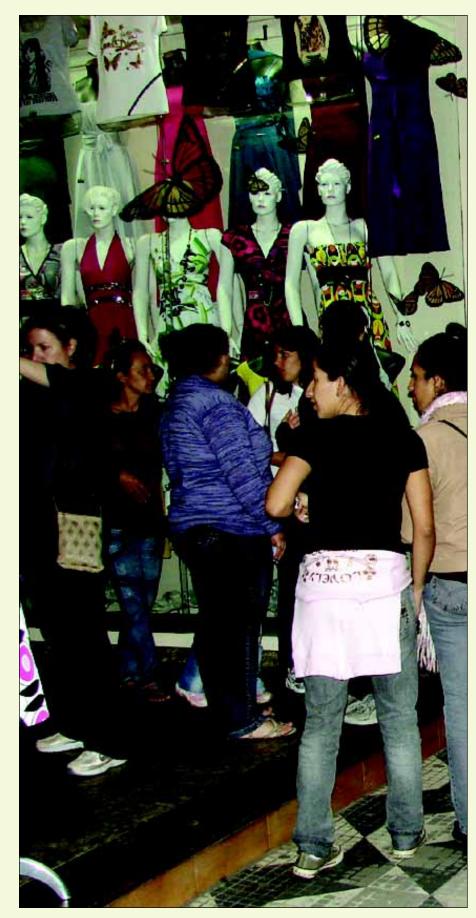
Hoje, os precos são o grande chamariz do comércio popular de São Paulo. Mas o que poucos sabem é que, além de valores justos, os consumidores procuram o Bom Retiro porque acre- cal, você se depara com pessoas de ditam encontrar a qualidade aliada à variedade de produtos. Diante disso, ferentes... e muitas sacolas nas mãos. não é de se estranhar que cerca de E, afinal, quem faz mais compras no 70 mil pessoas passem todos os dias Bom Retiro?

pelo bairro, ansiosas para aproveitar as novidades dignas de qualquer Shopping Center. "O Bom Retiro não pára de crescer e de se modernizar." A afirmação é de Antonio Ary Martorelli, presidente da Câmara de Dirigentes mamente ligados à moda brasileira. A Lojistas (CDL), entidade sem fins área nasceu e se criou sob a égide dos lucrativos que dá suporte aos empreenteares e máquinas de costura. Por volta dedores da região, colaborando com o crescimento dos negócios e o aquecimento contínuo das vendas. Segundo confeccionistas e 55% de toda a moda feminina consumida no País sai do Bom Retiro. Além disso, a diversidade de produtos com qualidade e o preco justo são algumas das características principais das lojas da região. "O bairro recebe gente do país inteiro atrás de roupas para revender ou para uso pessoal cerca de 50% mais baratas que nos shoppings. Diferenca que aumenta em época de liquidação", diz.

Aliás, os clientes da região não se limitam a pessoas de baixa renda – como se presume pela referência de lhas, gravatas e mercadorias seme- comércio popular. O bairro, na verdade, recebe visitantes de todo o País e até de outras nações, curiosos por conhecer as confecções desse grande centro a céu aberto, que se tornou referência no mundo da moda. Ao andar pelo lojeitos, estilos, idades e sotaques di-



Rua José Paulino, uma das mais conhecidas no bairro



Mulheres e compras...

Sem dúvida, a grande maioria dos clientes é do sexo feminino. A classe social varia muito. Segundo Kelly Cristina Lopes, secretária executiva da CDL, há desde donas de butique e de lojas de shoppings, até as famosas "sacoleiras". "É muito comum ver mulheres das classes B e C fazendo compras pelo bairro. A idade varia dos 12 aos 80 anos, pois oferecemos produtos para todos", diz. Entre acessórios, armarinhos, aviamentos, artigos para decoração, cama, mesa e banho, tecidos, roupas masculinas e femininas, este último quesito leva o primeiro lugar no pódio, disparado! Afinal, há em torno de 830 lojas só para as mulheres, o que não dá para competir com nenhum outro mercado. O gasto médio do cliente que vai ao bairro para consumir é de R\$ 200. Já para os atacadistas, que compram aos montes para revender em diferentes partes do Brasil, as compras podem variar de R\$ 5 mil a RS 10 mil por pessoa. Se nas aquisições de varejo geralmente predomina o uso de cartões de crédito e dinheiro, no atacado é praticamente inevitável aceitar cheques - mas, normalmente, isso só ocorre com clientes cadastrados.

O metro quadrado mais caro

Ao lado da 25 de Março, uma das ruas mais tradicionais em compras de São Paulo, o metro quadrado da José Paulino, a Zêpa - apelido carinhoso principal rua do Bom Retiro, não sai por menos de R\$ 10 mil. Para se ter uma idéia do quanto ela é valorizada, na Avenida Paulista, que é o centro financeiro da capital, o metro quadrado gira em torno de R\$ 9 mil. Até mesmo na luxuosa, cara e repleta de grifes internacionais Oscar Freire, o metro quadrado custa R\$ 7 mil.

Aliás, a maior parte do comércio, desde o início, ficou concentrada ao longo dos seis quarteirões da Rua José Paulino, que até 1916 chamava-se Rua dos Imigrantes. Nessa rua tem de tudo. É muito importante ter paciência para se aventurar dentro das lojas e galerias que sempre oferecem roupas de todo tipo e acessórios muito interessantes. Além do último grito da moda, há também muitas opções de moda festa, inclusive nas linhas casamento e



briram, com o decorrer do tempo, que a vocação da região como um todo era a de se transformar num grande centro de negócios de roupas e tecidos. Algumas ruas, como a dos Aimorés, por exemplo, que atualmente abriga uma confecção ao lado da outra, já viveu de outro ramo - fábricas de camisas e pulôveres. Vieram outros, e a rua passou a abrigar confecções de blusas, calças, camisas, gravatas e muitas peças femininas – até se transformar em um dos principais endereços para quem quer comprar moda no atacado. A Rua Itaboca também mudou. Rebatizada de Professor Cesare Lombroso, é hoje outro corredor imprescindível para quem pretende desvendar o universo fashion do Bom Retiro. Já na Rua da Graça o foco é a malharia. A maioria das lojas dessa rua vende artigos de tricô e crochê, mas, além disso, também há saias, blusas e calças. É também onde se localizam as lojas de tecidos e maquinários. Os estabelecimentos são mais ajeitadinhos e bem menos movimentados que a José Paulino e, talvez por isso, um pouco mais caros. Na Silva Pinto, transversal da

Outras vias do bairro desco- José Paulino, ficam as lojas que vendem roupas para senhoras e para quem usa número maior que 46. As butiques têm vestimentas também para quem busca uma roupa mais social. Já a Ribeiro de Lima tem uma loja escondidinha que tem ness é mais do que um evento de moda bolsas incríveis e baratas, entre outras de na rua: é uma oportunidade de estiacessórios e bijuterias.

Basta dar uma passada por essas ruas e por tantas outras do Bom Retiro para se constatar que o bairro, que sempre ra de Lojistas. se firmou no comércio de roupas prontas, apesar de tantas migrações, não mudou sua natureza. Podemos dizer que a região está dividida em dois segmentos: o atacado e varejo. Ao todo, são 1.200 lojas que fazem da região uma das mais cer estilos e criações das empresas famosas do Brasil, se reinventando a cada dia, lançando tendências, simultaneamente com o mercado da moda interna- do o país. cional. As lojas estão mais "clean", modernas e espaçosas. Estes investimentos em vendas aumentam de 5 a 8% durante modernidade e tecnologia não acontecem por acaso. Por trás de tudo isso, está a parceria entre os lojistas e a CDL - Bom Retiro, que vem atuando e conscientizando os lojistas para que cada vez mais a região se fortaleça como o pólo mais importante de moda do país no mercado internacional

Bom Retiro Fashion Business

Reconhecido nacionalmente como um dos eventos mais movimentados de moda, o "Bom Retiro Fashion Business" chegou esse ano à 5^a edição apostando nas reformulações. Nesta edição mudou de endereço e migrou da rua Ribeiro de Lima para a rua Carmo Cintra. A idéia da troca de ruas é prestigiar o bairro como um todo, levando os desfiles a diferentes pontos da região a cada edição. O desfile, que aconteceu ao ar livre, contou com a presença da ex-BBB Íris Stefanelli, e recebeu na passarela cerca de 20 grifes, apresentando as últimas novidades em moda masculina e feminina, além de acessórios para a primavera/verão 2008.

O Bom Retiro Fashion Business é uma iniciativa da Câmara dos Dirigentes Lojistas do Bom Retiro e tem incentivado os estilistas da área a traduzirem para o consumidor final as tendências reveladas em semanas de moda do mundo todo; de Tóquio ao "São Paulo Fashion Week". "A cada edição, notamos um aumento na questão da profissionalização das criações. Estamos melhorando cada vez mais o estilo das apresentações e investindo na qualidade dos desfiles. Com isso, o Bom Retiro Fashion Busilistas que atuam diretamente no mercado exporem suas criações", afirma Ary Martorelli, presidente da Câma-

Além da questão financeira, os desfiles valorizam o bairro, já que o número de visitantes e frequentadores tende a aumentar a cada edição, em razão da curiosidade em conheatacadistas que fazem a moda nas mais conceituadas lojas de shopping de to-

Ainda segundo Martorelli, as as duas semanas após o evento. Cerca de 50% dos compradores vêm da região Sul e Sudeste. Interior de São Paulo e Sul de Minas concentram 25% dos compradores vindos de fora. Já o Nordeste soma 10% dos clientes do Bom Retiro. Em torno de 90 mil pessoas assistiram aos desfiles.

Eles são do Bom Retiro

Filho de mãe brasileira e pai judeu lituano, o comerciante Hélio Joffe cresceu vendo o Bom Retiro se desenvolver. De 1929 até 1954, o pai, Francisco Joffe, foi proprietário da famosa "Papelaria Para Todos", na época uma das mais tradicionais de São Paulo. Em 1964 a família resolveu mudar de ramo e seguir a trilha dos demais judeus no ramo da confecção. Acabou por "reinaugurar" a loja escolhendo o nome fantasia "Empório da Moda". A loja vendia no atacado produtos multimarcas e, até hoje, continua no mesmo ramo, só que agora no varejo. "Meus pais moravam no bairro da Mooca quando chegaram ao Brasil. Naquele tempo, quem fazia o Bom Retiro eram os italianos. Depois viemos nós, os judeus. Eu era ainda muito menino quando vinha ajudar meu pai na loja. O comércio familiar sempre foi tradição entre o povo judeu e era muito forte nos primeiros tempos do Bom Retiro", relembra o comerciante.

"Na verdade, os pais judeus se entregavam ao trabalho de maneira dedicada para dar aos filhos uma oportunidade de vida melhor através dos estudos", complementa. Assim, pelo depoimento de Hélio Joffe, se confirma a tendência que se mostrou anos mais tarde. A maioria dos filhos dos judeus, depois de formados, não optou pela vocação comercial dos pais. O próprio Hélio foi um dia exemplo desse fato. Formado em engenharia, foi trabalhar numa usina, antes de se render novamente ao bairro. "O Bom Retiro é a ONU que deu certo", diz ele. "Aqui existe a maior demonstração de harmonia entre os povos no planeta que eu conheco. No Bom Retiro nós não nos toleramos, nós nos respeitamos. Não existe a segregação racial. Eu admiro muito esse lado do bairro por isso", come-

Já o sonho do comerciário João Collado Navarro, 67 anos, era ser um dia advogado. Porém, a origem humilde e as dificuldades naquele período de sua vida fizeram com que ele dirigisse seus caminhos para a área de vendas. Começou ainda menino no Bairro do Bom Retiro como office-boy, nas "Confecções Flanck". Após tornar-se vendedor, seu João se afastou por 10 anos por causa de uma oportunidade melhor. nas confecções Vancil. Depois desse



investimentos públicos que trouxeram a região de volta ao centro da metró-

presários e a CDL Bom Retiro estão se unindo mais uma vez na elaboração de um projeto que venha atender as necessidades do bairro. O projeto anterior não pôde ser levado adiante por múltiplos impedimentos. Neste novo projeto, os prazos ainda não estão definidos. A fase é de análise, inclusive junto à Prefeitura de São Paulo. Tratase de um conjunto de melhorias urbanas acopladas ao desenvolvimento econômico, social e cultural da região com o objetivo de firmar o Bom Retiro como "O Bairro da Moda no Brasil". Primeiro, é preciso dizer que há cerca de 10 anos já teve início o processo de modernização das lojas, com os empresários investindo em reformas, novas fachadas, instalações mais amplas e belíssimas vitrines. Este movimento iá provocou grandes mudancas, sobretudo nas ruas Aimorés e Professor Cesare Lombroso, e agora está se estendendo às outras vias, como a José Paulino, Italianos, Silva Pinto e Ribeiro de Lima, com o objetivo de revitalizar o bairro como um todo.

O comerciante Hélio Joffe (centro) atende cliente em sua loja "Empório da Moda"



entrar em detalhes, pois todas as nuances estão sendo elaboradas com cuiligadas à infra-estrutura estará a revisão da rede de esgotos, água, energia, gás, telefonia, melhoria da iluminação pública e da coleta seletiva de lixo. Pode acontecer ainda a padronização das barracas dos ambulantes regulari-

A CDL Bom Retiro prefere não zados e a fiação do bairro ser convertida em subterrânea.

É isso! Os coreanos transformadado; mas, com certeza, entre as ações ram completamente a paisagem do bairro, mesclando ainda mais as culturas que reinam por ali atualmente. Mais uma vez o Bom Retiro significou oportunidade e foi vestido de lojas novas, com criação própria, gosto apurado e grande capacidade produtiva. Sorte do consumidor!

AS PRINCIPAIS RUAS DO BOM RETIRO

RUA JOSÉ PAULINO

pírito caritativo, prestou, durante a numerosas obras importantes giu a Companhia Mogiana de Estradas

UA RIBEIRO DE LIMA

inos. Exerceu o cargo de juiz de paz em liversas legislaturas e suplente de vereador

Médico e criminalista italiano, nasceu em MUMER Veneza, em 1836. Segundo suas teorias, BOM R o criminoso é muito mais um doente do Número de lojas: jue um culpado. Escreveu também 1.200 lojistas no bairro, sendo que 1000 iumerosas obras, inclusive sobre _{são fabr}icantes piritismo, pois se tornou espírita.

irro do Bom Retiro. Esta capela situava etê, próxima à atual Rua Barra do Tibagi Rua da Graça, que tem sua origem na la Ribeiro de Lima, rua esta vizinha ac rdim da Luz, é uma das mais tradiciona rou para o Brasil junto com a família país: portuguesa, instalando-se em São Ruas setorizadas: o, em julho de 1815. Foi brigadeiro e confecção, calçados, acessórios, maquiná

RUA CORREIA DE MELO

Campinas, em 1816. Tentou ser advogado Coronel José Paulino Nogueira, natural tarde, dedicou-se aos estudos botânicos
Campinas, foi grande agricultor e tornando-se um profundo conhecedor de astado capitalista. Dotado de largo nossas plantas medicinais. Deixo

O Doutor Joaquim da Silva Pinto, médico político e senador estadual, foi durant

RUA JÚLIO CONCEIÇÃO

Júlio Conceição nasceu em Piracicaba Homem de grande fortuna, era naturalista historiador e biógrafo. Participou de todo os movimentos filantrópicos da cidade. Fo Câmara Municipal. Preocupou-se com-proteção e a defesa da flora e da fauna de Brasil e com a regulamentação da pesca Amparou a Sociedade Protetora do Animais e foi criador do Parque Indígena

NÚMEROS DO BOM RETIRO

geração de 30 mil empregos diretos e 20

Peças produzidas:

20 mil peças produzidas/mês por empresa

ruas da região do Bom Retiro;

dia seis novas peças diá

período ele acabou voltado ao ponto de origem. A mesma loja, os mesmos donos, apenas o nome mudara para "357 Artigos Masculinos". Nesse período, o comerciário diz que aprendeu a gostar do seu ofício e a admirar o povo judeu, com quem trabalhou a vida inteira. Para ele, um povo batalhador e sério. "Aqui no Bom Retiro, com meu trabalho de vendedor, eu construí minha casa, casei, dei estudo superior a meus filhos. Eu amo o Bom Retiro, foi aqui que eu fiz minha vida" diz, emocionado, o comerciário. Mesmo aposentado, ele pretende continuar trabalhando até quando, segundo ele, Deus quiser.

Um renovado e promissor Pólo de Moda

O bairro central do Bom Retiro, contíguo ao Distrito República, possui um perfil único ligado à indústria da confecção. Concentra mais de mil unidades produtivas que respondem por 25% do vestuário fabricado no país, um faturamento na casa dos bilhões. Gera 30 mil empregos diretos e 20 mil indiretos. Uma comunidade étnica multifacetada sem igual no Brasil, e ainda um dos principais bens tombados da cidade, a Estação da Luz. Recentemente houve uma retomada dos grandes

Para fortalecer esse perfil, em-

Comércio ajuda a economia do Brasil a CRESCFR

O economista Mar- Sílvia Kochen cel Solimeo é um especialista em questões ligadas ao comércio. Diretor do Instituto de Economia Gastão Vidigal, da Associação Comercial de São Paulo, ele acompanha o setor desde os anos 60. Em entrevista à revista Voz Comerciária, Solimeo analisa o desempenho da economia brasileira e do comércio em geral no primeiro semestre de 2007, e dá o seu prognóstico para o segundo semestre. Segundo o economista, há bonanca no horizonte com um bom crescimento da economia, e das vendas, até o final de 2008

Voz Comerciária - Qual é o balanço da economia do primeiro semestre deste ano?

Marcel Solimeo - Ainda não temos dados oficiais do primeiro semestre de 2007. O que temos são dados do primeiro trimestre e alguns outros indicadores econômicos que indicam que a economia brasileira andou bem e cresceu em torno de 4% em relação ao mesmo período do ano passado. O varejo cresceu um pouco acima disto, em torno de 6%. A causa principal disto começa pela grande expansão do crédito combinada com uma queda de taxa de juro e o alargamento dos prazos de crediário, que faz cair o valor das prestações. Tudo isto permitiu um forte aumento das vendas de bens duráveis, especialmente de veículos, que estão batendo recordes sucessivos em termos de produção e de venda. Ao mesmo tempo, a inflação vem se mantendo sob controle porque ela é monitorada pelo câmbio, que tem oscilado mais para baixo do que para cima. Isto segura os preços domésticos, não só pelo que se importa, mas pelo que se pode importar se os preços internos começarem a subir muito. Então, temos uma combinação positiva de aumento do Produto Interno Bruto (PIB) com queda da inflação. Ao mesmo tempo, o cenário externo continua benigno e continuamos tendo resultados bastante expressivos da balança comercial. Embora o câmbio defasado prejudique as exportações de alguns setores, a elevação dos preços das commodities continua permitindo resultados extremamente favoráveis da balança comercial.

Com tudo isso, tivemos alguma recuperação de emprego e, também, da renda da massa salarial. Mas isto tudo não é uniforme. Não são todos os setores que estão em céu de brigadeiro. Não são todas as regiões que têm desempenho igual e, dentro da massa de assalariados, não são todos os que estão tendo as mesmas facilidades no mercado de trabalho.

VC – E quanto aos comerciários especificamente?

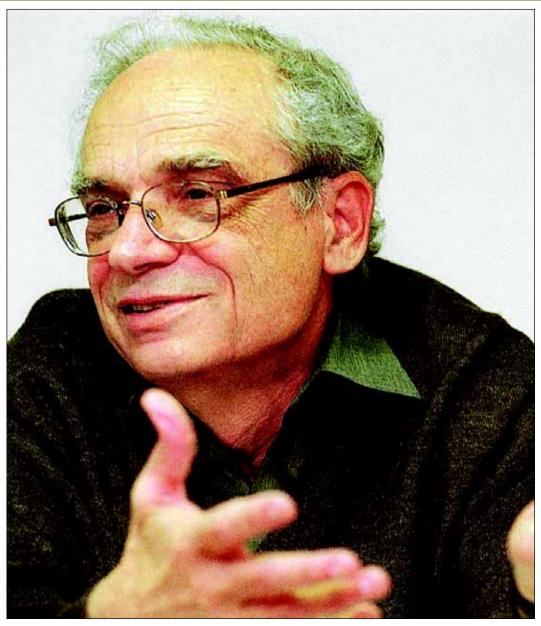
MS – O comércio vem tendo um bom desempenho, embora não tenha sido um grande gerador de empregos na região metropolitana de São Paulo. Isto porque o comércio vem tendo um desempenho melhor em outras regiões. O comércio cresce em São Paulo, mas cresce muito mais em outras regiões, como Nordeste e Centro-Oeste, em função das transferências de renda que têm ocorrido.

VC – E por que não cresce tanto assim em São Paulo?

MS – É até um problema mais geral da economia. São Paulo perdeu muitas indústrias e está se tornando, cada vez mais, uma cidade de serviços.

VC - Mas isto não significa que o comércio deveria se expandir mais, junto com o setor de serviços?

MS – Mas ainda não há no setor de serviços um dinamismo capaz de substituir a perda havida no setor industrial. Isto porque a indústria é um setor mais empregador – especialmente a indústria tradicional, como calcados e têxteis – que ocupa mais mão-deobra. E boa parte desta indústria mudou-se para o interior do Estado. Por



isso, hoje há alguns centros dinâmicos no interior que estão crescendo mais do que a economia de São Paulo, e gerando mais empregos. Mas o setor de serviços vem crescendo fortemente e a tendência é que aumente a sua participação na economia, como vem ocorrendo em todos os países industrializados. Mas este setor ainda não é capaz de oferecer postos de trabalho de boa qualidade porque ainda não está com todo este dinamismo que a indústria dá.

VC – O que se pode fazer para me-Ihorar a qualidade dos postos de trabalho no comércio?

MS - É preciso que a economia realmente cresça mais fortemente aqui para gerar mais emprego e maior disputa pelo trabalhador. Isto é o que vai melhorar a remuneração do setor. Mas hoje o comércio já vem requerendo trabalhadores de mais qualificação, principalmente nas grandes redes, e já se fala em indústria de distribuição. Você pega uma cadeia como o Pão de Açúcar, seus problemas logísticos, de controle, de reposição de estoque e de atendimento, são tão ou mais complexos do que em muitas indústrias. E exigem pessoal qualificado. Os salários já são atrativos e competem no mercado nas outras áreas do comércio, mais técnicas, que ficam na retaquarda.

O setor de informática de uma grande

rede como está hoje tem de ter profissionais da mais alta qualificação porque todo o giro do comércio depende da eficiência na compra, na entrada do produto e na colocação do produto na loja, no menor prazo possível para aumentar o giro. Então, o comércio vem gerando empregos de maior qualidade.

Mas o pequeno comércio ainda continua naquele sistema tradicional, com o vendedor, que não exige uma qualificação muito grande. E muita gente sempre considerou o trabalho no comércio como uma etapa enquanto se está estudando. O comércio não retinha, e a maior parte ainda não retém, trabalhadores qualificados até por um problema da carga horária do comércio.

VC - A abertura do comércio aos domingos não poderia ser usada para aumentar o número de postos de trabalho no setor?

MS - O trabalho aos domingos aumenta postos de trabalho no setor. Se ele não existisse, nem o trabalho à noite, seguramente haveria pelo menos um turno a menos nas grandes empresas. Com o horário ampliado, é preciso contratar não quatro turmas, mas cinco turmas. E se contarmos as férias e substituições... Eu tinha números, antigos, sobre isto. Mas é evidente que, quando se fica mais horas funcionando, é preciso aumentar o número de funcionários. Isto talvez não ocorra frequentemente em empresas menores, tocadas por uma família. Algumas nem abrem porque não têm gente para ficar, outras porque estão em uma região sem grande movimento, em que não compensa. Aqui na região central de São Paulo, por exemplo, não tem ninguém aos domingos. Mas o comércio aos domingos é uma necessidade de toda grande cidade porque boa parte da população não tem tempo de fazer compras durante a semana. O comércio aos domingos também mescla compra com lazer. O sábado à tarde e o domingo são extremamente importantes para alguns segmentos do varejo, como os supermercados e as concessionárias de veículos.

VC - Mas a maioria das lojas de shoppings são pequenas empresas familiares e a abertura aos domingos sobrecarrega os funcionários...

MS - Sim, é verdade. Mas existe uma legislação que tem de ser respeitada, com uma carga horária pré-determinada. Vamos pegar o segmento de revendas de veículos, por exemplo. Para o vendedor, o melhor dia é o domingo porque vai o marido, a esposa, as crianças... E só dá para fazer isso no final de semana. Então, o domingo é extremamente relevante para alguns segmentos. Agora, sempre é possível encontrar o ponto de equilíbrio em que acaba compensando para ambos os lados.

VC - Neste primeiro semestre. quais os setores do comércio que mais cresceram?

MS – O setor de veículos foi o principal. pois cresceu em um ritmo extremamente alto e a expectativa é de que continue a crescer ainda mais até o final do ano. Hoie iá é possível comprar um veículo em até 84 meses, ou seja, pode-se pagar em até sete anos. Quando se combina a queda da taxa de juros com a dilatação do prazo do crediário, o valor da prestação é reduzido e aumenta a faixa de consumidores. Mas não foi só o setor de carros que cresceu. A linha branca - geladeira, máquina de lavar etc - vendeu bem. O segmento de equipamentos de informática também teve alargamento do prazo para 24 vezes, o que fez cair significativamente o valor da prestação; então, está vendendo bem. A chamada linha marrom, de televisores, não teve um desempenho tão forte, mas é que estávamos comparando com o ano passado, quando teve Copa do Mundo e houve um incremento de vendas muito grande. Supermercados vai bem, e este é o primeiro setor a se beneficiar com um aumento de renda, principalmente da camada mais baixa, que vai para o consumo de alimentos. E o setor de calçados e confecções tem oscilado porque está muito sujeito ao clima. Vêm uns dias de frio e se tem melhora nas vendas; de repente esquenta e há roupa de inverno na vitrine; ou está com a roupa de verão e faz frio... Mas este setor tem crescido, embora menos do que os outros

VC - Quais as expectativas para o comércio?

MS – Não vejo nenhum problema para o comércio para este ano nem para o próximo. Os fatores que estão impulsionando o comércio até agora - a expansão do crédito, queda das taxas de juros, dilatação de prazo, melhora de emprego e da renda, e a exportação ajudando – devem continuar tranquilos neste ano e no ano que vem.

VC - E não há o risco de a expansão do crédito chegar a um ponto de saturação?

MS - Há um risco, se o crédito continuar com um crescimento muito mais forte do que a renda.

VC – É o que acontece hoje em dia. MS - Mas nós partimos de um grau de endividamento do consumidor muito baixo. Primeiro porque a inflação tinha praticamente destruído o crédito. Com o Plano Real, o crédito voltou. Mas quando chegou em 1998, com aquela crise externa, botaram o juro da taxa Selic a 43% e o crédito desabou, só começou a se recuperar praticamente em 2004. Então, partimos de um nível de endividamento baixo e podemos ter um crescimento maior do crédito do que da renda, por enquanto; mas esta expansão não pode continuar indefinidamente.

VC - Mas até quando haverá fôlego para esta expansão do cré-

MS - Como eu disse antes, não vejo risco para este ano nem para o próximo. Mais adiante, vai depender da situação externa e de se vamos conseguir equacionar os problemas internos a tempo ou não.

VC - Em relação ao curto prazo, quais as perspectivas para este segundo semestre de 2007?

MS - Eu acho que são boas. O comércio deve continuar crescendo na casa de 6% a 7% sobre o ano passado, com estes mesmos fatores ajudando - crédito, prazo... O crescimento está mais forte no Nordeste e no Centro-Oeste, devido à transferência de renda no Nordeste e à expansão da agricultura, da soja, no Centro-Oeste. Algumas regiões - como o Sul, que teve setores importantes afetados, como o de calçados estão crescendo menos. Mas, na média, o crescimento é bom. Provavelmente vamos ter uma expansão da linha marrom porque a base de comparação está melhor, houve muitos lançamentos e os preços estão caindo. O setor de informática também deve ter um bom crescimento por conta de muita coisa nova, como estes aparelhos de MP3 e câmeras digitais. Já o segmento de celulares deve ter apenas crescimento vegetativo, e não mais aquela explosão que tivemos nos últimos três anos.

VC – Há algum setor do comércio que não deve crescer ou que seja particularmente problemático?

MS – Não deve haver problema com setor algum, mas isto pode acontecer em algumas regiões. É o caso de Franca, cuja indústria de calcados está em crise e afeta o comércio local.

VC – Mas isto não pode prejudicar o comércio de calcados?

MS - Não, o comércio de calcados já passou por muitas mudancas, assim como o de confecções, onde há quedas reais de precos. E agora a margem de lucro desta indústria está mais apertada por conta da concorrência da China e da Ásia de modo geral, inclusive em ternos. Então, é preciso investir em novidade e produtividade porque a concorrência aumentou, em vez de

VC - Há, inclusive, várias queixas de que a invasão de importados está acabando com empregos dos brasi-

MS – Está ocorrendo uma perda líquida de empregos neste setor.

VC – E não há perspectivas? MS - Não vejo nenhuma no curto prazo.

O governo sempre acena com medidas, mas sempre acaba ficando em medidas paliativas, como linha de crédito do BNDES etc. O que é preciso é investir muito em produtividade.

VC - Mas como isto afeta o comér-

MS - Não há grandes efeitos sobre o comércio porque vai se mudando a oferta de produtos e o gosto do consumidor, e não dá para ficar vendendo a mesma coisa. No meu tempo de interior, vendiamse aquelas botinas. Hoje, a meninada gosta daquelas coisas coloridas. Tem de se ficar sempre moderno e acompanhar a tendência. Quem pode, faz moda. Veja a sandália havaiana: no meu tempo era só "pé-de-chinelo" que usava estas sandálias. VC - A economia está crescendo, mas a renda não está acompanhando este crescimento. Por que isto

MS - Veja, tivemos uma queda muito forte da renda até 2002 e praticamente estamos rompendo agora este limite. Esta-

acontece?

mos recuperando perdas. Mas há um problema: não são todos os segmentos que estão recuperando a renda. A classe média está perdendo. Quando pegamos os dados de emprego e renda, observamos que na faixa de até um salário mínimo, o emprego e a renda estão crescendo. De um a três, crescem menos, mas estão em expansão. Com mais de três salários, há queda de emprego e perda de salário real. E é essa faixa que forma o grande mercado consumidor, que é a classe média. Agora assistimos à emergência da classe mais baixa, que quantitativamente é maior, mas não substitui a perda do poder de compra da classe média em um prazo curto.

VC - E a classe alta deve continuar concentrando a renda?

MS – Enquanto houver esta política da taxa de juros, vai se continuar a concentrar renda. Isto porque a classe alta tem tanta renda que não tem como ampliar o seu consumo: ela iá tem satisfeitas todas as suas necessidades. Não dá para se almocar duas vezes. Por isto, ela não amplia o consumo: só se ampliar marginalmente. para o consumo de BMWs, nada em termos de consumo de massa.

VC – Qual a sua avaliação geral sobre a economia?

MS – Cada um enxerga pelo seu ponto de vista. Se duas pessoas observam um lampião de gás quebrado de um lado e inteiro do outro ao passar pelo Páteo do Colégio, uma vai dizer: "mas que belo lampião" e a outra: "pena que este lampião está quebrado". Os dois viram o mesmo lampião, mas de ângulos diferentes. O olhar do consumidor de baixa renda viu o salário mínimo crescer mais que a inflação, o que beneficiou a Previdência, mais o Bolsa Família e tudo o mais. Este consumidor acha que está tudo bem. Se for um assalariado de classe média, que ganhava R\$ 6 mil quando perdeu o emprego e fica um tempão para se reempregar e só consegue ganhar R\$ 4 mil, ele deve sentir que a situação não é a mesma que ele vivia no passado. Já o economista não pode olhar só a superfície, deve olhar o que acontece embaixo porque o amanhã é fruto destas coisas todas que estão acontecendo hoje - a infraestrutura, as contas públicas, os gastos públicos crescendo descontroladamente, assim como a arrecadação fiscal; ou seja, a sociedade tem de pagar cada vez mais para sustentar o Estado. Se projetarmos no tempo estas coisas, elas têm um ônus. O economista tem de ser, não pessimista, mas muito realista. Já o empresário deve

ser otimista, senão tem de mudar de ramo. Se hoje ele está vendendo bem veículos, por exemplo, talvez nem pare para pensar o que está acontecendo com as estradas. Para ele, a situação deve estar muito boa. Já o diretor de trânsito deve estar arrancando os cabelos. A visão do economista deve ser um pouco mais profunda. Uma coisa é dizer que fazia tempo que o Brasil não crescia tanto. Mas os outros países emergentes, como Índia e China, estão crescendo bem mais. Quando se faz uma análise comparativa, não está

VC - Mas uma taxa de crescimento de 4% a 6% ao ano não é extremamente boa para a economia em geral? MS – Em condições normais, sim. Mas

não quando não se aproveita um momento em que o mundo oferece toda a facilidade para crescer mais... Nós estamos crescendo 4%, a China cresce 10%: a Índia, 8%: a Rússia, 6%. Porque não crescemos ao menos 6%? Em termos relativos, estamos perdendo posições. O Brasil cresceu uma média de 9% ao ano de 68 a 73. Aproveitou que o mundo estava crescendo e pegou carona. Não estamos tirando todo o proveito de um cenário internacional extremamente benigno para os países emergentes. Estamos crescendo 4%, mas poderíamos estar com expansão de 6% ou 7% se tivéssemos feito as coisas corretamente antes. Agora até que a gente consiga se ajeitar, não digo que vai virar um cenário de crise, mas não vai ser tão favorável. Não somos os únicos que estão crescendo, o mundo inteiro está. E estamos crescendo menos do que os emergentes. Por isso que eu digo, depende do ângulo de visão, que é um em cima da ponte e outro embaixo dela.

VC – E quais as expectativas que os comerciários podem ter?

MS - A expectativa é que o comércio continue crescendo. O crescimento das vendas sempre oferece uma expectativa mais favorável para o comerciário porque a oferta de emprego está muito ligada ao movimento do varejo. Há alguma expectativa da vinda de novas redes, inclusive de fora, para o Brasil. Acaba de ser anunciada a vinda da rede mexicana Electra. Quanto mais redes vierem, aumenta a oferta de emprego, e isto acaba melhorando o salá-

"O comércio vem tendo um bom desempenho, embora não tenha sido um grande gerador de empregos na região metropolitana de São Paulo. Isto porque o comércio vem tendo um desempenho melhor em outras regiões. O comércio cresce em São Paulo, mas cresce muito mais em outras regiões, como Nordeste e Centro-Oeste, em função das transferências de renda que têm ocorrido"

rio. Agora as perspectivas são sempre muito dependentes do cenário geral da economia. O comércio é o primeiro a sofrer quando surge alguma crise. Felizmente, não há nenhuma perspectiva de crise até o final de 2008.

VC - E, já que o comércio "vai na cola" da economia e de suas crises, qual é a importância específica do comércio na economia como um todo?

MS - O comércio "vai na cola" do crescimento da economia em termos. Na verdade, 65% do PIB é consumo. Este ano, a taxa de crescimento do comércio deve ser maior do que a da economia em geral, e vai ajudar o crescimento da economia. Isto já aconteceu no ano passado e deve acontecer no ano que vem porque tem um fator irrigador que é o crédito. Mas não se pode crescer indefinidamente só com o crédito, é preciso renda. Mas o comércio é fundamental porque se não houver consumo, não há produção industrial. A indústria de bens de consumo no Brasil é basicamente voltada para o mercado de crédito, e isto é papel do comércio. Era ele quem dava o crédito antigamente. Se olharmos os dados do Pnad (a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios, feita pelo IBGE), veremos que 98% dos lares brasileiros têm fogão, um percentual extremamente alto tem geladeira, televisão etc. E tudo isto só acontece porque tem uma estrutura de distribuição, que é o comércio, que chega ao consumidor de baixa renda. Sem esta estrutura eficiente, o mercado seria muito mais estreito. O crediário é o grande alavancador das vendas no País, e o responsável por 75% das vendas de bens duráveis no Brasil.

ANDANDO LADO A LADO



Tatiana Santiago

Sindicato dos Comerciários de São Paulo é uma associação legalmente constituída, que luta em defesa dos trabalhadores que atuam neste segmento. Para realizar suas tarefas com maior êxito, faz parcerias com outras associações ou entidades, buscando aprimorar a qualidade de vida dos comerciários e enfatizar a luta pelos direitos sindicais.

Uma força-tarefa foi criada por entidades preocupadas com o bemestar das classes trabalhadoras que representam, resultando na criação da Semana de Saúde do Trabalhador, quando foram debatidos numa série de palestras informativas orientações e alertas sobre os perigos enfrentados pelos trabalhadores.

Em abril foram discutidas as acões dos Centros de Referência em Saúde do Trabalhador na sede do Sindicato. O evento contou com a presença de Benedito Alves, presidente do DIESAT, representantes da área da saúde, além de outras autoridades. Um dos temas abordados foi como problemas físicos podem afetar a saúde mental dos trabalhadores que sofrem geralmente de LER (Lesões por Esforços Repetitivos)/DORT (Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho), lombalgias ou outros problemas relacionados à coluna e acabam desenvolvendo um quadro crônico de stress e Assim como grandes amigos, o Sindicato dos Comerciários faz parceiros para estreitar lacos e lutar em prol de objetivos em comum

depressão. Nem sempre o quadro clínico propicia o aparecimento dessas doencas: às vezes, a falta de ambiente de trabalho saudável ou pressão psicológica exercida por clientes ou pelo próprio empregador levam o trabalhador a procurar ajuda de um psiguiatra ou psicólogo.

O CRST (Centro de Referência em Saúde do Trabalhador) é apenas uma das parcerias que o Sindicato possui. Adriana Cardoso, terapeuta ocupacional do CRST da Lapa, enfatiza que a parceria entre as duas instituições é muito importante e que o Sindicato participa ativamente da vigilância nos estabelecimentos comerciais. "A parceria é fundamental, principalmente nas ações de vigilância, porque o Sindicato tem que conhecer junto com a equipe técnica os problemas que estão relacionados à saúde para poder direcionar as suas ações. E eles têm sido grandes parceiros", relata Adriana.

A diretora do Sindicato dos Comerciários, Cleonice Caetano Souza, diz que a parceria com o CRST proporciona a possibilidade de continuidade do tratamento e melhores condições de vida aos comerciários.

"O papel principal do Sindicato é trabalhar essa função social, atender os excluídos, aqueles que não têm condições de pagar um convênio médico, as mulheres e negros que são discriminados e ganham menos, assim como os deficientes físicos. Tem o dever de conscientizar a classe patronal, o governo", afirma ela.

PARCERIAS DO **SINDICATO**

CRST

O Município de São Paulo conta com cinco Centros de Referência em Saúde do Trabalhador, onde os comerciários são encaminhados para iniciar ou dar continuidade num tratamento médico gerado por acidentes de trabalho, problemas de saúde comum ou decorrente de atividades produtivas. Também é realizado um trabalho em conjunto na fiscalização de estabelecimentos comerciais.

Previdência Social

Foi firmado um contrato de cinco anos que disponibiliza serviços de entrada para a aposentadoria, pensão, auxílio-doença e acidente de trabalho. O Sindicato faz a contagem de tempo para entrada na aposentadoria, analisa os documentos, protocola iunto à Previdência e acompanha todo o processo, que não tem ônus, até o deferimento ou indeferimento. Esse trabalho é exclusivo aos sócios. Para os não-sócios é feito o preenchimento gratuito dos formulários e é dada a orientação adequada.

Associação Comercial de São Miguel Paulista e Subprefeitura de São Mateus

A Associação Comercial e Subprefeitura de São Matheus têm um projeto de qualificação profissional com jovens entre 16 e 24 anos. O projeto inicial é do Ministério do Trabalho e Educação que envolveu esses órgãos.

Associação de Anemia Falciforme do Estado de São Paulo

A anemia falciforme é caracterizada como uma doença exclusivamente da raça negra. A associação tem como objetivo levantar a discussão no Estado de São Paulo, gerando políticas públicas e para que o SUS faca o atendimento da população da raça negra com o olhar voltado para essa questão.

CEREST - Centro de Referência em Saúde do Estado

Tem como objetivo a capacitação dos Centros de Referência; inicialmente fazia a vigilância e assistência. O objetivo é levantar o perfil do trabalhador comerciário de São Paulo para que a equipe multidisciplinar analise as questões que focam a saúde desse trabalhador. São levadas as informações sobre a categoria para que suas necessidades sejam atendidas.

CIST - Comissão Intersetorial de Saúde do Trabalhador

Existe nas três esferas do governo: município, estado e governo. Dá subsídios para o governo municipal de São Paulo discutir a saúde do trabalhador. Cada conselho tem as suas comissões e a CIST é a comissão que discute a saúde do trabalhador e leva o resultado para o conselho e suas propostas podem ser aceitas ou negadas. Geralmente as CISTs são formadas por pessoas ligadas ao movimento sindical. A comissão é formada pelos usuários (trabalhadores), profissionais e gestores da saúde.

DIESAT - Departamento Intersindical em Estudos da Saúde do Trabalhador

Foi constituído pelo movimento sindical para que de referências através de pesquisas, estudos e subsídios técnicos para discussões das diversas categorias sobre agravamentos da saúde do trabalhador. O DIESAT é representado por inúmeras categorias e centrais sindicais, congregando a todos.

DRT - Delegacia Regional do Trabalho

A parceria ocorre há cerca de 15 anos e um dos projetos foi a realização em conjunto do manual de prevenção de trabalhadores em açougues. A parceria proporcionou algumas conquistas, como o Anexo 1 da NR 17, que trata do posto de trabalho dos operadores de caixa e virou uma norma em todo o Brasil, publicada no Diário Oficial, no último 2 de abril. Outra vitória é o programa de Prevenção de Doenças relacionadas ao Trabalho, que inspeciona locais de trabalho, faz prevenção de doenças como LER e DORT em hiper e supermercados.

FUNDACENTRO

É o instituto de pesquisa do Ministério do Trabalho que possui cursos de capacitação. São realizados eventos em conjunto, publicação ou reprodução de materiais sobre a área de segurança do trabalho ou a Fundacentro cede espaço para a realização

Prefeitura da Estância Balneária de Praia Grande e Federação dos Químicos

Parceria existente há quatro anos no projeto Verão sem Aids, apoiando o evento do Carnaval sem Aids na região da Colônia de Férias do Sindicato dos Comerciários, que abrange os associados e população local. São montadas tendas, usados carros de som e há a distribuição de material informativo e educativo, como preservativos, cartilhas de preven-

ção e brindes. A Prefeitura cede o espaço na praia e parte do material da campanha, que também conta com o apoio da Johnson & Johnson.

Setor de Saúde Ocupacional do HC - SSO

Trabalhadores são encaminhados pelo Sindicato ou médico do trabalho para o SSO do Hospital das Clínicas quando precisam ter tratamento contínuo.

SINTESP - Sindicato dos Técnicos de Segurança do Estado de São Paulo

Fornece informações e cursos de capacitação para técnicos em segurança do trabalho, além de engenheiros e médicos. Realiza constantemente encontros de profissionais de segurança do trabalho de determinada categoria, para que os prevencionistas troquem informações.

INSPIR - Instituto Sindical Interamericano pela Iqualdade Racial

Foi fundado em 1995 e nasceu com o objetivo de subsidiar a luta sindical em prol da igualdade racial no mundo do trabalho. O INSPIR já dialogou com cerca de 11 mil trabalhadores brasileiros e 500 estrangeiros, através de seminários, palestras, debates, oficinas, sempre com intuito de incentivar a capacitação daqueles que sofrem discriminação racial.

EDUCAFRO

A Educafro - Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes, rede de cursinhos pré-vestibulares comunitários, tem a função de incluir a populacão negra e pobre nas universidades públicas e particulares com bolsas de estudos, através de serviços dos seus voluntários. A Educafro e o Sindicato lutam para que o Estado cumpra suas obrigações, através de políticas A AVAPE fez um estudo de acessibili-

FATECAFRO

Organização que busca a qualificação educacional e profissional dos afrodescendentes através de parcerias culturais e empresariais, buscando o bem-estar da comunidade negra, como por exemplo, através do Cursinho 20 de Novembro, destinado a preparar o jovem desamparado para disputar uma vaga nas melhores universidades do país.

Secretaria de Coordenadoria das Subprefeituras, Coordenadoria da mulher e o CIM - Centro de Informação à Mulher

O Sindicato participou juntamente com as três instituições da 3º Conferência de políticas públicas para mu-Iheres, onde foram discutidos temas como trabalho e renda, educação, cultura, moradia, espaço urbano, mulher e poder, violência e saúde. A idéia visa proporcionar uma melhor qualidade de vida para as mulheres através da criação de creches 24 horas, inserção no cenário político com fundos partidários, concessão de vagas nos conjuntos habitacionais para vítimas de violência doméstica, inserção na grade curricular de ensinamentos sobre direitos reprodutivos, ampliação dos serviços de atendimento à mulher e leis mais rigorosas que punam crimes de intolerância racial e sexual, entre outros.

Espaço Cidadania

Parceria na divulgação das dificuldades enfrentadas no campo profissional por portadores de deficiências físicas.

LABORIDADE

Desenvolve trabalhos de oficinas com a terceira idade. A Laboridade é um instituto de estudos, formação e assessoria em políticas sociais do envelhecimento.

O BOTICÁRIO

Faz demonstração para os funcionários do Sindicato e as compras são descontadas na folha de pagamento, facilitando a aquisição de produtos.

AVAPE Associação para valorização e promoção de excepcionais

dade nas dependências do Sindicato e solicitou alterações para facilitar a entrada e locomoção de deficientes físicos. Na Praia Grande foi realizada uma parceria no projeto Praia dos Sonhos, que era um espaço onde o visitante podia vivenciar a rotina de portadores de deficiência visual, tentando identificar sons das praias, do ecossistema do litoral, além de conhecer texturas e animais da fauna marinha e Mata Atlântica, através do toque.

Sindicato intensifica combate a empresas que NÃO PAGAM O PISO

Sílvia Kochen

piso salarial dos comerciários é definido em Convenção Coletiva de Trabalho e, por isso, o patrão que não paga o piso salarial a seu empregado comete um crime. A Convenção Coletiva tem força de Lei, explica o coordenador do departamento jurídico coletivo do Sindicato dos Comerciários de São Paulo, Marcos Mathias, e "frustar, mediante fraude ou violência, direito assegurado pela legislação do trabalho" é crime, diz o artigo 203 do Código Penal. A punição pode alcançar até dois anos de detenção.

Mathias conta que o departamento jurídico do Sindicato fregüentemente tem denúncias de muitos comerciários que recebem pagamentos bem menores do que o piso salarial da categoria, que varia de R\$ 494.00 a R\$ 742.00 conforme o tipo de comércio e a função exercida pelo empregado. Estes comerciários normalmente são coagidos por seus patrões - que os ameacam com demissão ou outras represálias - a assinar o holerite, em que consta o pagamento devido, como se estivessem recebendo o valor correto. Muitas vezes, eles ainda dão um visto em outra folha, onde consta o valor efetivamente pago.

Salário abaixo do piso

Jaqueline (esta reportagem usa nomes fictícios para preservar o trabalhador) é uma das vítimas dos maus patrões. Ela trabalha há nove meses em uma loja de roupas como vende-

dora recebendo 4% de comissão. Mas faz todos os descontos (FGTS, valenormalmente não consegue cumprir a meta - o que só é possível quando entra a coleção de inverno ou no período de Natal – e seu pagamento fica muito abaixo do piso.

"Nossa meta de vendas, de R\$ 17 mil, é impossível porque a loja não vende tanto e há vendedores demais", diz Jaqueline. Ela explica que em sua loja, nenhum vendedor consegue cumprir a meta e, portanto, ninguém recebe o piso. Isto não impede que seu holerite venha com o piso. Frequentemente lhe dão outras tarefas, como arrumar o estoque e fazer a limpeza, quando poderia estar realizando vendas. Embora seu horário de trabalho seja das 9 às 17 horas, ela nunca sai antes das 18 horas.

Jaqueline conta que o trabalho aos domingos é outro problema. Ela trabalha em uma loja de rua, mas que abre aos domingos. "No começo, eles pagavam R\$ 8,00 para o almoço, mas não davam nada para a condução; depois, tiraram até o dinheiro do almoço e no último domingo trabalhei e vendi apenas R\$ 240,00, ou seja, tirei R\$ 9,00 e ainda tive de pagar almoço", diz ela. O que mais lhe dói é a falta de dinheiro para criar o filho. "Tenho um filho de três anos e pago gente para cuidar dele: minha bronca major é deixar faltar coisa em casa para o meu filho."

Como Jaqueline vendeu pouco no último mês, sua comissão foi de apenas R\$ 400,00 o que dá bem menos com os descontos. Ela está revoltada porque o patrão não paga o piso mas

transporte etc.) como se ela recebesse o valor do holerite. Não admira que só um empregado em sua loja tenha mais de um ano de casa. "Há uma pessoa que não sai porque precisa pagar a escola e eu preciso sustentar o meu filho, mas acho que este esquema é desu-

Outra que sofre o mesmo problema é Fabiana, que começou a trabalhar em uma rede de lojas como vendedora há quase dois anos. Ela também era obrigada a assinar o holerite com o piso e outra folha com os valores efetivamente pagos. "Se alguém se recusasse a assinar, era ameaçado veladamente com advertência por desacato à autoridade", conta.

Depois de seis meses, Fabiana foi promovida à subgerente, mas a promoção só foi registrada na carteira depois de seis meses e ela não recebeu os atrasados. Transferida para uma loja de shopping durante algum tempo, ela ficava das 10 às 22 horas todos os dias e nunca recebeu qualquer adicional por trabalhar nos domingos e feriados. No final do ano, ficou um mês inteiro trabalhando direto, sem folgar. Como passou no vestibular, pediu para cumprir o horário contratual para voltar a estudar. Foi, então, rebaixada para vendedora e voltou a ganhar conforme suas vendas, o que dava um máximo de R\$ 400,00.

Fabiana acabou pegando "birra" e se recusava a assinar o holerite, em que constava o salário de subgerente. "Só assinava a outra folha, com os valo-



Marcos Mathias

res efetivamente pagos", diz. Certo domingo, ela entrou na loia às 9 horas e, sem dinheiro, resolveu ir almocar em casa. Como ligou depois do almoco e já não havia ninguém no local, ficou em casa. "Soube que o balanço ter-

minou às 16 horas e deram uma esfiha do Habibs para cada um como almoco naquele dia", conta Fabiana. No dia sequinte, mandaram ela voltar para casa quando chegou à loia, mas ligaram novamente à tarde para dizer que

ela deveria ir ao trabalho. Na quintafeira, caiu seu pagamento, que foi de R\$ 146.00 porque ela havia vendido pouco. Ela então pediu para ser demitida, o que acabou acontecendo.

Marta comecou a trabalhar para um patrão que tem três loias de ramos diferentes, mas que não fazia os reajustes de salário de acordo com o dissídio da categoria em nenhuma delas. Por conta disso, o pessoal que lá trabalhava tinha ordenado menor do que os pisos salariais dos comerciários. Mas os comerciários destas lojas só vieram a saber disso quando representantes do Sindicato passaram pelo local para explicar os itens do novo dissídio coletivo e descobriram que o patrão pagava menos que o piso.

O Sindicato, então, pediu ao dono das lojas que pagasse não só o piso estabelecido nos dissídios da categoria como também os atrasados. O patrão fez o seu próprio cálculo de quanto "deveria" pagar e propôs aos funcionários um acordo para receber 50% daquele valor em prazos que variaram de quatro a oito meses. Alguns empregados, porém, foram se informar no Sindicato sobre os seus direitos e resolveram não assinar o acordo. Marta



O departamento jurídico do Sindicato frequentemente tem denúncias de muitos comerciários que recebem pagamentos bem menores do que o piso salarial da categoria

foi demitida, junto com os outros colegas que se recusaram a engolir o acordo.

Mas hoje, depois de três anos, Marta comemora porque a Justiça mandou seu antigo patrão lhe pagar tudo o que lhe é devido, dinheiro que vai ajudá-la a criar o filho de dez meses.

Recomendações

Uma das dificuldades que o Sindicato encontra para combater os maus patrões que se negam a pagar o piso salarial é o fato de que a empresa mantém em seu poder o recibo no valor do piso assinado pelo trabalhador. Por isso, Mathias aconselha aos comerciários que jamais assinem tal documento.

Se o comerciário não tiver condições de se recusar a assinar (há pessoas que não podem esperar pelo pagamento do salário, mesmo que ele seja pago a menor). Mathias aconselha a, em primeiro lugar. denunciar o ocorrido ao Sindicato pelo telefone 2111-1818. Ele acrescenta que é bom reunir o máximo possível de testemunhas para uma eventual ação na Justica. E lembra que como as empresas que atuam desta forma normalmente têm muita rotatividade de pessoal, é bom que as pessoas figuem com o telefone de quem sai da empresa para o caso de precisar, eventualmente, de uma testemunha.

"Normalmente, os casos de fraudes de pagamento a menor ocorrem com mais frequência no setor de lojas de roupa tipo 'modinha', que emprega jovens inexperientes e tem uma grande rotatividade de mão-de-obra", observa Mathias. Como nem sempre o trabalhador conhece seus próprios direitos, a situação torna-se ainda pior.

Vendedores que têm salário baseado em comissão, os comissionistas, por exemplo, têm direito a um mínimo garantido (mesmo que não alcancem a meta de vendas) e devem receber horas extras e todos os direitos trabalhistas sobre o piso ou sobre o valor que consta em seus holerites, quando este ultrapassar o piso -; mas muitas vezes conformam-se em receber a menor porque realizaram "poucas vendas" naquele mês.

O piso do comissionista puro do setor lojista hoje é de R\$ 742,00 mensais. Mas o comissionista também tem direito a receber o adicional de hora extra. Se trabalhar no domingo, além de dinheiro para o almoço e vale-transporte para aquele dia ele também tem direito a uma folga compensatória durante a semana.

CONHEÇA SEUS DIREITOS



O propósito do Sindicato, ao criar esta coluna, foi o de manter os associados informados sobre os seus direitos conquistados por meio da legislação trabalhista ou pela Convenção Coletiva da categoria. Quanto mais os trabalhadores tiverem consciência dos benefícios, mais força terão para reivindicar seus direitos.

INÍCIO DAS FÉRIAS

O início das férias do empregado não poderá ser aos sábados, domingos e feriados. (cláusula 31 da Convenção Coletiva de Trabalho dos Lojistas)

FÉRIAS COLETIVAS (Natal e Ano Novo)

Quando as férias coletivas forem concedidas no mês de dezembro e recaindo o dia de Natal e Ano Novo de segunda a sexta-feira, fará jus o empregado ao acréscimo de 2 (dois) dias a mais nas férias. (cláusula 32 da Convenção Coletiva de Trabalho dos Lojistas)

ABONO DE FALTA DA MÃE COMERCIÁRIA

A mãe comerciária que deixar de comparecer ao trabalho para levar ao médico seus filhos menores de 14 (catorze) anos, inválidos ou incapazes de qualquer idade, terá seus dias abonados até o limite de 15 (quinze) dias durante a vigência da Convenção Coletiva de Trabalho (01.09.07 a 31.08.08), desde que entregue na empresa o atestado médico comprovando que foi acompanhar seu filho ao médico. (cláusula 36 da Convenção Coletiva de Trabalho dos Lojistas)

AUSÊNCIA DE REGISTRO NA CARTEIRA PROFISSIONAL DE TRABALHO

O empregado que trabalha no segmento de supermercados e gêneros alimentícios, enquanto não for registrado, fará jus à multa diária de R\$ 35,00 (trinta e cinco reais), até a data do efetivo registro. (cláusula 52 da Convenção Coletiva de Trabalho do Sincovaga)

CESTA NATALINA

Os empregados que trabalham no segmento de supermercados e gêneros alimentícios terão direito a uma cesta natalina, com produtos de consumo típicos das festas de fim de ano, que deverá ser entreque até o dia 23 de dezembro de 2007. (cláusula 59 da Convenção Coletiva de Trabalho do Sincovaga)

HORAS EXTRAS

Os empregados que eventualmente e em casos de forca maior realizarem horas extras superiores a 2 (duas) horas diárias terão direito a uma refeição comercial gratuita.

(todas as Convenções Coletivas de Trabalho prevêem este benefício)

Convenção Coletiva de Trabalho (na íntegra) no site do Sindicato: www.comerciarios.org.br

ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO

de ser verificado que assédio significa cerco, sítio a um determinado lugar. Já no sentido figurado, assediar significa "uma insistência importuna iunto a alquém", esta insistência pode ocorrer por meio de indagações, comentários, sugestões, deduções precipitadas etc.

Já assédio moral no trabalho é o conjunto de atitudes e condutas indevidas que podem ser praticadas pelo empregador e pelos superiores hierárquicos (assédio vertical) ou até mesmo pelos próprios colegas de trabalho (assédio horizontal), que caracterizam intensa perseguição com relação a determinado trabalhador.

O assédio moral no trabalho não é um fenômeno novo, entretanto ele somente passou a ser estudado cientificamente há cerca de 10 anos, dada a major intensidade com que vem ocorrendo, pois com a globalização econômica, a concorrência e a competição entre empresas e pessoas em busca de maior produtividade têm determinado uma verdadeira inversão de valores, onde a solidariedade e o companheirismo dão lugar ao individualismo, muitas vezes deixando o trabalho em equipe num plano inferior, sendo certo que o importante neste momento de chamado neoliberalismo é lucrar e apresentar resultados positivos, em prejuízo das relações e direitos sociais.

A violência psicológica relacionada ao assédio moral pode trazer conseqüências nefastas à vítima, pois esta tem sua dignidade atingida de forma a acarretar danos relevantes às suas condições físicas, psíquicas e morais, desestabilizando emocionalmente o assediado, sendo que existem inclusive casos relatados de pessoas que foram levadas à morte, seja por terem sua saúde comprometida ou mesmo por terem chegado ao ponto do suicídio.

No comércio tem sido constatada grande incidência de tal prática, exatamente quando o empregador ou seus prepostos não têm mais interesse

o consultar um dicionário, po- na permanência do empregado na empresa, dando início a um verdadeiro terror psicológico, que é praticado com o intuito de fazer com que o assediado solicite sua demissão do emprego, não sendo então necessário o pagamento de todas as verbas rescisórias.

> Tal barbaridade vem ocorrendo muito no caso de comerciárias que ficam grávidas, ou seja, em um dos momentos em que a mulher fica mais fragilizada psicologicamente, sendo que algumas relatam que antes de terem notificado à empresa quanto ao seu estado gravídico, eram consideradas ótimas empregadas, porém, a partir do momento em que a empresa tem ciência da gravidez, elas passam a não servir mais, pois são consideradas um verdadeiro problema para a empresa.

O assédio moral pode ser caracterizado quando ocorre a imposição de sobrecarga de trabalho, estipulação de metas imbatíveis, desvio de função, trocas iniustificadas de turno ou de loia. ordem para executar tarefas acima ou abaixo do conhecimento do assediado, isolamento do trabalhador ("geladeira"), quando são indevidamente imputadas qualidades pejorativas ao trabalhador, inclusive com xingamentos etc.

O importante, comerciário, é que você deve procurar o departamento jurídico de seu Sindicato quando for vítima de tais agressões psicológicas, pois, se você ainda estiver em vínculo, a empresa será convocada para prestar esclarecimentos, e caso você já tenha saído da empresa, será possível propor reclamação trabalhista contra a empresa, pleiteando uma indenização pelos danos morais sofridos no ambiente de trabalho.

Recentemente, o comerciário Sr. V.A.B. procurou o nosso departamento jurídico e contou sua triste história, no sentido de que durante todo o contrato de trabalho, apesar de V.A.B. ter sempre cumprido com suas obrigações, seu ex-patrão, Sr. S.A., proprietário da empresa P.C.M. Ltda., o ofendeu com palavras de baixo calão e xingamentos, que

aqui não podem ser reproduzidos, sempre na presença de outros empre-

Em audiência, dois colegas de trabalho confirmaram à Juíza da 6ª Vara do Trabalho de São Paulo que sempre presenciaram tal humilhação, sendo que V.A.B. nunca revidou tais ofensas.

No dia 6 de novembro foi publicada a sentença, tendo a empresa sido condenada ao pagamento de dez salários a título de indenização pelos danos morais sofridos, para assim reparar as ofensas causadas, sendo que a Juíza, ao fundamentar sua decisão, ressaltou que: "É mais do que presumível que as palayras dolosamente mal dirigidas ao reclamante pelo preposto da reclamada ocasionaram em si tristeza, vergonha e mágoa..." e "Presta-se a indenização não só à reparação do dano sofrido pelo reclamante, mas também como medida pedagógica direcionada à reclamada".

Comerciário, se você é ou foi vítima de assédio moral ou mesmo testemunha de tal prática, supere seu medo e denuncie, venha até o Sindicato (Rua Formosa, 409 - 4° andar -Centro) e procure seus direitos.

José Adriano Benevenuto Motta é advogado e Coordenador Jurídico Individual do Sindicato dos Comerciários de São Paulo



Retire o folheto sobre "Assédio Moral" no Sindicato

EQUIPARAÇÃO SALARIAL, ACÚMULO DE FUNÇÃO E SALÁRIO SUBSTITUIÇÃO.

Conheça seus direitos!

fundamento constitucional (artigo 7°, XXX e XXXI) e visa evitar a discriminação no trabalho no tocante à remuneração, seja em virtude de raça, de idade, de gênero ou de orientação sexual. A CLT, em seu artigo 461, garante ao empregado o direito de receber o mesmo salário que outro empregado da empresa na mesma localidade, quando prestar os mesmos servicos com a mesma eficiência e perfeição técnica e, ainda, desde que a diferença de tempo de serviço na função entre ambos não seia superior a dois anos.

Assim, por exemplo, se eu faco as mesmas tarefas que João, meu salário não pode ser inferior ao dele. Deve ser igual. Juridicamente, neste caso, se diz que João é o paradigma que fundamenta o meu pedido de equiparação salarial e me autoriza a receber a diferença entre o meu salário e o salário do João.

Quando se fala em equiparação salarial, a idéia essencial é a de comparar os serviços de dois empregados, o que por vezes se mostra difícil quando se trata de um trabalho intelectual (por exemplo, dois jornalistas ou dois cantores). Mas, apesar dessa dificuldade, o Tribunal Superior do Trabalho afirma ser possível a equiparação salarial em sida, para que seja possível essa comparação, é necessário que haja simultaneidade na prestação de ser-

equiparação salarial tem viços, isto é, que eu e João, durante falar em igualdade salarial, já que o certo período, tenhamos trabalhado ao mesmo tempo.

> Há controvérsia quanto à possibilidade de se pleitear equiparação salarial quando o caso envolve empregados de empresas distintas, mas integrantes do mesmo grupo econômico (por exemplo, matriz em São Paulo e filial em Campinas). Também há controvérsia quanto à equiparação salarial quando o paradigma presta servico em outro município.

> As decisões da Justica do Trabalho nestes aspectos são divergentes. Para alguns juízes, o fato de serem empresas distintas, com CNPJ distintos e estrutura organizacional administrativa independente afastaria a possibilidade da equiparação, uma vez que se trataria de dois empregadores distintos e a lei exige a prestação de serviços "ao mesmo empregador". Outros juízes entendem que o grupo de empresas configura "empregador único" e admitem a equiparação salarial.

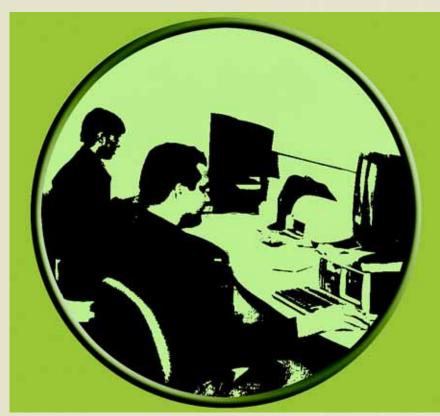
Com relação ao local da prestação de serviços, a Súmula 6, item X, do Tribunal Superior do Trabalho declara que o conceito de "mesma localidade" de que trata o artigo 461 da CLT refere-se, em princípio, ao mesmo município, ou a municípios distintos que, comprovadamente, pertençam à mesma região metropolitana.

A razão de ser dessa interpretuações de trabalho intelectual. Ain- tação é que, via de regra, municípios distintos têm diferentes custos de vida (aluquel, gastos com alimentação, educação, transporte etc.), o que impediria

poder aquisitivo do salário varia de uma região para outra. Assim, no exemplo acima dado, para que um empregado de Campinas consiga equiparação salarial em relação a um empregado que presta serviços em São Paulo, deve demonstrar que não obstante as empresas tenham sede em cidades distintas. as condições geoeconômicas não assumem relevância significativa.

O fato de dois empregados ocuparem formalmente cargos distintos não impede o reconhecimento da equiparação salarial, pois o que realmente importa é que as funções (misteres e tarefas) efetivamente exercidas sejam idênticas, sendo irrelevante o nome que o empregador tenha dado ao cargo.

A desigualdade salarial injustificada não é o único problema que um trabalhador pode enfrentar no seu trabalho. Por meio do contrato de trabalho o empregado integra-se à organização empresarial, nela assumindo determinada função, que pode ser definida como o conjunto de serviços e tarefas que formam o objeto da prestação de serviços. Mas, muitas vezes, um empregado é contratado para executar determinada tarefa e, no curso do contrato de trabalho, lhe são atribuídas outras tantas funções e responsabilidades, sem qualquer relação direta com as tarefas anteriores e sem qualquer aumento salarial. Por exemplo: um empregado é contratado como vendedor de uma loja recebendo R\$ 800,00 mensais para essa função. Depois de seis meses, o patrão passa a exigir que,



A CLT em seu artigo 461, garante ao empregado o direito de receber o mesmo salário que outro empregado da empresa na mesma localidade, quando prestar os mesmos serviços com a mesma eficiência e perfeição técnica e, ainda, desde que a diferença de tempo de serviço na função entre ambos não seja superior a dois anos

além de ser vendedor, ele passe a fazer cobranças de cheques devolvidos, atenda a ligações telefônicas na loja e fique no caixa, tudo isso sem qualquer aumento no salário antes combinado. Nestas situações ocorre o chamado "acúmulo de função".

A CLT não prevê de forma expressa a figura do "acúmulo de função", estabelecida na lei dos radialistas. Há decisões que não acolhem pedido de acúmulo de função por inexistir previsão legal explícita. Mas a maioria dos julgados do TST o admite, ressaltando sua configuração, quando ocorrer em linhas gerais: a) a diversidade de atividades exercidas, não abrangidas pela função para a qual foi o empregado contratado e b) não-eventualidade no exercício desta atividade, o que significa que se em um dia apenas um trabalhador "cobre" seu colega de trabalho que faltou, isso não dá direito ao acúmulo de função, pois necessário é que as tarefas sejam acumuladas durante certo período.

Assim sendo, havendo discrepância entre as atividades, a imposição de outra função/tarefa sem o respectivo acréscimo salarial, viola o art. 468 da CLT, por configurar alteração contratual prejudicial ao empregado. E qual o valor que o empregado receberia, caso configurado o acúmulo de função? O valor do aditivo remuneratório será arbitrado pelo juiz, em cada caso concreto, com base nos critérios da proporcionalidade e da razoabilidade, levandose em conta o aumento das tarefas e se for o caso, reunir provas e reivindas responsabilidades que o empre- dicar os seus direitos perante seu emgado passou a ter.

Há, por fim, uma outra situação, parecida com as anteriores (equiparação salarial e acúmulo de função) mas que com elas não se confunde. É o caso do "salário-substituição", previsto na Súmula nº 159 do TST, que confere ao empregado o direito de receber o mesmo salário de outro empregado que, por algum motivo, tenha substituído na empresa. Assim, por exemplo, se um empregado passa a ocupar o cargo de

outro que está em férias ou que está afastado por motivo de doença, tem o direito de receber a remuneração do empregado afastado. Ou seja: quem substituiu fará jus ao salário do substituído, sempre maior, obviamente, pois a lei veda a redução salarial. O fundamento para o saláriosubstituição é o princípio da isonomia salarial, embora se diferencie da hipótese de equiparação salarial, já analisada, na qual deve haver uma simultaneidade na prestação dos serviços. Atente-se que o salário-substituição pressupõe uma "substituição não-eventual", de duração razoável. Não há salário-substituição quando o deslocamento do empregado para o cargo do substituído for eventual, esporádico e em decorrência de uma imprevisibilidade (por exemplo, alquém adoece durante quatro dias e falta ao trabalho, ou faz uma viagem inesperada em virtude de falecimento de um parente e se ausenta por dois dias do trabalho, dentre outras situações). A substituição pressupõe o retorno do substituído ao cargo original que ocupava, vale dizer, a permanência de ambos no emprego e que um esteja ocupando de forma precária a função de outro. Nesse sentido, se um empregado é chamado a ocupar um cargo vago por aposentadoria, morte, transferência ou rescisão do contrato, não há que se falar em substituição, pois não haverá o retorno do antigo ocupante do

O trabalhador deve estar atento a todas estas situações para, pregador ou, se necessário, perante a Justiça do Trabalho. O departamento jurídico do Sindicato dos Comerciários pode esclarecer dúvidas e orientar os trabalhadores sobre seus direitos.

Cláudia Campas Braga Patah Professora e advogada trabalhista

Túlio de Oliveira Massoni Professor e advogado trabalhista

CENTRAS SINDEAS

Conquista recente que unifica trabalhadores

Sílvia Kochen

criação de centrais sindicais é a mais recente conquista dos trabalhadores brasileiros em sua longa luta pelo respeito aos seus direitos. Esta história começa há cerca de um século, época em que surgiam no Brasil as primeiras grandes fábricas, locais onde diariamente um grande número de operários passava horas trabalhando. Estes trabalhadores, em sua maioria imigrantes italianos e alemães, comecaram a perceber que tinham os mesmos problemas. Também notaram que sozinhos não tinham força, mas juntos eram capazes de conseguir melhores salários e de fazer valer seus direitos. Desta forma, associaram-se em sindicatos para defender seus direitos.

A luta destes primeiros sindicatos era bem árdua. Os patrões estavam acostumados com mão-de-obra escrava e era assim que achavam que deveriam tratar homens livres. Os trabalhadores, influenciados pelas idéias anarquistas que rondavam a Europa, opunham-se a qualquer forma de autoridade. Não raro, as disputas entre os dois lados transformavam-se em conflitos violentos que faziam das ruas verdadeiras praças de guerra. Mas os trabalhadores começaram a perceber que tinham mais força quando se organizavam em torno de sindicatos e promoviam greves e outras formas de protesto. Assim, as entidades dos trabalhadores foram, pouco a pouco, se fortalecendo.

Estrutura rígida

Nos anos 30, o governo do presidente Getúlio Vargas resolveu disciplinar as relações de trabalho e editou as primeiras leis sobre este tema. Elas também tratavam sobre sindicatos.

Ficou estabelecido que os sindicatos só seriam reconhecidos como representantes dos trabalhadores em negociações trabalhistas se tivessem a carta sindical, uma espécie de licença de funcionamento emitida pelo Ministério do Trabalho, e o governo teria o poder de intervir nas entidades dos trabalhadores caso julgasse haver algum desvio em sua atuação. Para negociar com os sindicatos trabalhistas, a lei da época também criou os sindicatos patronais e fixou várias normas, como a que estabeleceu que a representação dos sindicatos seria por categoria econômica (ou seja, a cada profissão corresponde um sindicato) e por localização geográfica (cidade ou região).

A estrutura sindical criada por Getúlio também previu que grupos de sindicatos estariam vinculados a federações conforme sua localização, normalmente por Estado ou grupo de Estados. As federações de sindicatos trabalhistas, por sua vez, se vinculariam às suas respectivas confederações nacionais, uma para cada categoria. Mas os critérios de representação local variam conforme as características da categoria. Os aeronautas, por exemplo, que vivem voando pelo País afora, têm um sindicato nacional.

Esta estrutura continua preservada até hoje. Os comerciários da cidade de São Paulo, por exemplo, estão representados por seu sindicato local nas negociações com seus patrões. Os 64 sindicatos de comerciários do Estado de São Paulo - São Paulo, Osasco, Campinas, Ribeirão Preto etc. - estão ligados à Federação dos Empregados no Comércio do Estado de São Paulo (Fecesp). As 30 federações da categoria existentes no País (algumas englobam trabalhadores de todos os setores do comércio de sua região, enquanto outras representam apenas alguns segmentos), que representam 813 sindicatos, estão filiadas à Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio



O Sindicato dos Comerciários de São Paulo, representa 430 mil trabalhadores na cidade de São Paulo

Novos rumos

Por décadas, os trabalhadores tentaram mudar este modelo. Ressentiam-se do fato de que seus sindicatos estavam sob a tutela do governo, que poderia suspender a carta sindical. Outra coisa que pesava era a restrição à associação de trabalhadores em torno de bandeiras que não eram de uma categoria específica, mas de todos. Por que não lutarem todos juntos, através de uma central sindical, pela redução da jornada de trabalho, pelo aumento do salário mínimo ou por mais dias de férias?

No início dos anos 80, quando foi iniciado o processo de redemocratização, muitas coisas que existiam na sociedade brasileira começaram a ser questionadas. "Como a estrutura sindical oficial proibia a reunião dos trabalhadores em centrais, eles organizaram



Trabalhadores na "Era Vargas"

estruturas paralelas que conviviam com as oficiais", explica o economista José Dari Krein, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Unicamp. "As estruturas paralelas foram criadas para garantir um peso político trais sindicais no Brasil – como a Força maior para as organizações dos traba-

Com a nova Constituição de 1988, os sindicatos foram liberados do registro prévio no Ministério do Trabasindicatos prosperaram e o seu número cresceu muito. Isto porque havia sindicatos que englobavam regiões imensas, que não representavam devidamente os trabalhadores de todas as áreas. Muitos trabalhadores também puderam fundar sindicatos para sua categoria específica, sem ter de depender lho. É o caso, por exemplo, de técnicos de uma determinado setor, que puderam fundar seu sindicato próprio em trabalhadores do setor.

Hoje não se tem uma avaliação atualizada do número de sindicatos de trabalhadores existentes no Brasil. Os últimos números são de 2001 e indicam um total de pouco mais de 11 mil sindicatos de trabalhadores com 19,6 milhões de associados. Calcula-se que soas, não têm registro em carteira.

a população economicamente ativa (PEA) – que inclui trabalhadores com ou sem registro, além de profissionais liberais e empregadores – era formada por cerca de 83 milhões de pessoas naquele ano.

Centrais de luta

O movimento dos trabalhadores era extremamente efervescente, em todos os sentidos, no início dos anos 80, o que provocou muitas divisões. Na 1ª Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras, realizada na Praia Grande, em 1981, foi criada uma Comissão Pró-Central Única dos Trabalhadores (CUT). Mas houve um racha no movimento. Uma parte destes trabalhadores fundou a CUT, em 1983, a outra acabou fundando depois a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), em 1986. Também surgiram algumas outras centrais sindicais naqueles anos, mas a maioria delas era liderada por trabalhadores do setor industrial, como os metalúrgicos. A única que tinha trabalhadores do comércio em sua direção era a União Sindical Independente (USI), fundada em 1985.

Nos anos 90, lembra o professor Krein, surgiram várias outras cen-Sindical, a Social Democracia Sindical (SDS) e a Central Autônoma dos Traba-Ihadores (CAT) – que disputavam o papel de definir os rumos do movimento sindical brasileiro. Já em julho de 2007 lho e da tutela do governo. Com liber- as centrais CGT, SDS e CAT e outras dade de associação e de atuação, os entidades independentes se unem e formam a União Geral dos Trabalhadores - UGT. "Os problemas fundamentais dos trabalhadores não são resolvidos no âmbito da categoria econômica, mas dependem de uma ação geral da classe trabalhadora com o poder de intervir nos rumos do País", diz Krein.

O pesquisador acrescenta que da classificação do Ministério do Traba- as federações e confederações têm o papel de organizar os trabalhadores a partir de suas estruturas verticais, a partir da ótica da categoria. Já as cenvez de ficarem restritos ao sindicato dos trais têm funções diferenciadas, elas têm uma ação na sociedade como um todo. Hoje, mais do que nunca, analisa Krein, as centrais sindicais têm um papel fundamental na luta pela estruturação do mercado de trabalho, já que praticamente um terço dos assalariados brasileiros, cerca de 15 milhões de pes-

53

Medalha Anchieta para RICARDO



A mesa foi composta por Octávio Leite Vallejo, presidente do Sindicato dos Concessionários e Distribuidores de Veículos no Estado de São Paulo; Nelson de Almeida Prado Hervey Costa, Secretário Adjunto da Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho do Estado de São Paulo; Ricardo Patah, presidente do Sindicato dos Comerciários de São Paulo; vereador Domingos Dissei; Luiz Carlos Motta, presidente da Federação dos Empregados no Comércio do Estado de São Paulo e Wilson Hiroshi Tanaka, presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios do Estado de São Paulo - Sincovaga (da esquerda para a direita)

Câmara Municipal de São Paulo, em cerimônia realizada no dia 3 de dezembro, concedeu ao presidente do Sindicato dos Comerciários de São Paulo, Ricardo Patah, a Medalha Anchieta e o Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo. Indicado pelo vereador Domingos Dissei, o sindicalista teve votação unânime pelos parlamentares por se destacar através de seu empenho e garra na defesa do trabalhador, dos aposentados e





Ricardo Patah se destacou através de seu empenho e garra na defesa do trabalhador, dos aposentados e pensionistas e principalmente dos excluídos

como presidente do Sindicato e também da central União Geral dos Trabalhadores a essência do seu sindicalismo moderno (UGT), atuando nos direitos trabalhistas, previdenciários, sociais, culturais, do meio ambiente e econômicos. Fizeram parte da mesa Octávio Leite Vallejo, presidente do Sindicato dos Concessionários e Distribuidores de Veículos no Estado de São Paulo; Nelson de Almeida Prado Hervey Costa, Secretário Adjunto da Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho do Estado de São Paulo; vereador Domingos Dissei; Luiz Carlos Motta, presidente da Federação dos Empregados no Comércio do Estado de São Paulo e Wilson Hiroshi Tanaka, presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios do Estado de São Paulo - Sincovaga.

Graduado em duas universidades em Administração pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) e Direito pela São Judas -, também realizou cursos de qualificação sindical nos Estados Unidos e Israel e iniciou como comerciário em 1972, no de seus direitos como, por exemplo, a antigo Bazar Treze, que foi incorporado pelo Pão de Acúcar. Depois disso, nunca mais cio aos domingos e feriados, além de se distanciou da categoria, ocupando diver- ter parcerias com desconto para unisos cargos no Sindicato dos Comerciários versidades, áreas médica e odontolóde São Paulo até assumir, em 2003, a presidência da entidade, onde já está no seu afirmou Patah.

pensionistas e principalmente dos excluídos, segundo mandato. Trabalho decente, igualdade e oportunidade para todos são e democrático.

> "Nos meus 12 anos como vereador, sempre tive contato com representantes de diversas categorias. Foi assim que conheci Ricardo Patah e, ao longo destes anos, percebi a importância de seu trabalho, sempre representando os comerciários de maneira muito equilibrada. Por isso, tenho o orgulho de ter sido o proponente desta justa homenagem que a Câmara de São Paulo faz aos grandes cidadãos paulistanos", disse o vereador Dissei.

> "Quero estender essa homenagem a todos os 430 mil comerciários da base do Sindicato pelo orgulho de sermos uma categoria esplêndida nas diversas atividades do comércio, sempre oferecendo o melhor atendimento, o que acaba sendo um reflexo do trabalho do Sindicato, que luta na defesa regulamentação do trabalho no comérgica, lazer, moradia e muito mais",

HISTÓRIA DA MEDALHA **ANCHIETA E DIPLOMA DE GRATIDÃO DA** CIDADE DE SÃO **PAULO**

A Medalha Anchieta foi idealizada em 7 de setembro de 1969 e distribuída como brinde aos convidados que participaram da cerimônia de inauguração do Palácio Anchieta, ocorrida nesta mesma data.

Quatro anos depois, em 26 de maio de 1973, ela foi instituída oficialmente através de um PDL de autoria do ex-presidente da Câmara, João Brasil Vita. Em 1975, um novo decreto fixou o Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo a ser outorgado junto com a Medalha Anchieta.

concedidas a personalidades que, através de suas trajetórias, tenham conquistado a admiração e o respeito do povo paulis-

A primeira Medalha Anchieta e Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo foram entregues em 2 de maio de 1974 ao prefeito da cidade italiana de Lucca, Mauro Favilla.

dalha Anchieta e o Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo, o então Papa João Paulo II; os juristas Miguel Reale e Ives Gandra: o cientista Milton Santos: Dorina Nowill, da Fundação Dorina Nowill para Cegos e o empresário Horácio Lafer Piva, entre outras personalidades.

UGT NASCE FORTE

União Geral dos Traba-Ihadores (UGT) nasce forte porque surge da união de três centrais sindicais iqualmente fortes, a Social Democracia Sindical (SDS), a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), a Central Autônoma dos Traba-Ihadores (CAT) e os sindicatos independentes.

A UGT surge orgulhosa de seu destino, ao reverter uma lamentável tendência de fragmentação do sindicalismo brasileiro. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na sua pesquisa sindical de 2001, entre 1991 e 2001 o gados e de empregadores passou de 11.193 para 15.963.

O Congresso de Fundação da UGT, que tive a honra de presidir, evidenciou o apoio que a UGT teve das bases organizadas da classe trabalhadora brasileira. Participaram do evento 2.800 lideranças de 600 entidades sindicais, representando mais de tempo, trouxe para a mesa auto- ra brasileira". ridades dos três níveis do poder municipal, estadual e federal.

A nível federal prestigiaram o evento o ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência cia e Assistência Social, Luiz Marinho e o Secretário Nacional do Trabalho, Luiz Antônio de Medei-



número de sindicatos de empre- ros. Na mesma mesa a UGT uniu ainda ra, o Alemão, da ex-SDS; e Laero governador do Estado de São Paulo, te Teixeira da Costa, da ex-CAT, José Serra e o prefeito de São Paulo, que tiveram a visão e a coragem Gilberto Kassab.

conforme registrou o Ministro-Chefe tórico do sindicalismo e da cidada Secretária Geral da Presidência da República, Luis Dulci, na abertura do Congresso de Fundação da entidade, de que responde às tendências significa um momento histórico para exigidas pela nova classe trabao País, pois, hoje, disse o ministro Luiz Ihadora brasileira, em torno da cinco milhões de trabalhadores Dulci, "está nascendo um novo instru- união, da mobilização política e em todo o país. E, ao mesmo mento de luta da classe trabalhado- da cidadania, a UGT crescerá

UGT, o novo instrumento de luta da a favor de um Brasil mais justo. classe trabalhadora brasileira, só foi mais igualitário, em que todos, possível por ter contado com a visão de líderes como Ricardo Patah, que pertencem à classe trabalhadora, da República, Luis Dulci, re- em função do seu desprendimento, tenham a garantia de que lutapresentando a Presidência da Re- espírito de luta e de patriotismo, foi remos unidos para melhorar nospública: o ministro da Previdên- eleito o presidente da entidade.

Conseguimos provar com a criação da UGT que todos nós que temos a coragem de trabalhar pela unidade da classe trabalhadora e dos cidadãos brasileiros, percebemos a importância de ver o todo e deixar de lado nossos egos e objetivos imediatos como partes secundárias do processo histórico.

E, ao se organizar para se inserir no processo histórico brasileiro, a UGT nasce forte. Pois conta, desde as negociações e entendimentos que levaram à sua fundação, com a contribuição direta dos companheiros Antonio Carlos dos Reis, o Salim, da ex-CGT; de Enilson Simões de Moude promover a unidade que re-A fusão que resultou na UGT, sultou neste novo momento hisdania brasileira.

Ao se tornar uma entidaforte, para ampliar as iniciativas A ação integrada em torno da de seu presidente Ricardo Patah especialmente os brasileiros que sa qualidade de vida.

> Deputado Roberto Santiago deputadorobertosantiago@gmail.com Tel.: (061) 3215-5533



O último censo demográfico realizado pelo IBGE no ano 2000 apontou que existem 5,7 milhões de surdos no Brasil. Revelou ainda que 24,6 milhões de brasileiros possuem alguma deficiência e, deste total, 18,1% têm problemas auditivos em diversos graus. O maior desafio enfrentado pelos surdos, sem dúvida, é a dificuldade de comunicação. A maioria deles é alfabetizada através da Língua Brasileira de Sinais-Libras. O objetivo é acelerar a inclusão destas pessoas na sociedade da mesma forma que qualquer outro cidadão

Glória Alves

mas a maior barreira na vida vencida: a da comunicação. Sabe-se que a comunidade Surda sempre buscou duas metas centrais no que se através do esporte e a luta em prol da Língua de Sinais. Se por um lado o surdo busca a expressão através do Ser respeitado e ver sua língua conhesurdos brasileiros, apesar de todos os ganhos e conquistas que norteiam sua história dos surdos brasileiros não

"Cultura Surda" é muito têm demonstrado que sua bandeira é a recente no Brasil, tem pouco mesma: por uma comunicação efetiva mais de cento e vinte anos, que vai realmente integrá-los à sociedade e o reconhecimento de que são dos surdos ainda não foi parte de um grupo minoritário que deve ser respeitado como tal.

O que são Libras

A Libras - Língua Brasileira de refere à coletividade: a integração Sinais - é reconhecida, cientificamente, como um sistema lingüístico de comunicação gestual-visual, com estrutura gramatical própria, oriunda das Codesporto, por outro lado ele grita em munidades Surdas Brasileiras. É uma prol de uma comunicação mais efetiva. Iíngua natural, formada por regras morfológicas, sintáticas, semânticas e cida hoje é questão de honra para os pragmáticas próprias. É uma língua completa, com estrutura independente da língua portuguesa. Além disso, história enquanto grupo minoritário. A possibilita o desenvolvimento cognitivo dos surdos, favorecendo o acesso desdifere muito da luta de outros grupos tes aos conceitos e conhecimentos exisde surdos espalhados pelo mundo. Nos tentes. Os usuários da "Libras" são os eventos internacionais, quer de cunho surdos, familiares, profissionais da área educacional ou desportivo, os surdos e todas as pessoas que convivem ou

trabalham com surdos ou tenham interesse por utilizar, pesquisar e aprender esta

As Comunidades Surdas do Brasil vêm lutando para serem respeitadas enquanto minorias lingüísticas e a FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - tem apoiado essa causa desde sua fundação. A entidade possui vários regis-

tros da luta pelo reconhecimento da Libras até a conquista de sua regulamentação. Além disso, muitas são as atividades e servicos que envolvem a Libras. Pensando numa melhor estruturação e funcionamento, a Feneis criou o CELES - Centro de Estudos em Libras e Educação de Surdos. O CELES funciona de forma regional, tanto a matriz como os escritórios regionais da entidade possuem o seu próprio CELES. Dentre as funções do CELES estão:

- Promover e realizar programas de capacitação profissional para professores, instrutores/professores da linguagem de sinais ou intérpretes, que atuem na área de Libras e na área de informática:
- Promover programas de intercâmbio com organizações e instituições representativas da área dos surdos e envolvidas com a Libras, visando o aperfeiçoamento das mesmas;
- Incentivar o uso de Libras, através da manutenção de serviços competentes, para a preparação de leigos e profissionais, objetivando garantir o uso correto desta língua na comunidade, além da preparação e capacitação para o trabalho na área dos surdos;
- Promover, realizar e divulgar estudos e pesquisas na área de Libras, inclusive para elaboração e avaliação de metodologias de ensino, técnicas pedagógicas e materiais didáticos, visando à melhoria na qualidade do processo ensino/aprendizagem e do uso de Libras.

Projeto Libras reforça inclusão social

As rotineiras dificuldades de comunicação dos surdos brasileiros com a sociedade são um dos temas da campanha Surdo Cidadão, do projeto Libras é Legal. "Um dos objetivos do projeto é difundir a Língua Brasileira de Sinais

(Libras), reconhecida pela Lei nº 10.436/ 2002 como meio legal de comunicação e expressão, em todos os setores da sociedade, preparando instituições governamentais e empresas privadas a se comunicarem com os deficientes auditivos", diz Neivaldo Augusto Zovico, Diretor Regional da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos e Membro do Conselho Estadual para Assuntos da Pessoa Portadora de Deficiência.

Com o projeto, pretende-se evitar que ocorram situações como a de Alexandre Pontes, que foi preso no dia 21 de fevereiro deste ano, em Londrina (PR), acusado, injustamente, de tentativa de assalto em uma loja de conveniências, por ter sido mal interpretado ao tentar se comunicar por sinais. Octalício Neto, assessor de imprensa do projeto, lembra que é preciso dar o direito de defesa aos surdos em uma

situação como essa. Para isso, a presenca de um intérprete na delegacia é indispensável. Já o presidente da Feneis afirma que a pessoa surda ainda sente o preconceito social, pois, hoje, há certa organização nas cidades para atender o cego e o deficiente físico, mas não o deficiente auditivo. Ele conta que essas situações acontecem diariamente, em especial nos bancos, que não possuem intérpretes, e a maior parte do atendimento é feito por telefone. Além disso, a maior parte das pessoas não sabe lidar com o surdo.

As Línguas de Sinais e as Comunidades Surdas

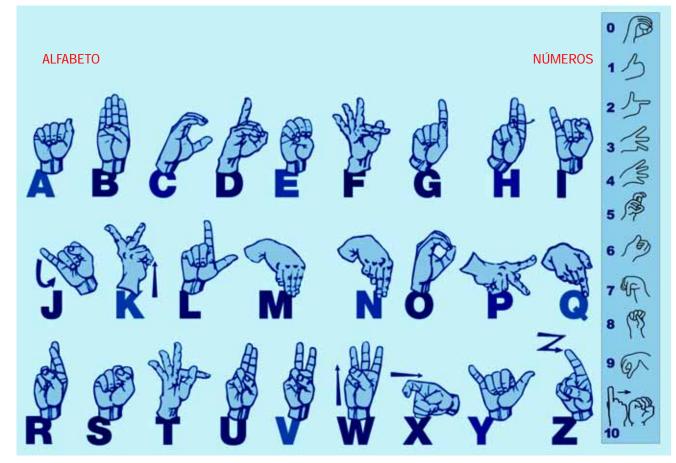
Como as línguas de modalidade oral-auditiva, as línguas de sinais também não têm registro de utilização, mas sabe-se que elas existem há séculos. O mais antigo registro que trata sobre "Língua de Sinais" é de 368 AC,

escrito pelo filósofo grego Sócrates. Na Bíblia Sagrada encontramos os familiares comunicando-se com o sacerdote Zacarias por meio de sinais: "E perguntava ao pai, com acenos, como queria que o chamassem" (Lucas 1.62).

Estudos lingüísticos a partir da década de 70 sobre as línguas de sinais vêm mostrando que elas são comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais. Estas línguas expressam idéias sutis, complexas e abstratas. Seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, além de esportes, trabalho, moda e utilizá-la com função estética para fazer poesias, histórias, teatro e humor. E, como toda língua, aumentam seu inventário lexical com novos sinais introduzidos pelas Comunidades Surdas em resposta às mudanças culturais e tecnológicas.

Aprenda a se Comunicar por Libras

(Linguagem Brasileira de Sinais)



E, ao contrário do que se pensa, as línguas de sinais não são universais, cada uma tem sua própria estrutura gramatical. Por toda parte do mundo as pessoas surdas que estão inseridas em "Culturas Surdas" possuem suas próprias línguas de sinais, como a francesa, americana, argentina, inglesa, italiana, japonesa, chinesa, russa, citando apenas algumas. Há registros de uma outra língua de sinais que é utilizada pelos índios Urubus Kaapor na Floresta Amazônica.

Os Surdos enquanto Minoria Lingüística

Indivíduos que fazem parte de minorias geralmente são discriminados e o surdo é uma delas. Sua integração está no fato de poderem ter um espaço onde não há repressão ou discriminação no ato de comunicação. Mas quando se trata dos surdos, cuja forma de comunicação é gestual-visual - e por serem utilizadas por pessoas consideradas "deficientes" - a forma de certa maneira sofre certo "desprestígio". Até bem pouco tempo, essa forma de comunicação era proibida de ser usada nas escolas e em casa de criança surda com pais ouvintes.

Este desrespeito, fruto de um desconhecimento, gerou muitos preconceitos. Por exemplo, pensava-se que este tipo de comunicação não poderia ser considerada língua e que se os surdos ficassem se comunicando por "mímica", eles não aprenderiam a línqua oficial de seu país. Porém, pesquisas que foram desenvolvidas nos Estados Unidos e na Europa mostraram o contrário. Se uma criança surda puder aprender a língua dos sinais da Comunidade Surda de sua cidade à qual será inserida, ela terá mais facilidade em aprender a língua oral-auditiva da Comunidade Ouvinte, à qual também pertencerá. Como os surdos estão em duas comunidades, precisam manter um bilingüismo social, mas uma língua acaba ajudando na compreensão da outra. É também acreditando nessa afirmação que as assistentes sociais e consultoras organizacionais prestando serviços às Comunidades Surdas, Maria Augusta de Moraes e Luciana Fortunato, acreditam ser imprescindível o diagnóstico precoce da surdez. "Quanto mais cedo se diagnosticar a deficiência

Você suspeita que alguma criança não ouve bem?



A criança pode ter perda auditiva se:

- tem parentes que nasceram surdos a mãe teve rubéola na gravidez • o parto foi demorado • nasceu prematura ou com menos de 1,5 kg
 - teve ictericia (ficou amarelinho) quando nasceu
 - teve meningite tomou medicamento ototóxico



Figue atento na ausência de reações apropriadas à idade:

Idade	Reações
0 a 3 meses	Acorda com barulhos fortes
3 a 6 meses	Movimenta a cabeça em direção aos sons
6 meses a 1 ano	Emite sons. Reconhece o próprio nome
1 a 2 anos	Compreende palavras cotidianas. Reconhece o próprio nome e o das pessoas próximas. Forma frases curtas
Até 3 anos	Conversa assuntos do dia-a-dia. Obedece a ordens simples. Conversa com outras crianças

As crianças pequenas não contam se ouvem bem ou não. É necessário que os adultos estejam sempre atentos ao menor sinal de perda auditiva.

Fonte: Escola para Crianças Surdas Rio Branco

auditiva, mais cedo se evita atrasos na formação educacional da criança, pois se usará a língua adequada para o aprendizado", garantem.

No entanto, a inclusão da língua de sinais em todas as escolas e faculdades ainda é uma questão difícil. Segundo Neivaldo, diretor da FENEIS, apenas algumas escolas já perceberam o problema e já adotaram a disciplina de Libras para professores e alunos.

"Estamos lutando para que todas as faculdades de pedagogia incluam em seu currículo a disciplina de Libras. Assim, os professores consequentemente poderão entender não só a linguagem dos surdos, mas sua cultura e passar para seus alunos. Já que a inclusão está em pauta ultimamente, precisamos aproveitar o momento para integrar os surdos dentro da sociedade para que finalmente tenham seus direitos respeitados", espera Neivaldo.

26 de Setembro Dia Nacional do Surdo

A Comunidade Surda Brasileira comemora, em 26 de setembro, o Dia Nacional do Surdo, data em que são relembradas as lutas históricas por melhores condições de vida, trabalho, educação, saúde, dignidade e cidadania. No Brasil, esse dia é celebrado devido ao fato desta data lembrar a inauguração da primeira escola para Surdos no país em 1857, com o nome de Instituto Nacional de Surdos Mudos do Rio de Janeiro, atual INES -Instituto Nacional de Educação de Surdos -, órgão de referência usado pelo MEC -Ministério da Educação e Cultura.

FENEIS – Lutando pela Comunidade Surda

Atualmente, a FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - é constituída de 90 filiadas e três escritórios regionais. Possui conselhos de representantes em vários Estados do Brasil e encabeça a luta no sentido de conscientizar a sociedade sobre a importância do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais em todo o território nacional e sobre a urgência na oficialização da profissão do intérprete para que possa atuar em todos os espaços onde os surdos estiverem presentes. Além disso, divulga temas relacionados com essas metas. Sua diretoria possui representantes dos profissionais da área, pais e amigos e Associações de Surdos. A FENEIS acredita que através dessas conquistas outros objetivos poderão ser alcançados em seqüência: a ampliação das oportunidades educacionais e laborativas dos surdos, atividades que vêm sendo desenvolvidas desde sua fundação, há 12 anos, além da formação de intérpretes e de instrutores surdos para o ensino da Língua de Sinais.

"A verdadeira integração dos surdos só será atingida se incorporar os próprios surdos, os profissionais que com eles atuam e suas famílias, todos rumo a um mesmo alvo, num tripé integrativo", acredita Neivaldo Zovico. Clínicas, escolas, APAEs, empresas onde há surdos empregados podem e já fazem parte desse movimento, estando conscientes de que o mundo surdo, como todas as subculturas, é formado em parte pela exclusão (do mundo auditivo) e em parte pela formação de uma comunidade e um mundo em torno de um centro diferente seu próprio centro.

Mercado de Trabalho

Os surdos já estão incluídos no mercado de trabalho devido à cota obrigatória instituída pela Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. A empresa com cem ou mais empregados está obrigada a preencher de 2% a 5% dos seus cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas portadoras de deficiência. A dispensa de trabalhador reabilitado ou de deficiente habilitado ao final de contrato por prazo determinado de mais de 90 dias, e a imotivada, no contrato por prazo indeterminado, só poderá ocorrer após a contratação de substituto de condição semelhante. "Mas, há um porém, as empresas procuram os surdos para trabalhar sempre em cargos de nível inferior, como ajudante, auxiliar de produção, operador de xerox. Não avaliam ou reconhecem a capacidade dos surdos. Muitos deles estão aptos para trabalhar em cargos mais elevados, mas não consequem a vaga", lamenta o presidente da FENEIS.

Os surdos e os meios de Comunicação

Quanto à questão de programas legendados para surdos na televisão brasileira, o diretor da FENEIS acrescenta que o meio oferece muitas dificuldades para a acessibilidade dos surdos. "As emissoras que exibem programas com legenda são a Globo. Record, SBT, TV Senado e TVE. E mesmo assim, as três primeiras que citei não exibem legenda 24 horas por dia. Apenas uns poucos programas, como os telejornais. Já as demais emissoras não têm esse tipo de preocupação, portanto, precisamos brigar muito ainda", explica Neivaldo.

A FENEIS enviou uma carta para o Ministério das Comunicações, para o CONADE - Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência -, CORDE - Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência -, além do Ministério de Direitos Humanos, para que as emissoras exibam todos os programas com legenda, 24 horas por dia. "O Papa visitou o Brasil, as emissoras passaram horas de programação e nenhuma delas legendou. Isso é no mínimo um desserviço, uma falta de consideração com os 5,7 milhões de surdos no Brasil. Além disso, todos nós pagamos impostos, portanto é preciso

acabar com esse tipo de barreira na comunicação", indigna-se o diretor da

Ainda segundo as assistentes sociais Maria Augusta e Luciana Fortunato, ao contrário do que muitos possam supor, nem todo surdo é mudo e nem todo surdo consegue fazer leitura labial. "Estas premissas não são verdadeiras, pois dependem da análise de muitos fatores, como por exemplo, se a surdez foi pré ou pós-lingüística", diz Maria Augusta. Para facilitar nossa comunicação com os surdos elas elaboraram estas dicas a seguir:

- Falar de maneira clara, usando a velocidade de fala normal, a não ser que seia sinalizado para que você fale mais devagar:
- Só falar alto se lhe pedirem, Gritar não adianta nada:
- Não colocar nada na frente de sua boca, como papéis ou mesmo suas mãos. Isso pode atrapalhar a interpretação labial;
- As pessoas surdas não percebem mudanças no tom de voz; portanto, seja expressivo ao falar. Expressões faciais, gestos e o movimento de seu corpo facilitarão a compreensão.
- Se tiver alguma dificuldade de compreender algo dito por uma pessoa surda, não se acanhe: peça que ela repita o que foi dito.
- As tentativas de uso de algum tipo de linguagem de sinais são sempre apreciadas pelos deficientes auditivos. Se você não for entendido, a pessoa Ihe falará;
- Usar sempre que possível a comunicação por intermédio de bilhetes.
- De uma maneira geral, o que você deve fazer é agir naturalmente. Colocando isto em prática, estaremos ajudando a diminuir as diferenças e cada vez mais positivando o sentido da diversidade humana. A Cultura Surda é muito rica. Para conhecê-la melhor há vários sites que trazem muito mais informações. Anote:

www.dicionariolibras.com.br www.vezdavoz.com.br (jornal em Libras) www.feneis.com.br www.derdic.pucsp.br

RELAÇÃO DAS ESCOLAS DE 1° GRAU PARA SURDOS **EM SÃO PAULO:**

Existem escolas que já fazem a inclusão dos surdos em classes de ouvintes, como a Escola e Faculdades Radial e o Colégio e Faculdades Rio Branco.

Escolas Particulares:

DERDIC:

Rua Dra Nevde Aparecida Sollito, 435. Vila Clementino. Telefone: 5908-8000 (vide site)

Instituto Santa Teresinha:

Rua Jaguari, 474 A, Bosque da Saúde. Telefone: 5581-1928 (primeira escola para Surdos do Brasil. Tem 78 anos de existência).

Escola para Surdos do Colégio Rio Branco:

Rodovia Raposo Tavares, km 24, no 7200. Telefone: 4613-8478. SELI: Rua Dr. Ernesto Mariano, 196, Tatuapé. Telefone: 6197-6866.

Escolas Municipais:

Hellen Keller – Jardim da Aclimação Anne Sullivan – Santo Amaro Neusa Basselto – Mooca Madre Luci Bray – Jaçanã Vera Lucia Apa Ribeiro - Pirituba Mário Bicudo - Vila Nova Cachoei-

Olga Benare - Diadema

Prestação de serviços:

A Telefônica, através do número 142, oferece o serviço de intermediação na comunicação do surdo e outro interlocutor. Para isto, o surdo deve ter o aparelho TDD para que a telefonista possa receber suas mensagens e assim passá-las verbalmente a outra pessoa ouvinte com a qual o surdo queira se comunicar. Outro serviço que pode ser solicitado à Telefônica é a instalação de telefones especiais para surdos.

FENEIS

Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos:

Rua Padre Machado, 293, Vila Mariana. Telefone: 5575-5882 (vide site).

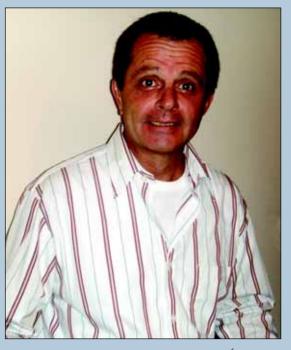
EXEMPLO DE VIDA

Quando Wilson nasceu sua mãe logo percebeu que ele tinha os projetos gráficos dos problemas de audição foi quando co- livros de exatas que ele meçou a caminhada a todos os espe- estudou no colégio, isto cialistas da época, até que foi cons- é, tem contato com os tatada a sua deficiência auditiva. Co- autores dos livros sendo meçou a usar aparelho auditivo e de- que muitos foram seus pois ia à escola especializada onde professores e hoje é foi alfabetizado, mas o mais difícil foi ele aprender a falar, pois o aprendizado foi demorado mas depois passou a se comunicar muito bem. Wil- celular o qual utiliza freson teve uma infância tranquila: fez quentemente para se o primário numa escola para surdos, comunicar enviando e mas o ginásio e o colegial estudou recebendo mensagens. numa escola normal. Houveram difi- A internet também o culdades, pois alguns professores ajuda muito a se apriescreviam na lousa e esqueciam de morar e principalmente explicar a matéria de frente para os se comunicar através alunos, pois, embora Wilson usasse dos e-mails, ferramenta aparelho auditivo, precisava ler os usada no trabalho, já lábios dos professores para poder en- que não tem como se comunicar atrado superadas.

mo produtor gráfico e, por ironia do destino, faz através dele que o projeto gráfico é realizado.

Wilson possui um

tender a aula. Wilson diz que foram vés do telefone. "Embora o avanço da tempos difíceis, pois ele foi o primeiro tecnologia ajude muito e hoje haja e era o único surdo numa escola de mais discussão sobre a inclusão dos versas dificuldades, mas quanto alunos normais, mas com a coope- surdos, ainda há muito a se fazer. O ração e o entendimento de todos surdo não tem problema de se loco- to, mais as pessoas irão entender e os professores e o companheirismo mover como tem um deficiente físico dos alunos, as barreiras foram sen- ou de enxergar como um cego, mas te sem deixar de ser 'normal'", afirencontra outras barreiras. Me interes-Wilson mostra para a socieda- so bastante pelos telejornais, mas de que ser surdo não é ser incapaz. somente alguns possuem legendas. uma inteligência admirável, Wilson A prova disso é que além de ter sido A Comunidade Surda quer estar incluída sempre um ótimo aluno, principal- na sociedade e para isso ainda é precimente em física, química e matemá- so se fazer muito como, por exemplo, tica, é um exemplo, pois há 30 anos gostaria de assistir todos os progra- demonstrar sua capacidade, sendo trabalha em uma conceituada Editora mas e entendê-los. Só para se ter uma um exemplo que ser surdo não é ser de livros didáticos e paradidáticos, idéia, tente assistir um programa de incapaz, muito pelo contrário, sua onde coordena o departamento co- televisão sem volume e entender o que história é um exemplo de vida.



está sendo transmitido. É preciso que haja uma maior conscientização dos meios de comunicação. Há dimaior for a divulgação sobre o assunsaber que o surdo é apenas diferen-

Extrovertido, simpático e de é casado, dirige e é um ótimo profissional e, com certeza, está onde está devido à oportunidade de poder

O QUE FOR PRECISO

ou começar com uma pequena história. Havia um leão que certa manhã estava se sentindo muito bem, muito feliz. Saiu de sua toca, viu um coelho, saltou imediatamente sobre ele e perguntou: "Quem é o rei da selva?" Terrivelmente assustado, trêmulo, o coelho respondeu: "É você".

Isso deixou o leão ainda mais orgulhoso. Continuando o passeio, encontrou um cervo, saltou sobre ele e perguntou: "Cervo, quem é o rei da selva?" Trêmulo, o cervo respondeu: "É você".

Nessa altura o leão já estava muito, muito satisfeito. Ele era o salta sobre ele e pergunta: "Elefante, quem é o rei desta selva?" O elefante agarrou o leão pelas costas, lançou-o ao chão várias vezes até o leão ficar tonto e o soltou. O leão olhou para o elefante e disse: "Não se aborreça se não souber a resposta!"

Às vezes aceitamos as definições que os outros dão às coisas, mas nos esquecemos de algo simples: você mesmo. Falo não daquilo que você pode realizar, não daquilo que você pode fazer, não das suas esperanças, sonhos, idéias - mas de você, como uma dádiva que veio a este mundo.

Sócrates não se enganou quando disse "Conheça-te a ti mesmo". Saiba quem você é. Entenda quem você é, sua natureza. Entenda que, se você não sentir a paz, não conseguirá proporcioná-la a ninguém. Se você quer saciar a sede do outro, vai precisar ao menos de água. A água da paz flui dentro de você. A serenidade do entendimento flui por você - por sua vida.

Em meio às coisas que você está tentando entender, acrescente



rei. Mais adiante, vê um elefante, uma: entenda você mesmo. Em meio que elas procuram está dentro delas às coisas que está tentando completar, - não fora. Sempre esteve e sempre complete mais uma. E além das pessoas que está tentando ajudar, ajude mais uma: você. Você precisa sentir contentamento, independentemente do que esteja acontecendo. Você precisa se sentir completo. Sim, você é o tijolo outro lugar. Seja quem você é. da sua existência. E se esse primeiro passo estiver faltando, o seguinte, o para que você possa proporcioná-la

> rioso. Não é estranho. E, definitiva- as responsabilidades que estão à sua mente, não é egoísta. Desembrulhar um presente que você ganhou não é tem aquilo de que estou falando, egoísmo. Se eu der alguma coisa às custas de outra pessoa, isso é egoísmo. Mas se eu sentir uma coceira e me co- encontrar esse eu que preenche o çar, não às custas de ninguém mais, isso não é egoísmo. O presente foi dado; o presente é você. A vida foi dada, feliz. Há somente uma pessoa como e está em curso. Seu entendimento você na face da Terra. Você é único. existe, sua sede existe, e a idéia de Brilhe com essa singularidade. paz está disponível.

Convido para dar uma olhada dentro de você para que veja do que esta existência trata. A pessoa que disse "Conheça-te a ti mesmo" não disse isso para tornar sua vida mais difícil. Mas havia algo aí, um mistério que podia ser resolvido. A humanidade en-

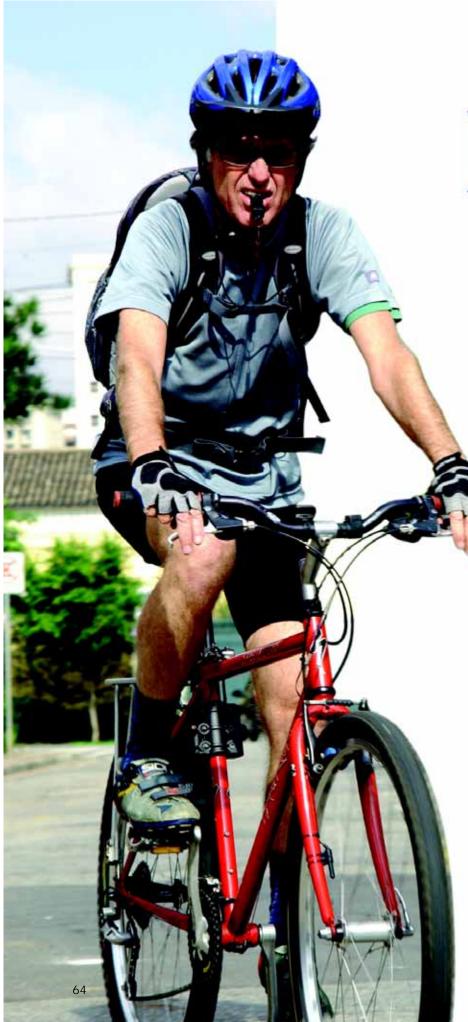
frentará muitos, muitos desafios, e um dos maiores é encontrar a paz que há dentro de cada ser humano. Esse tem sido um desafio incrível. As pessoas dizem: "A paz não é possível". Mas a paz pessoal - a paz que existe dentro de você - é muito possível e sempre esteve presente, e é por isso que se diz "Conheça-te a ti mesmo".

Isso comeca com o mais simples entendimento, ouvindo aquilo que uma coisa simples está dizendo a você. Não é sobre as suas responsabilidades, mas sobre a oportunidade de ser preenchido. Essa

Lembro às pessoas que aquilo estará. Mesmo que decidam não descobrir, sempre estará dentro delas. Sempre. As respostas virão de dentro, não de fora. O verdadeiro sentido da realização acontecerá aí, não em

Sinta a plenitude todos os dias seguinte e o seguinte também faltarão. aos outros. Sinta a plenitude todos Não é impossível. Não é miste- os dias para que possa cumprir com frente. Mas começa com você. Você quer você decida procurar ou não. Procure. Faça o que for preciso para seu eu, para que você possa servir, e servir bem. Sinta-se pleno. Seja

> **Prem Rawat** Assista o Programa Palavra de Paz Em São Paulo: TVA Canal 18 ou 36 3a e 5a às 9h NET Canal 9 – 6^a às 22h sábados às 12h30 - domingos às 9h www.palavrasdepaz.org.br



BICICLETA GANHA ESPAÇO Silvia Kochen N bicicleta não é apenas um brinquedo que toda criança quer, mas também nas ruas de São Paulo

que toda criança quer, mas também um eficiente meio de transporte que ganha cada vez mais adeptos em todo o mundo. Suas vantagens são inúmeras: a bicicleta é econômica, não polui e, ainda por cima, ajuda a manter a forma. Por isso, o prefeito Gilberto Kassab sancionou em fevereiro a Lei 14.266, de autoria do vereador Chico Macena (PT), que cria o Sistema Cicloviário de São Paulo.

Mas a maior parte dos paulistanos ainda se pergunta se é viável andar de bicicleta em meio ao trânsito pesado desta metrópole. O ciclista radical urbano Toni Nogueira garante que sim e comemora os avanços da nova lei. "Podemos ter uma melhora de 20% no trânsito se a vida do ciclista for facilitada", diz. Aos 60 anos de idade, Nogueira prefere sua bike ao carro. "Adoro bike porque chego aonde vou, independentemente

do trânsito". Ele pedala de 20 a 30 quilômetros todo dia para cumprir seus inúmeros compromissos como vídeomaker e músico e está animado com a nova lei.

Noqueira tornou-se um ciclista convicto há cerca de nove anos, quando morava em um sítio no Mato Grosso. Um amigo ciclista foi visitálo e ele começou a acompanhá-lo na bike em suas explorações por trilhas. Pouco depois, mudou-se para São Paulo e pegou o hábito de caminhar cerca de duas horas por dia. Mas acabou ganhando uma bike de presente de aniversário e a partir daí não parou mais. Ele chegou até a ir para a Bahia de bicicleta, pedalando pela estrada junto com um amigo.

Entre as vantagens da bicicleta, Noqueira destaca a capacidade de locomoção rápida, sem ter de ficar preso em congestionamentos como acontece com os motoristas; o treinamento constante dos sentidos e dos reflexos do ciclista. o que é um grande exercício de atenção; e o desenvolvimento do equilíbrio, físico e mental. O ciclista radical também dá uma série de dicas para quem quer começar a dar suas primeiras

pedaladas urbanas:

CICLISTA COMEMORA AVANÇO PARA TORNAR **BIKE MAIS ACESSÍVEL**

AOS PAULISTANOS

1. É preciso elaborar uma estratégia do caminho, ou seja, ver o itinerário do ponto de vista do ciclista, que dificilmente é o mais curto. "É melhor transitar por ruas pequenas e com pouco movimento", aconselha.

- 2. Velocidade: "Na medida do possível, a bicicleta deve andar mais rápido do que o trânsito", diz Nogueira, já que assim ela fica a salvo dos carros. Isto acontece muito no horário do pico de trânsito, em que há grandes congestionamentos que travam os carros, mas não as bicicletas.
- 3. Desenvolva a perícia e a audição. O ciclista deve estar atento a tudo o que acontece ao seu redor para poder pilotar sua bike com a devida perícia. Por isso, ele não pode usar headfones.
- 4. Faça barulho quando necesário. "Sempre ando com um apito", diz Nogueira. "Uma apitada bem dada pára o trânsito".

Nogueira é um ciclista radical não só em suas convicções, mas também em segurança. Ele critica alguns grupos que juntam ciclistas para passeios sem obedecer normas de segurança. E, embora acredite que a nova lei é um grande avanço (ver box), acha que ainda faltam algumas medi-

das para apoiar os ciclistas, como a nos Estados Unidos. Lá, como a cidade acontece na cidade de San Francisco, bicicletas no lado de fora.

permissão para andar de bicicleta em é cheia de morros, as pessoas usam calçadas (o que é proibido pela muito bikes e skates para se locomover legislação atual) e a facilidade de e os ônibus da cidade têm um suporte transporte de bikes em ônibus, como para que os passageiros prendam suas

LEI CRIA SISTEMA CICLOVIÁRIO **DE SÃO PAULO**

tação para circular pelas ruas da cidade. Entre as principais medidas da e em outros espaços naturais. lei estão a criação de ciclovias e ciclofaixa, definição de locais para estacio- exclusivas para bicicletas, patins, namento de bikes e integração dos skates e patinetes, mas será permiveículos de duas rodas com o sistema tida a passagem de ambulâncias e de transporte da cidade. De acordo viaturas de polícia em situações de com a prefeitura, são realizadas emergência. As ciclofaixas ocuparão diariamente cerca de 130 mil viagens parte de calçadas em locais onde não em bicicleta na cidade de São Paulo, de acordo com pesquisa realizada em número de viagens por dia.

Transporte de Passageiros - SITP, acesso para o ciclista.

viabilizando os deslocamentos com segurança, eficiência e conforto para o ciclista. Também destaca que a prefeitura deverá introduzir critérios de planejamento para implantação A Lei 14.266 cria o Sistema de ciclovias ou ciclofaixas nos trechos Cicloviário de São Paulo e faz da bici- de rodovias em zonas urbanizadas, cleta um verdadeiro meio de trans- nas vias públicas, nos terrenos marporte, com autorização e regulamen- ginais às linhas férreas, nas margens de cursos d'água, nos parques

> As ciclovias serão pistas é viável a criação de uma ciclovia.

Além disso, pelo artigo 8º da 2002. A expectativa com a aprovação lei, "edifícios públicos, indústrias, esda lei é a de que a bicicleta seja asso- colas, centros de compras, condomíciada a outros modos de transporte nios, parques e outros locais de grane registre aumento significativo no de afluxo de pessoas" devem ter estacionamento de bicicletas. A im-A lei prevê que serão tomadas plantação e operação dos bicicletámedidas para implementar infra- rios passará a ser controlada e aproestrutura para o trânsito de bicicletas vada pela CET (Companhia de Ene para articular o transporte por bici- genharia e Tráfego). Pontes, viadutos cleta com o Sistema Integrado de e túneis também deverão possuir

65

Para ver o Toni Nogueira andando em sua bike pode encontrar um vídeo em formato MP4 no site: www.turnhere.com/city/sao_paulo/all/films/450.aspx.



As fibras absorvem as moléculas de gordura e produzem substâncias que normalizam a síntese de colesterol. Elas não engordam, regulam o intestino e ainda estão em vários tipos de alimentos

Ana Castanho

omer correndo, comer em pé, tomar apenas um lanche... A crescente correria na rotina das pessoas é um dos piores inimigos da alimentação saudável. E o alto consumo de produtos ricos em carboidratos e pobres em fibras e proteínas é conseqüência disso.

Num efeito dominó, surgem, então, doenças como obesidade, diabetes e problemas no coração.

Para evitá-las, é necessário ter um bom funcionamento intestinal, manter estáveis os níveis de colesterol e glicose no sangue, fazer a digestão, além, claro, do acompanhamento médico.

De acordo com a nutricionista Tamara Lazarini, há um elemento cujas principais funções são justamente essas. Trata-se das fibras alimentares! "Apesar de não serem consideradas nutrientes, pois não são digeridas pelo organismo, as fibras desenvolvem funções importantes no organismo, como manter o seu bom funcionamento, auxiliando na eliminação de toxinas e na prisão de ventre, e ainda contribuindo para a redução do risco de doenças", diz a diretora da Associação Paulista de Nutrição (APAN).

Dose certa

Uma alimentação balanceada aliada a um consumo ideal de fibras pode promover a redução do colesterol e glicose sangüínea e o controle do peso corporal, pois absorve as moléculas de gordura, promove saciedade, redução do risco de câncer de cólon e diverticulites e ainda possui um efeito laxante.

O intestino é um dos órgãos fundamentais para o funcionamento adequado do organismo. É nele que ocorre a absorção da maioria dos nutrientes. A falta de fibras reflete efeitos negativos diretamente neste órgão, causando prisão de ventre, acnes na pele, aumento de peso, dores abdominais etc.

Contudo, a ingestão de fibras por si só não é suficiente para acelerar o trânsito intestinal e formar o bolo fecal. É necessário associar o consumo de água. "Sem ela, o bolo fecal fica ressecado e não consegue ser eliminado, causando desconfortos gastrintestinais", alerta a nutricionista.

ção de glicose e diminuição do colesterol sangüíneo. As principais fontes são frutas, verduras, aveia, cevada e leguminosas. Por exemplo, feijão, grão de bico, lentilha, ervilha, maçã, laranja, cenoura etc.

Já as principais funções da fibra insolúvel são provocar o aumento do bolo fecal, diminuir o tempo de trânsito intestinal, retardar a absorção da glicose e hidrólise do amido, além de prevenir contra o câncer de intestino. Suas fontes alimentares são farelo de trigo, grãos integrais e verduras

Cuidado com excessos! "Todo exagero sempre traz efeitos colaterais. O excesso de fibras pode impedir a absorção de alguns nutrientes como cálcio e ferro, além de provocar, em algumas pessoas, inflamações intestinais", finaliza Tamara.

Principais benefícios trazidos pela ingestão de fibras: controle da glicose, diminuição do colesterol, e bom funcionamento intestinal.

Contato: Tamara Lazarini tamaralazarini@ig.com.br Tel.: (11) 3255-2187 Associação Paulista de Nutrição



VOZ COMERCIÁRIA/DEZEMBRO DE 2007



A principal finalidade da ginástica laboral é aliviar as tensões causadas pelo excesso de tempo que uma pessoa permanece numa mesma posição, ou em repetições de determinados movimentos ou, ainda, em movimentos executados de forma incorreta.

Patricia explica que as principais lesões causadas em pessoas que trabalham muito tempo sentadas e em frente ao computador são tendinites (mãos, punhos e braços) e problemas na coluna (cervical e lombar). Para evitá-los, os exercícios indicados são alongamento/relaxamento nos grupos musculares mais utilizados no trabalho.

Há três tipos de ginástica laboral. A preparatória é realizada no início da iornada de trabalho e tem como objetivo preparar o trabalhador, aquecendo os grupos musculares que serão mais utilizados nas suas tarefas. Já a compensatória acontece durante a iornada de trabalho, com exercícios específicos de compensação aos esforcos repetitivos e às posturas inadequadas. O terceiro tipo é o relaxamento, ou seja, a ginástica realizada após o expediente para reduzir as tensões musculares adquiridas durante o dia.

A ginástica laboral promove não apenas benefícios físicos, mas também psicológicos. Veja:

BENEFÍCIOS FISIOLÓGICOS:

- Aquecer, aumentar flexibilidade, a resistência muscular localizada. a coordenação e a mobilidade;
- Prevenir lesões musculares relacionadas ao desgaste e estresse no trabalho;
- Corrigir vícios postural; Melhorar o condicionamento físico:
- Prevenir a fadiga muscular e, consequentemente, LER (Lesões por Esforços Repetitivos) /DORT

BENEFÍCIOS PSICOSSOCIAIS:

- Proporcionar descontração;
- Estimular o auto-conhecimento e a auto-estima;
- Melhorar o relacionamento interpessoal e com o meio;
- Melhorar o ânimo e a disposição para o trabalho; Promover a consciência corporal;
- Reduzir o estresse.



Entre os principais benefícios da ginástica laboral para a empresa estão a diminuição dos acidentes de trabalho. o aumento da produtividade, a melhora no ambiente organizacional, a diminuicão de afastamentos por LER/DORT e médico. "Se for feita com regularidade, o aumento da satisfação do empregado no ambiente de trabalho.

Estatísticas mostram um retorno de três a cinco vezes sobre a verba aplicada por uma empresa em um programa de ginástica e hábitos de saúde, considerando faltas, encargos sociais e outros fatores relacionados à saúde,

afetando a produtividade da empresa.

Enfim, esse tipo de exercício faz muito bem para a saúde, mas lembrese: a ginástica laboral não substitui a academia nem o acompanhamento todos os dias. 15 minutos de ginástica laboral serão suficientes para amenizar algum problema. Agora, as pessoas que possuem lesões já instaladas precisam procurar um médico para identificá-las, tratá-las com fisioterapia e depois, sim, iniciar a ginástica laboral, que é uma atividade preventiva", finaliza Patrícia.



Patricia Sakai, diretora técnica do Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (USP)

Care Brasil luta contra a pobreza para dar oportunidade a



Sílvia Kochen

pobreza é, certamente, um dos maiores dramas do Brasil e o seu combate, um dos caminhos que levam à melhoria da vida dos brasileiros. Por isso, a Care Brasil elegeu como áreas prioritárias para suas atividades no País a educação e a geração de trabalho e renda. Para realizar um trabalho tão complexo, a Organização Não Governamental (ONG) elegeu a estratégia de atuar em territórios, por meio de um conjunto de ações que visam diminuir a exclusão social e criar um círculo virtuoso para melhorar o padrão de vida das comunidades locais.

A Care Brasil trabalha com programas que contemplam áreas rurais do Nordeste, no Sul da Bahia e no Piauí; áreas urbanas do Sudeste (entorno do complexo da Maré, no Rio de Janeiro; de Duque de Caxias; e na região de Perus, em São Paulo), e também na Amazônia, na região de Urucutumba, explica a gerente de mobilização de recursos da ONG, Renata Monteiro Pereira. "Atuamos sempre por meio de parcerias, em redes de mobilização social, com foco prioritário na juventude", explica.

volvido na periferia de São Paulo, na região de Perus, tradicionalmente uma "área dormitório", assim chamada porque os residentes do local trabalham em outros pontos da cidade e ficam por lá apenas para dormir. A região ainda carrega o estigma de ser um "lixão" por abrigar um aterro sanitário, cuja capacidade já está esgotada, e onde a prefeitura queria construir um novo aterro. Assim, só pessoas bem pobres moram por lá e a situação do local se agravou nos últimos anos com o aumento do desemprego e a perda de renda.

Para se ter uma idéia, a região de Perus - que compreende também o eixo da Rodovia Anhanguera que corta distritos como Francisco Morato, Cajamar, Franco da Rocha e Pirituba - abriga 132 mil pessoas e foi uma das que mais cresceu nos últimos tempos: 14% ao

Um exemplo é o trabalho desen- ano, em média, na última década. Este crescimento desordenado trouxe uma série de problemas para a região, que precisa encontrar seu potencial para crescer.

Potencial de desenvolvimento

"Há quatro anos começamos nosso trabalho em Perus", conta Renata. Ela explica que a população local tinha um problema de baixa auto-estima por causa do lixão e há muita dificuldade de gerar renda local pelo fato de ser um bairro dormitório. "Conversando com representantes da comunidade local ao longo de dois anos, pudemos identificar alguns pontos que indicavam um potencial de desenvolvimento no local."

Em Perus situa-se a fábrica de cimento da Portland, hoje desativada, que foi a primeira cimenteira a operar

no País. Também há uma reserva de Mata Atlântica na região, cuja importância foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU). A região ainda conta com uma ferrovia, também desativada, a Perus-Pirapora. "Por tudo isso, descobrimos que há um potencial enorme de ecoturismo e de turismo histórico que pode ser desenvolvido por lá", conta Renata. Ao final de dois anos de discussões, o Fórum de Desenvolvimento de Perus, integrado por representantes da comunidade e que conta com a participação de várias entidades – entre as quais está a Care —, criou um plano de desenvolvi-

mento turístico para a região, que foi in-

corporado ao Plano Diretor do Município de São Paulo. O movimento ainda impediu, em 2003, a criação de um novo aterro sanitário no local.

Para tornar o projeto de desenvolvimento turístico realidade, a Care está desenvolvendo várias ações que devem frutificar mais tarde com a incubação de pequenos negócios na região para melhorar a renda e a infra-estrutura local. "Sabemos que é um processo de médio prazo e, à medida em que a comunidade avança e começa a caminhar sobre os próprios pés, a Care se retira gradativamente", explica Ana Maria Ribeiro, coordenadora da Care na região.

da entidade a realização de cur- chetaria, cinco jovens estão se orsos voltados para o empreendedorismo local.

Foram realizados cursos de gestão de negócios para um grupo de pessoas, a maioria formada por mulheres que se dedicam a artesanato, como tricô e crochê. Estas pessoas estão se organizando para tornar este pas- o ecoturismo na região. Ainda em tersatempo uma atividade rentável. A mos de turismo, há um projeto, ainda entidade também promoveu outros muito embrionário, de reativar a fercursos voltados a jovens e está formando suas primeiras turmas de marchetaria (técnica de trabalho dio da fábrica da Portland, hoje tomartístico em madeira) e cerâmica. En-

Ana Maria dá como exemplo das ações tre os que concluíram o curso de marganizando em um projeto para oferecer seus produtos ao comércio local e, ainda, dar aulas gratuitas para outros jovens.

> Houve, ainda, um curso de monitoria ambiental destinado a jovens para capacitar pessoal para desenvolver rovia Perus-Pirapora para oferecer passeios turísticos e de transformar o prébado, em um centro cultural.



Ana Maria (foto acima à direita), na locomotiva restaurada da ferrovia Perus-Pirapora.



Geração de renda

Mas também já há projetos que estão em fase adiantada no local. Há três anos, a Care começou a trabalhar em conjunto com um grupo de nove pessoas que fazia coleta seletiva de lixo na região de Perus. A entidade promoveu cursos de capacitação e assistência para apoiar o projeto dos catadores de criar uma cooperativa de trabalho, que foi batizada de Coopercose.

Luzia Maria Honorato, coordenadora da Coopercose, explica que o problema dos catadores não se restringe à renda. "Trata-se de uma luta pelo direito de se ter dignidade e exercer sua cidadania." Moradora da região de Perus há 25 anos, a professora Luzia conta que ao encampar a luta dos catadores, percebeu que o lixo era uma forma de gerar renda.

"Para gerar renda, era preciso criar uma estrutura que eles não tinham", explica a coordenadora da Care em Perus. Havia necessidade de uma série de equipamentos, como um caminhão para a coleta de material, ba-

papel. "Sem estrutura, nenhum grupo cresce. Acreditávamos no projeto, mas não conhecíamos os caminhos", diz Luzia. A Care apoiou a elaboração do projeto e o seu encaminhamento ao Ministério do Trabalho para que os catadores pudessem ter como adquirir os equipamentos.

"Mas o problema persistia, pois eles não tinham qualquer experiência em gestão", observa Ana Maria. Era preciso, por exemplo, garantir uma quantidade de material suficiente para oferecer às indústrias que trabalham com resíduos recicláveis e a regularidade da oferta. Aos poucos, foram criando alternativas, como buscar doação de resíduos de empresas e de condomínios. Hoje, os catadores praticamente não mais dependem de políticas públicas.

Os participantes da Coopercose, que antes tinham uma renda em torno de R\$ 100 mensais, hoje têm ganhos de R\$ 400 graças à cooperativa, que reúne 17 pessoas atualmente.

lança, prensa e máquina picadora de Trata-se de uma oportunidade importante na vida dos cooperados, pois entre eles há desde desempregados até moradores de rua e ex-presidiários, que praticamente não têm outra chance de ganhar sua vida honestamente. A meta é abrir mais vagas e chegar a 25 cooperados até o final do ano.

"Mas ainda há nós que precisam ser desatados", diz Luzia. Ela acredita que é preciso sensibilizar a comunidade para separar os materiais em plásticos, papéis e laminados porque a rapidez na seleção é fundamental para que o empreendimento dê certo. Luzia faz um apelo para que todos doem seu lixo, tanto material reciclável como móveis e utensílios, para as cooperativas. Ela trabalha na zona Oeste, mas explica que recebe doações de qualquer ponto da cidade, pois trabalha com uma rede de cooperativas de coleta seletiva. "Se o material estiver em um local longe para nós, passo a coleta para outra entidade", explica. Quem quiser fazer doações, pode ligar para o telefone 3918-5725.





care

ENTIDADE NASCEU PARA RECUPERAR PAÍSES DEVASTADOS PELA GUERRA

A Care International nasceu há 61 anos nos Estados Unidos com a junção de 22 Organizações Não Governamentais que se uniram para ajudar a recuperar a Europa devastada pela II Grande Guerra, uma situação de emergência. Sua primeira ação foi a doação de "care packets" (pacotes de cuidado) para a França, em maio de 1946. Passada a fase de emergência, as ONGs reunidas na Care viram a necessidade de combater a pobreza e continuaram seu trabalho com este objetivo.

Hoje, a Care Internacional funciona como uma espécie de federação, com 12 membros, e tem sede em Genebra, na Suíca. A entidade capta recursos junto a empresas e pessoas físicas para a realização de vários projetos em 69 países em desenvolvimento. Entre as diversas áreas de atuação da Care, destacam-se projetos em água e saneamento, microcrédito, educacão de meninas (que em muitos países têm menos oportunidades que os meninos) etc.

No Brasil, a Care iniciou sua atuação em 2001. "Trata-se de um projeto estratégico da Care International porque o Brasil conta com um enorme volume de tecnologias sociais, ou seia, processos e soluções na área social", explica Renata Monteiro Pereira, gerente de mobilização de recursos da Care Brasil. "Nossa idéia é ter um papel diferenciado no Brasil e poder levar esta tecnologia para a federação que constitui a Care International."

Para maiores informações, acesse o site da Care Brasil: www.care.org.br Para dar sua contribuição financeira, a partir de R\$ 15,00 mensais, procure o link no site ou, então, entre em contato com a central de atendimento da entidade pelo telefone (11) 4062-2273

74 VOZ COMERCIÁRIA/DEZEMBRO DE 2007 75



Excelência no combate ao câncer infantil e cura em 70% dos casos



O GRAACC - Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer - é uma instituição sem fins lucrativos, localizada na Capital de São Paulo, criada para garantir a crianças e adolescentes com câncer o direito de alcançar todas as chances de cura com qualidade de vida, dentro do mais avançado padrão científico. O hospital do GRAACC realiza mensalmente cerca de 2.500 atendimentos, entre sessões de quimioterapia, consultas, procedimentos ambulatoriais, cirurgias, transplantes de medula óssea e outros. Além do diagnóstico e tratamento do câncer infantil, o GRAACC atua no desenvolvimento do ensino e pesquisa

Glória Alves

m 1991 nasce o GRAACC - Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer - graças à iniciativa do Dr. Sérgio Petrilli, então chefe de setor de Oncologia do Departamento de Pediatria da Escola Paulista de Medicina, de Jacinto Antonio Guidolin, então engenheiro voluntário, e de Léa Della Casa Mingione, na época experiente voluntária do Hospital do Câncer. O primeiro passo foi transferir o Setor de Oncologia Pediátrica do Hospital São Paulo para uma casa, que ficou conhecida como a "casinha". Os pequenos pacientes eram atendidos neste local, dentro do conceito hospital dia, onde os pacientes recebiam atendimento médico e assistencial e voltavam para as suas casas. O GRAACC, fundamentado na parceria universidade/empresa/comunidade, despertou em empresas e instituições de larga visão social a confiança e o interesse em participar da construção do Instituto de Oncologia Pediátrica - IOP. Em maio de 1998, esse sonho se torna realidade. É construído um moderno hospital de nove andares e dois subsolos, em 4.200 m², especializado no atendimento de criancas e adolescentes com câncer. Hoie, o hospital é gerenciado e administrado pelo GRAACC e a assistência médica, ensino e pesquisa são conduzidas graças a um convênio com a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP/EPM).

Visão estratégica

Unindo valores como ética, competência, solidariedade, trabalho em equipe, entre outros, a missão do GRAACC, segundo seus fundadores, é garantir a crianças e adolescentes com câncer, dentro do mais avançado padrão científico, o direito de alcançar todas as chances de cura com qualidade de vida. Para isso adotou as seguintes estratégias:

- Disponibilização de recursos técnicos, científicos e humanos adequados, atuando como centro de referência em diagnóstico e tratamento do câncer infantojuvenil.
- Apoio multidisciplinar e suporte social, com a finalidade de manter a adesão ao tratamento.
- Treinamento e capacitação profissional, buscando multiplicar conhecimento e promover impacto na assistência à saúde do país.
- Trabalho constante em parceria, somando esforços com a Comunidade, Universidade e Empresariado, através de mobilização de recursos, gestão participativa e potencialização de conhecimento.
- Atuação efetiva do voluntariado.
 Garantia de acesso ao tratamento às crianças e aos jovens de famílias de baixa renda.



Dr. Sérgio Petrilli

Palavras do Dr. Petrilli

O câncer da crianca e do adolescente deve ser considerado, nos dias atuais, como uma nova doenca. Devemos lutar para mudar suas feições, seu conceito, pois, diferente de anos atrás, quando era considerado como uma doença habitualmente fatal, é possível conseguir índices de cura em cerca 70% dos casos. Podemos ainda manter estas crianças inseridas na sociedade, com qualidade de vida, participando como cidadãs atuantes e com direito a serem felizes. Para que tal objetivo seja alcançado, dois fatores são indispensáveis. Primeiro, diagnóstico precoce, e segundo, condições adequadas de tratamento.

Desta forma, o GRAACC propôs uma parceria à UNIFESP-EPM (Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina) para prestar assistência, ensino e pesquisa nesta área, atendendo pacientes provenientes de todas as camadas da população, em especial crianças e adolescentes provenientes do SUS - Sistema Único de Saúde. Com apoio da comunidade, construiu o Instituto de Oncologia Pediátrica, um centro de referência na área médica e científica, com todos os recursos para assistência ao paciente com câncer. O GRAACC oferece ainda suporte para as famílias, fornecendo vale-transporte, alimentação e acomodação para permanência na Casa de Apoio, o que melhora a aderência das famílias ao tratamento.

Ao lado do atendimento, promovemos por meio de nossa equipe de saúde, intenso programa de ensino na Universidade, através do Departamento de Pediatria, para os níveis de graduação em Medicina e cursos de Residência em Pediatria, Especialização em Oncologia e Pós-Graduação. Participamos ainda de cursos de atualização e esclarecimentos para as diferentes sociedades médicas e para a comunidade, visando orientar para o diagnóstico precoce, interpretando melhor a doença e promovendo sua desmistificação junto à sociedade. Lembre-se: informação é o melhor remédio.

Uma parceria que dá certo!

Segundo os dirigentes da entidade, projetos desenvolvidos por instituições de porte, como é o caso do GRAACC, só serão bem-sucedidos se contarem com a participação efetiva da classe empresarial. Não só pelo investimento financeiro, mas principalmente pela transferência de suas experiências administrativas vencedoras ao hoie denominado Terceiro Setor. "Dizer que a comunidade e o empresariado no Brasil estão acordando para a solidariedade também é um pouco temeroso. Baseado em nossa experiência e em fatos históricos, podemos afirmar que o povo brasileiro é e sempre foi solidário", diz Dr. Petrilli.

As pessoas maiores de 40 anos devem lembrar que na década de 70 muitos serviços de saúde pública eram suportados pelas Santas Casas e pelos Hospitais das comunidades de imigrantes, como Beneficência Portuguesa, Sírio Libanês, Hospital Matarazzo, entre outros. Com o advento do SUS -Sistema Único de Saúde -, essas instituições passaram a devolver ao Estado a total responsabilidade do atendimento que, como quase tudo, acabou sendo nivelado por baixo. Para grande parte dessas entidades, as dificuldades foram imensas, tanto que o Hospital Matarazzo (da colônia italiana) acabou fechando suas portas.

As organizações sem fins lucrativos vieram ocupar esse vazio deixado e retomar essas atividades que, em parte, já foram suportadas pela comunidade, não somente por meio de reivindicações ao poder público, mas especificamente por parcerias com o setor privado. Para tanto, o Terceiro Setor se coloca à disposição da sociedade,

dando transparência de seus atos, abrindo ao empresariado uma participação efetiva em seus quadros, inclusive diretivos. Procura ainda juntar peças como a solidariedade da comunidade, o saber de algumas instituições governamentais, como as universidades, e a agilidade administrativa e gerencial do empresariado.

Com isso o GRAACC - Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer - pôde, em poucos anos de vida, passar da chamada "casinha" - de pouco mais de 80 m² - para um hospital especializado no tratamento do câncer infantil de 4.200 m². Este espaço abriga área para Quimioterapia, Consultórios, Laboratórios de Genética, Hematologia e Transplante de Medula Óssea, Internação, Centro Cirúrgico, Unidade de Terapia Intensiva – UTI –, Centro de Diagnóstico por Imagem, Centro de Transplante de Medula Óssea e Área de Reabilitação. Os serviços oferecidos pelo GRAACC garantem cura em cerca de 70% dos casos e 0% de abandono do tratamento. Comunidade, universidade e empresários: uma parceria que dá certo. O GRAACC é uma prova disso.

Uma nova casa de apoio

O GRAACC oferece atendimento para crianças e adolescentes de diversos Estados do Brasil e de cidades do interior do Estado de São Paulo. A maioria dessas crianças não tem onde se hospedar para poder dar següência ao tratamento, que exige, em média, dezoito meses de cuidados intensos. Para dar suporte a essas criancas e seus acompanhantes, o GRAACC resolveu implantar, em 1993, o projeto Casa de Apoio, que tem a finalidade de hospedar pacientes de fora da capital. A primeira unidade inaugurada hospedava até oito pacientes e seus acompanhantes. Como o atendimento do hospital passou a crescer constantemente, as acomodações foram ampliadas e, em 2001, foi inaugurada a segunda Casa de Apoio do GRAACC. O local acomodava até 15 famílias, com alimentação, recreação e uma ala especialmente montada para receber as crianças que sofreram transplante de medula óssea.

Porém, o atendimento às crianças e adolescentes não parava de crescer. Em 2007, o GRAACC e o Instituto

Ronald McDonald inauguraram a primeira Casa Ronald McDonald da cidade de São Paulo. A unidade é a terceira do País e a 265^a do mundo a integrar o programa internacional da Ronald McDonald House Charities. A nova casa, construída e gerenciada pelo GRAACC, tem capacidade para abrigar até 30 pacientes com acompanhantes. No local trabalham dois funcionários e 50 voluntários que acompanham o desenvolvimento das crianças e adolescentes. As crianças hospedadas recebem todo o suporte psicossocial, nutricional, pedagógico, jurídico e, principalmente, afetivo. A Casa Ronald McDonald São Paulo está localizada no Planalto Paulista e tem 2.200 m² de área construída. Os apartamentos são exclusivos para o paciente e seu acompanhante, e o local ainda conta com salas de estar e re-

feição, cozinha equipada, lavanderia e

jardins, garantindo assim conforto e qualidade de vida às crianças.

Brinquedoteca terapêutica Senninha

A Brinquedoteca Terapêutica Senninha é um espaço, dentro do hospital, onde os pacientes e seus acompanhantes aguardam consultas e procedimentos. Realizada pelo GRAACC em parceria com o Instituto Ayrton Senna, a Brinquedoteca é uma sala de espera diferenciada, que conta com o apoio de uma equipe profissional especializada em garantir à criança seu direito de brincar. Mas a Brinquedoteca também é o espaço do hospital onde se realizam as mais diversas atividades, conduzidas pelos profissionais da própria Brinquedoteca e por profissionais e voluntários ligados a atividades artísticas.







Entre os serviços oferecidos estão as oficinas psicopedagógicas, orientação psicológica aos pais, brincadeiras orientadas e atividades lúdicas durante a internação. Além disso, através da psicologia, a Brinquedoteca desenvolve projetos multidisciplinares importantes para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes, envolvendo a preparação para procedimentos, com a utilização de um boneco terapêutico, e o Projeto de Profissionalização, voltado para o público adolescente. Também são desenvolvidas outras atividades, como o empréstimo de livros, fitas de vídeo e festas de comemoração em datas significativas. A Brinquedoteca mantém, nos andares de internação, três carrinhos fixos com brinquedos, organizados e limpos diariamente pela sua equipe de voluntários. No andar em que acontecem as quimioterapias, onde as criancas permanecem imobilizadas por um longo tempo, existe a bringuedoteca Circulante.

Saiba o que é o câncer

Câncer é um conjunto de doenças, nas quais existe uma multiplicação

anormal de células doentes. Às vezes, as células continuam tendo uma aparência normal e ficam só no lugar onde nasceram. Dizemos, então, que existe um tumor "benigno". Quando as células têm aparência diferente do normal, multiplicam-se muito e têm a capacidade de produzir metástases, ou seja, começam a se espalhar por várias partes do corpo, dizemos que existe um tumor "maligno" ou câncer. Apesar de o câncer ser raro em crianças, depois de acidentes e de doenças infecciosas, o câncer é a causa de morte mais frequente! Câncer não é contagioso. Na maior parte dos casos, não se sabe por que uma criança desenvolveu um tumor. Sabemos que, em geral, as crianças não herdam e nem nascem com câncer. Os tipos de câncer mais comuns em criancas são:

- Leucemias (33%)
- Tumores do Sistema Nervoso Central (20%)
- Os Linfomas (12%)
- Neuroblastoma (8%)
- Tumor de Wilms, dos rins (6%)
- Tumores de Partes Moles (6%)
- Tumores dos ossos (5%)

Tratamento

Quanto antes o câncer é diagnosticado e o tratamento iniciado, maior é a chance de cura. Assim que identifica o tipo de tumor, o oncologista pediátrico determina o tratamento mais indicado. Cada tipo de câncer requer um tratamento diferente, que pode incluir: cirurgia, quimioterapia, radioterapia e transplante de medula óssea.

Cirurgia

A cirurgia pode ser realizada no momento do diagnóstico ou depois da quimioterapia, que pode diminuir o tamanho do tumor e tornar a cirurgia mais segura. Um oncologista pediátrico deve ser sempre consultado antes da cirurgia. Algumas vezes outros exames podem ser realizados para fornecer o diagnóstico do tumor, sem a necessidade de cirurgia. Existem tumores que não devem ser retirados, somente biopsiados e tratados com quimioterapia. Em outros casos, a cirurgia pode ser fundamental para a cura, devendo-se planejar retirar o tumor em uma ou mais cirurgias.

- Retinoblastoma, nos olhos (3%)
- Doença de Hodgkin
- Histiocitose
- Tumores Germinativos

Quimioterapia

A quimioterapia é realizada com medicamentos especiais para tratar o câncer, em geral aplicados na veia. Algumas formas de quimioterapia podem ainda ser administradas por via oral (por boca), via intramuscular e intratecal (diretamente no líquido da espinha). A quimioterapia destrói todas as células que estão se multiplicando rapidamente. Os efeitos colaterais são variáveis. Os mais comuns são náuseas, vômitos, queda de cabelo, parada da produção do sangue, que pode levar à anemia, diminuição das plaquetas (responsáveis pela coagulação do sanque) e dos glóbulos brancos ou leucócitos (responsáveis pelas defesas do organismo contra as infecções). Às vezes, as crianças em quimioterapia precisam de transfusões de sangue. O sangue não pode ser produzido e nem comprado. Todo o sangue tem que ser doado. Doando sangue estamos ajudando as crianças com câncer.

Por isso, é necessário saber sobre os diversos tipos de câncer infantil e estar alerta para a ocorrência de qualquer sinal suspeito, a fim de levar ao conhecimento do médico, que identificará a doença logo no início para tratá-la com a maior rapidez. Como vimos, o câncer infantil deve ser tratado. Entretanto, os índices de sucesso dependem do diagnóstico precoce seguido de tratamento imediato em centros especializados. Quanto antes for descoberto, maior a chance de cura.

Radioterapia

A radioterapia é aplicação de irradiação no local do tumor, por meio de máquinas muito especiais. A radioterapia deve ser realizada por médicos radioterapeutas com experiência no cuidado de crianças, pois há muitas diferenças na radioterapia de crianças, se comparadas com a de adultos.

Transplante de medula óssea

O transplante de medula óssea é indicado somente para o tratamento de alguns casos de câncer. Medula refere-se à medula óssea, o tutano dos ossos, onde o sangue é produzido. Transplante de medula é a transfusão de células muito jovens, chamadas de células progenitoras ou células-mãe, que têm a capacidade de produzir todas as células do sangue. A quimioterapia, utilizada para combater o câncer, não é específica e não tem a capacidade de distinguir entre células cancerosas e células normais. A quimioterapia mata todas as células que estão constantemente se multiplicando.

Como as células do sangue estão sempre em multiplicação, a medula também é muito afetada. Em tumores que não respondem ao tratamento em doses comuns, muitas vezes é necessário utilizar doses de quimioterapia muito mais altas. Estas doses normalmente não são toleradas porque o efeito sobre a medula é muito importante e as crianças podem falecer de sangramentos ou infecções. Uma maneira de contornar este problema é realizando o transplante de medula, ou seja, infundindo células progenitoras, que não sofreram os efeitos da quimioterapia, para que produzam novamente as células sanguíneas normais. Pode-se colher medula do osso da bacia de um doador compatível (geralmente irmão) ou, em alguns casos, do próprio indivíduo. Esse material é filtrado e aplicado na veia do paciente. Em duas ou três semanas, a medula já produz sangue novo, o que pode ser constatado no hemograma.

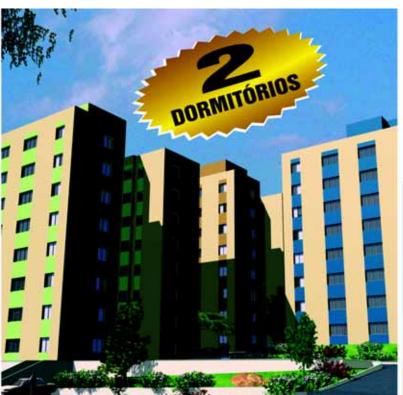
Diagnóstico

O diagnóstico precoce, a descoberta do câncer em fases iniciais, é a maior chance de cura que podemos dar para quem tem câncer. O câncer é freqüente em adultos e, felizmente, raro em crianças. Nos adultos existem métodos de prevenção, ou melhor, de diagnóstico precoce já bastante conhecidos para os cânceres mais comuns: pele, próstata, seio (mama) e colo do útero. Nas crianças, a maior parte dos sintomas do câncer pode parecer com

doenças comuns. Mas, então, como saber que uma criança pode ter câncer? Todos os sintomas devem desaparecer em uma ou duas semanas. Se a criança continuar sentindo os mesmos sintomas, devemos levá-la de volta ao médico para que seja examinada e outros exames sejam feitos. Os sinais de alarme para o Pediatra, que podem indicar que a criança pode ter câncer, são:

- Febre que não resolve.
- Muitos hematomas, manchas roxas, em lugares que geralmente não aparecem, sem a criança ter batido.
- Dores nas pernas que fazem
- a criança não querer andar.
- Anemia muito importante.
- Adenomegalias, aumento dos gânglios (ínguas), que vão crescendo, com ou sem dor no local.
- Dor e inchaço nas articulações (juntas).
- Todas as dores que não cessam e que fazem a criança parar de brincar ou acordar à noite.
- Cefaléia, dor de cabeça, que acontece com muita freqüência, principalmente se for de manhã ou acompanhada de vômitos.
- Perda do equilíbrio.
- Dor que não passa em uma perna ou um braço, com ou
- sem inchaço e vermelhidão. - Inchaço na barriga que vai aumentando sozinho.
- Tumor, "bola" que se apalpa na barriga, com ou sem dor.
- Reflexo branco na pupila ("menina do olho"), quando tirada fotografia com flash.
- Sangue na urina.
- Pressão alta.
- Aumento do escroto ou endurecimento de um dos testículos.

Para conhecer o hospital do GRAACC, basta entrar em contato e agendar uma visita pelos telefones: (11) 5908 9116/ 9111. O programa contém uma palestra de uma hora no auditório da instituição.



Comerciário, moradia para você e sua família com conforto e trangülidade...



APARTAMENTOS COM 50m² DE ÁREA ÚTIL

R. Freguesia de Poiares, 178 (10 minutos do metrô Itaquera)



CONDOMÍNIO FECHADO!

Apartamentos com dois quartos, sala para dois ambientes, cozinha, banheiro, área de serviço além de salão de festas, playground e uma vaga na garagem.





COOPERATIVA DOS COMERCIÁRIOS

Rua Formosa, 409 - 9º andar - Tels.: 2111-1845/1846

SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE SÃO PAULO

www.comerciarios.org.br Ricardo Patah, presidente

PASSATEMPO

HORIZONTAIS

1. Transmitido em circuito fechado de sinais de áudio ou vídeo para um ou mais pontos -2. Recipiente mais adequado para o mate ou chimarrão do gaúcho, já que não modifica o seu sabor, não permite que a erva figue lavada precocemente, e não alterando ainda, a temperatura da água - 3. Exprime dor, surpresa, admiração - Sigla do Estado do Maranhão - O fim de todo ser humano - 4. Óxido de Cálcio normalmente utilizado na indústria da construção civil para elaboração das argamassas - Sofrimento moral, mágoa, pesar - 5. Sigla do Rio Grande do Norte -Advérbio que exprime a idéia de lugar - American Airlines - 6. Rio que passa pela Europa e Ásia, o seu leito é uma das linhas de divisa entre os dois continentes - 7. Que tem sabor adstringente, penetrante, desagradável.

VERTICAIS

 Retorno positivo de um investimento feito por um indíviduo ou uma pessoa nos negócios Primeiro nome do criador do personagem 'James Bond', mais conhecido como 007 Emenda Constitucional - Aquele ou aquilo que ocupa o primeiro lugar numa série - 4. Bebida alcoólica obtida a partir da destilação do melaço-Período geralmente longo, que dá origem a uma nova ordem de coisas - 5. Dama de companhia -Larga extensão de água salgada conectada com

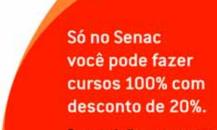
1 2 3 4 5 6 7 8 1 2 3 4 5 6 7 8 1 3 4 5 6 7 8

um oceano - **6.** Contração da preposição *de* com o artigo *a* - Grande conglomerado Sul-Coreano, produz eletrônicos, telefones celulares e produtos petroquímicos - **7.** Município do Estado de São Paulo - **8.** Cobra de pequeno porte, facilmente reconhecida por seu colorido vivo.

CRUZADAS

RESPOSTAS





Quem trabalha em empresas que contribuem com o Senac tem desconto exclusivo em nossos cursos.

Pense na frente

Como saber se você tem direito ao desconto de 20%:

 Procure a unidade do Senac mais próxima e consulte a lista das empresas contribuintes do Senac. Se a sua empresa fizer parte da lista, você tem direito ao desconto.

Importante

 Esse beneficio é restrito aos funcionários na ativa e não se estende a dependentes e aposentados.

Escolha o curso, o horário e o local

 O desconto é válido para cursos técnicos, de qualificação ou livres, em todos os períodos disponíveis e unidades do Senac São Paulo.

Como aproveitar

 Basta apresentar a carteira profissional ou o último holerite.*

O descento não se aplica aos programas de ensino superior, aos hotéis-escola e ás publicações da Editora Senac São Paul

 Se a sua empresa não constar na lista de contribuintes, confira os documentos necessários pelo telefone.

0800 883 2000 - www.sp.senac.br



o conhecimento transforma

Um banco que oferece Empréstimo Consignado com uma taxa especial para comerciários? Esse banco existe? Esse banco é Real.

"Sujeito a analise e aprovação de crédito. O valor minimo a ser empressado é de R\$ 200 podem ser alteradas ou extintas a qualquer tempo, portanto só podem ser usufruídas er

O Empréstimo Consignado* tem uma taxa especial para funcionários de empresas associadas ao Sindicato dos Comerciários de São Paulo. Você faz o empréstimo, mesmo sem ter conta no Banco Real, e os pagamentos são descontados diretamente da sua folha de pagamento, em até 36 meses. Veja se a sua empresa possui este convênio ou procure um de nossos gerentes.

O banco da sua vida.

